



# **O que aprendemos quando ensinamos Educação Física?**

## **Relatos da experiência do Estágio de Docência na Educação Infantil**

**Organizadores:**

**Jamile Mezzomo Klanovicz**

**Lisandra Oliveira e Silva**

**Tiago de Matos Braga**

# **O que aprendemos quando ensinamos Educação Física?**

**Relatos da experiência  
do Estágio de Docência  
na Educação Infantil**

**Organizadores:**

**Jamile Mezzomo Klanovicz  
Lisandra Oliveira e Silva  
Tiago de Matos Braga**

**Alexandra D'Avila**  
**Cíntia Menezes Guimarães**  
**Guilherme Magalhães Testa**  
**Isadora Loch Sbeghen**  
**Jaciane Ferreira Brum**  
**Jamile Mezzomo Klanovicz**  
**Letieli Cristina de Souza**  
**Lisandra Oliveira e Silva**  
**Lisiane Torres Cardoso**  
**Maicon Pereira Moraes**  
**Míriam Stock Palma**  
**Pedro Lopez da Cruz**  
**Rafael Martinelli**  
**Simone Santos Kuhn**  
**Tiago de Matos Braga**  
**Vicente Molina Neto**

### CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Q3 O que aprendemos quando ensinamos Educação Física?: Relatos de experiência do Estágio de Docência na Educação Infantil / Organização Jamile Mezzomo Klanovicz, Lisandra Oliveira e Silva, Tiago de Matos Braga; Prefácio Vicente Molina Neto – Porto Alegre: ESEFID/UFRGS, 2016.

139 p.; il.

ISBN: 978-85-9489-006-1

1. Educação Física. 2. Ensino. 3. Docência. 4. Escola. 5. Educação Infantil. I. Klanovicz, Jamile Mezzomo. II. Silva, Lisandra Oliveira e. III. Braga, Tiago de Matos.

CDU: 796:373

O conteúdo desta obra, inclusive revisão ortográfica,  
é de responsabilidade exclusiva das autoras e dos autores.

# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO .....</b>	<b>08</b>
-----------------------	-----------

Vicente Molina Neto

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>11</b>
---------------------------	-----------

Jamile Mezzomo Klanovicz

Lisandra Oliveira e Silva

Tiago de Matos Braga

<b>CONTEXTUALIZANDO O ESTÁGIO DE DOCÊNCIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL .....</b>	<b>16</b>
--	-----------

Lisandra Oliveira e Silva

Lisiane Torres Cardoso

<b>MONITORIA ACADÊMICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O CASO DA DISCIPLINA DE ESTÁGIO DE DOCÊNCIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>26</b>
---	-----------

Tiago de Matos Braga

<b>O CONTEXTO SOCIOCULTURAL DAS CRIANÇAS E A INFLUÊNCIA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A CONSTRUÇÃO DE UMA PROFESSORA .....</b>	<b>35</b>
--	-----------

Jamile Mezzomo Klanovicz

<b>A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>44</b>
--	-----------

Cíntia Menezes Guimarães

Simone Santos Kuhn

<b>ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE TRABALHO INTEGRADO .....</b>	<b>53</b>
Guilherme Magalhães Testa Isadora Loch Sbeghen	
<b>APRENDIZAGENS CONSTRUÍDAS NO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>65</b>
Jaciane Ferreira Brum	
<b>A IMPREVISIBILIDADE DA DOCÊNCIA: APRENDIZAGENS E DESAFIOS DO ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>74</b>
Maicon Pereira Moraes	
<b>EDUCAÇÃO FÍSICA E O LÚDICO: AS COMPREENSÕES DO DOCENTE E DAS CRIANÇAS .....</b>	<b>88</b>
Pedro Lopez da Cruz	
<b>O CIRCO COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA E NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>100</b>
Rafael Martinelli	
<b>AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>115</b>
Alexandra D'Avila	
<b>METAMORFOSES POSSÍVEIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>122</b>
Letieli Cristina de Souza	
<b>ESTÁGIO DE DOCÊNCIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES .....</b>	<b>129</b>
Míriam Stock Palma	
<b>SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES .....</b>	<b>137</b>

## PREFÁCIO

Vicente Molina Neto<sup>1</sup>

O tema que articula e impregna de sinergia o livro eletrônico **“O que Aprendemos Quando Ensinamos Educação Física? Relatos da Experiência do Estágio de Docência na Educação Infantil”** é a relação entre a formação docente, representada pela experiência de ensinar e de aprender no Estágio Curricular, e a contribuição da Educação Física para a Educação Infantil. No meu modo de ver, o nível de ensino que apresenta maiores dificuldades e desafios para a estudentada que realiza suas práticas docentes em ambientes escolares e para o professorado em geral. Dificuldades que tem a ver com os limites curriculares que as Licenciaturas em Educação Física em geral impõem aos estudantes, quanto ao entendimento idealizado do que é ser criança, a baixa instrumentalização didática para trabalhar com os pequenos e o seu discurso político-epistemológica que frequentemente centra a produção de conhecimento em outros âmbitos da formação humana.

Quando Lisandra Oliveira e Silva, Tiago de Matos Braga e Jamile Mezzomo Klanovicz nos perguntam: “O que aprendemos quando ensinamos Educação Física”, além de alinharem-se a perspectiva de Paulo Freire sobre a indissociabilidade do ensinar e do aprender, estão chamando nossa atenção: “– Atenção: Estão acontecendo eventos nas escolas que precisamos estudar e pensar sobre eles. Há um tipo de conhecimento que está circulando que sua integração aos processos de formação do professorado de Educação Física urge.” Em outras palavras, não só os organizadores, mas todos os autores, de certa forma, mostram que as instituições formadoras e seus currículos acadêmicos precisam incorporar os conhecimentos produzidos no campo da prática pedagógica em ambientes escolares.

Por outro lado, quando os organizadores trazem a público as narrativas dos estudantes de Educação Física sobre suas experiências nas escolas, estão indo a contrapelo da tradição oral que muito circula nos ambientes escolares e na tradição desse Componente Curricular. Eles estão registrando suas percepções, suas

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia e Ciências da Educação pela Universidade de Barcelona. Docente de Graduação e Pós-Graduação da ESEFID/UFRGS. Líder do Grupo de Estudos F3P-EFICE da ESEFID/UFRGS, Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil. E-mail: Vicente.neto@ufrgs.br.



aprendizagens e seus estágios de professores iniciantes para que outros possam deles aprender. Mas, sobretudo, voltando a Freire, o conteúdo dos capítulos desse livro eletrônico representa para aqueles que normalmente não têm a oportunidade de dizer a sua palavra. Se colocar como sujeito no mundo. Fato que tem efeitos na identidade docente dos estudantes, que em breve, serão professores iniciantes na carreira.

As narrativas docentes em pesquisas recém-findas pelo Grupo de Investigação que participo vêm mostrando que o contexto da escola e da comunidade escolar, tanto em seus aspectos físicos visíveis, quanto os aspectos socio-econômicos e ideológicos invisíveis, interferem na construção da identidade docente dos professores de Educação Física iniciantes e no trabalho que efetivam nos ambientes escolares, na organização de suas práticas de ensinar e de aprender e em suas relações interpessoais na escola. Muitas vezes, experiências docentes sem respaldo institucional, sem apoio pedagógico e sem a acolhida de colegas mais experientes, resultam em uma dolorosa iniciação docente.

Não há protocolo, muito menos procedimentos consolidados para que os estudantes e professores possam superar esses desafios e conflitos resultantes de uma iniciação difícil. Grande parte dos estudantes de Educação Física, sabedores sobre o que acontece com o ensino nas escolas, especialmente as públicas, precocemente perdem o interesse na carreira docente. Outra parte, ainda mantém o interesse e vão assumindo certos compromissos com a docência. Diante das dificuldades, o mais fácil é buscar uma saída individualizada para superá-las no início da carreira docente (Lisandra, Tiago, Jamile e os autores dos diferentes capítulos que compõem esta obra não parecem pensar nesse modo de solução). Creio que estão cientes desse contexto que abarca a Formação e o Estágio. Assim, propõem uma obra em que estudantes, além de dizerem sua palavra, exercitam a dialógica conversando sobre suas práticas uns com os outros.

O Estágio é uma experiência única e transcendente na formação dos estudantes. Seus efeitos, ao mesmo tempo em que consolidam a perspectiva discente que têm do ensino, da escola, dos professores, da Educação e da Sociedade, também instauram outro modo de vê-los. Nessa ambiguidade, a ansiedade e a insegurança do quê e como ensinar, como lidar com seus alunos, como ser e estar na escola, ganham proporções, muitas vezes assustadoras, no dizer de Freire, "um

inédito viável”, por isso a necessidade de orientadores qualificados com capacidade de escuta para entender o que diz o olhar do estudante quando ultrapassa o portão da escola e entra em sala de aula pela primeira vez. O livro eletrônico que prefacio é rico em evidência da responsabilidade que essas “orientadoras” de Estágio demonstram com seu trabalho docente e seus estudantes, agora protagonistas e autores de textos muito interessantes.

**Vicente Molina Neto**

## APRESENTAÇÃO

É com muita gratidão que apresentamos esse livro eletrônico, que objetiva, primeiramente, provocar estudantes da Formação Inicial do Curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da cidade de Porto Alegre/Rio Grande do Sul, a escreverem sobre suas práticas pedagógicas em escolas públicas e experiências docentes construídas no primeiro Estágio de Docência do referido Curso, focando nos desafios e nas aprendizagens que envolvem o tornar-se professor e professora de Educação Física na Educação Infantil.

Todos os dez textos que compõem o livro, escrito por doze estudantes, focam nessa experiência de Estágio e procuram narrar o vivido, ou seja, o que planejaram, leram, desejaram, realizaram, refletiram, discutiram e viveram ao serem docentes de Educação Física com turmas de Maternal e de Jardim, em três Instituições de Educação Infantil – parceiras da UFRGS na realização dos Estágios de Docência – no período de agosto de 2015 a julho de 2016. Os demais três textos que integram o livro – dois capítulos escritos por docentes da ESEFID/UFRGS que orientam Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil e o Prefácio escrito por docente da ESEFID/UFRGS que orienta Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental – procuram contextualizar e propor reflexões sobre a prática de orientar, de supervisionar e de construir aprendizagens com estudantes na Formação Inicial, na tarefa de formar docentes na contemporaneidade, a partir de uma política de acompanhamento cotidiana, mediada e reflexiva.

Retomo que os capítulos dos(as) estagiários(as), são frutos de um exercício intelectual que realizamos ao final do Estágio, denominado de “Ensaio”. Tal produção escrita, objetiva que cada estudante escreva um texto (de no mínimo dez páginas), sobre um tema de sua escolha, vivido durante o período de Estágio. A temática pode ser algo que o(a) tenha desafiado(a) na experiência docente, algo que não soube exatamente como lidar, uma experiência de sucesso e que tenha contribuído com sua formação docente, ou, elementos desafiadores e aprendizagens construídas a partir dessa experiência. Estabelecemos, em nossos acordos pedagógicos, que o Ensaio contenha referencial teórico, ou seja, dialogue com alguns(mas) autores(as) que os(as) estudantes escolhem, e que, ao mesmo tempo, se apoie em elementos de

sua prática pedagógica do Estágio, descritos no Diário de Campo (estratégia metodológica utilizada que o(a) estagiário(a) registra, de modo escrito, sua experiência e reflexão durante o Estágio). Destacamos que, os Ensaios entregues ao final de cada semestre letivo, passaram por avaliações, releituras, aprofundamento de pontos específicos, novas reflexões e, de certo modo, foram reescritos, até chegarem à versão final que apresentamos neste momento.

O texto de Tiago de Matos Braga, "Monitoria Acadêmica e Formação de Professores: o Caso da Disciplina de Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil", narra sua experiência de Monitor (Voluntário e Acadêmico) desta Atividade de Ensino, por dois anos, e o impacto da presença do Monitor nas atividades dos(as) estagiários(as) nas escolas de Educação Infantil e a contribuição na Formação Inicial de seus(suas) próprios(as) colegas de Curso.

No capítulo, "O Contexto Sociocultural das Crianças e a Influência na Aula de Educação Física: a Construção de uma Professora", Jamile Mezzomo Klanovicz, conta a relação de sua construção docente com a experiência do Estágio na Educação Infantil. Jamile reflete sobre a influência que o contexto sociocultural vivido pelas crianças tem nas aulas de Educação Física e a importância do(a) docente conhecer esse contexto, tanto para o planejamento das aulas, quanto para construir elementos que ajudam no sucesso da prática pedagógica.

A reflexão sobre o tornar-se docente, foi o tema escolhido por Cíntia Menezes Guimarães e Simone Santos Kuhn, no capítulo intitulado, "A Construção da Docência na Educação Infantil", que, a partir de um relato reflexivo, conta como organizaram o trabalho pedagógico da Educação Física no Estágio e narram os principais desafios encontrados e as principais aprendizagens construídas neste processo.

Guilherme Magalhães Testa e Isadora Loch Sbeghen, a partir de suas experiências docentes, compartilham, do mesmo modo, os desafios e os aprendizados do Estágio, destacando como foram estabelecendo parcerias de trabalho na Instituição de Ensino e narram a possibilidade de colocar em prática uma Proposta Pedagógica integrada na Educação Infantil, a partir da Educação Física, no capítulo intitulado, "Estágio de Educação Física na Educação Infantil: uma Proposta Pedagógica de Trabalho Integrado".

Jaciane Ferreira Brum, que foi Monitora do Estágio de Docência de Educação Física na Educação Física, no segundo semestre de 2015, nos apresenta, no capítulo,

“Aprendizagens Construídas no Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil”, um apanhado das experiências construídas no Estágio e as primeiras descobertas da docência, que lhe deixaram marcas positivas, quanto à possibilidade do trabalho na escola.

No texto, “A Imprevisibilidade da Docência: aprendizagens e Desafios do Estágio de Educação Física na Educação Infantil”, Maicon Pereira Moraes, chama a reflexão, sobre um elemento que permeia o exercício docente: a imprevisibilidade. E destaca, que o(a) docente de Educação Física deve ter estratégias diversas, capacidade de leitura do contexto da aula e atividades/brincadeiras extras, para lidar com as situações inesperadas.

Propondo uma reflexão sobre o lúdico e as compreensões de docentes e das crianças na Educação Infantil, Pedro Lopez da Cruz reflete e relata sua experiência de Estágio, apresentando os objetivos de trabalho, as intenções pedagógicas e a metodologia utilizada durante as aulas de Educação Física, no capítulo, “Educação Física e o Lúdico: as Compreensões do Docente e das Crianças”.

A temática do Circo está presente no capítulo de Rafael Martinelli, intitulado, “O Circo como Possibilidade Pedagógica na Educação Física e na Educação Infantil”. Neste texto, o autor narra os “baixos” (o declínio instantâneo) e os “altos” (a retomada da prática pedagógica) da docência de Educação Física na Educação Infantil e de como aprendeu, que o Circo e seus elementos, são conhecimentos que podem e devem ser trabalhados na Educação Física. O autor concluiu a Formação Inicial em Educação Física na ESEFID/UFRGS no primeiro semestre de 2016.

Alexandra D’Avila, no capítulo, “Afetividade na Educação Infantil”, reflete sobre a importância da relação docente-criança na Educação Infantil, e, a partir disso, enfatiza a importância de se compreender o contexto que a criança vive fora da escola e como a afetividade pode ser uma aliada nas aulas de Educação Física.

A reflexão sobre as relações de gênero na Educação Física, está presente no capítulo de Letieli Cristina de Souza, “Metamorfoses Possíveis na Educação Infantil”, que compreende a criança como protagonista de sua própria aprendizagem e crescimento pessoal. A autora aprendeu a importância do diálogo durante o Estágio e nos provoca, ao perceber que, “o que meninos e meninas podem ou não fazer na Educação Infantil”, ainda não estava internalizado nas crianças da escola. Em

contrapartida, de algum modo, estava presente nas mediações, nos olhares e nas práticas do universo docente.

O capítulo escrito por Lisandra Oliveira e Silva e Lisiane Torres Cardoso, ambas orientadoras do Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil da ESEFID/UFRGS, intitulado, "Contextualizando o Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil na Escola Superior de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul", procura apresentar um breve relato da construção da atual organização curricular do Curso de Educação Física da ESEFID, implantada a partir do ano de 2012, e, contextualizar a estrutura dos Estágios de Docência de Educação Física (na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio) do referido Curso.

Com forte reconhecimento e felicidade, agradecemos o "Prefácio" deste livro, escrito pelo docente Vicente Molina Neto e o capítulo final, "Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil: desafios e Possibilidades", escrito pela docente Míriam Stock Palma. Vicente e Míriam são docentes da ESEFID/UFRGS com mais de vinte anos de experiência na Formação Inicial e na orientação de Estágios Docentes e aceitaram, sem sombra de hesitação, no momento em que foram convidados(as), a escreverem um pouco sobre o "início" e o "final" deste livro, nos presenteando com seus testemunhos sobre o que estamos nos iniciando a escrever e a tornar público.

Agradecemos imensamente a todos e todas que aceitaram o convite e o desafio de contribuir com seus textos e reflexões para este livro. Do mesmo modo, agradecemos o trabalho sem medidas de Jamile Mezzomo Klanovicz e Tiago de Matos Braga nas tarefas de finalização de capa e de título. Um profundo muito obrigado ao Guilherme Magalhães Testa, que fez toda a arte da capa, sendo incansável em nossos pedidos de alteração "aqui e ali". Juntamente com Guilherme, Isadora Loch Sbeghen, foi "massa crítica pensante" ao sugerir a ideia da capa, composta por quebra-cabeças, que, de certo modo, representam a infinita construção de nossa identificação docente, e, além disso, a criação do vínculo com os sujeitos com os quais trabalhamos na relação pedagógica na escola, neste caso, especialmente as crianças. Agradecemos, ainda, aos(as) estagiários(as) e autores(as) deste livro, Alexandra D'Avila, Isadora Loch Sbeghen, Jamile Mezzomo Klanovicz e Rafael Martinelli, que enviaram ao Guilherme – sob mediação atenta de Jamile e Tiago – as imagens dos desenhos construídos com as crianças no Estágio para

comporem a capa, e que, por tal realidade e lindeza, representam o que desejamos mostrar com nossos textos: o quanto aprendemos com o universo infantil.

Para finalizar, e por ser muito importante, agradecemos de modo especial, às três Instituições de Ensino de Educação Infantil que possibilitaram que esses textos fossem escritos, através da parceria que temos com seus Diretores e Diretoras, Coordenadoras Pedagógicas, Educadoras, Funcionários e Funcionárias e, sobretudo, as crianças.

Desejamos, com muita empolgação e alegria, ótimas aprendizagens a todos e todas, que se aventurarem e permanecerem na leitura deste livro eletrônico!

**Jamile Mezzomo Klanovicz**

**Lisandra Oliveira e Silva**

**Tiago de Matos Braga**

**(Organizadores)**

# **CONTEXTUALIZANDO O ESTÁGIO DE DOCÊNCIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Lisandra Oliveira e Silva<sup>2</sup>

Lisiane Torres<sup>3</sup>

## **1. APRESENTAÇÃO**

O presente texto tem por objetivo contextualizar o Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil da Escola de Educação Física Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Inicialmente, apresentamos um breve relato da construção da atual organização curricular do Curso de Educação Física da ESEFID/UFRGS, implantada a partir do ano de 2012. Posteriormente, expomos a estrutura dos Estágios de Docência de Educação Física (na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio) do referido Curso.

Esperamos que este texto possibilite ao leitor um panorama de como está organizado o Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, cenário no qual os estudantes da ESEFID/UFRGS vivenciam a docência nesta etapa da Educação Básica.

## **2. A CONSTRUÇÃO DA ATUAL ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFID/UFRGS**

A ESEFID/UFRGS é a mais antiga Escola de Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul. Foi criada em 1940, oferecendo o Curso Superior de Educação Física a partir de 1941. Nesses 75 anos de existência, diversas alterações curriculares foram

---

<sup>2</sup> Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança/ESEFID da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Docente de Graduação da ESEFID/UFRGS. Pesquisadora do Grupo de Estudos Qualitativos Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte/F3P-EFICE, Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil. E-mail: lisgba@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Doutora em Ciências do Movimento Humano pela ESEFID/UFRGS. Docente de Graduação da ESEFID/UFRGS. E-mail: lisiane.torres@ufrgs.br.



realizadas. No entanto, a oferta do Curso de Licenciatura em Educação Física foi uma constante no percurso da ESEFID.

O atual Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física<sup>4</sup>, implantado no ano de 2012, foi produto de um processo de discussão com a comunidade Esefidiana que teve início em 2009. Mobilizada por um sentimento de descontentamento com a organização curricular da época, organizada em dois currículos (Bacharelado e Licenciatura), muito similares em sua estrutura e ilustrativos da formação fragmentada na área da Educação Física, a comunidade, constituída por estudantes, docentes e funcionários, decidiu estabelecer um diálogo sobre a formação na área da Educação Física, com vistas a definir os rumos de uma nova estrutura curricular.

Diversos eventos de formação e de discussão foram realizados no ano de 2009, na ESEFID/UFRGS, com o objetivo de promover debates sobre as possibilidades de formação na área da Educação Física.

No ano de 2010, a Comissão Especial de Estruturação Curricular (CERC), tomando como base as discussões realizadas em 2009, sistematiza os princípios que iriam nortear a construção da nova organização curricular. Posteriormente, a referida Comissão, organizou um mapa curricular, tendo referência os campos de atuação elencados pela comunidade: **a Educação Física Escolar; o Esporte e o Lazer; e a Saúde**. A partir desses campos, o currículo foi organizado em três grandes eixos: **1) formação geral**, comum a todo estudante universitário, **2) formação específica**, comum a todo estudante de Educação Física e **3) formação orientada**, de acordo com o campo de atuação profissional:

Não são eixos estanques, pelo contrário, eles se relacionam, se completam, conversam entre si para ampliar a interconexão de conhecimento de quem por eles trafega: o aluno. A comissão começou a discussão pelo fim, ou seja, pela formação orientada, pois era fundamental desmanchar o pensar, no primeiro momento, sob a forma disciplinar. Em seguida, foram pensados os núcleos de conhecimento que sustentariam cada um dos eixos, para em uma última etapa pensar as disciplinas. (ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA/UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2012, p. 8).

---

<sup>4</sup> Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/esef/Arquivos/COMGRAD\\_EFI/ppc\\_licenciatura.pdf](http://www.ufrgs.br/esef/Arquivos/COMGRAD_EFI/ppc_licenciatura.pdf)>.

O ano de 2011 foi marcado pela realização de diversas reuniões de docentes, organizados em grupos de trabalho de acordo com as três áreas de formação orientada (a Educação Física Escolar, o Esporte e o Lazer e a Saúde) para realizar a discussão referente às competências dentro de cada área e as habilidades necessárias para a Formação Inicial em Educação Física. Esta foi uma etapa bastante desafiadora para todos os envolvidos, uma vez que a organização curricular proposta é sustentada em uma concepção de Educação que tem o estudante como centro irradiador do processo de formação. Além disso, há diferentes entendimentos relativos às definições de competências e de habilidades e o grupo de professores apontava a necessidade de aprofundamento sobre essa temática:

Apesar de o binômio competência e habilidade estar consagrado na literatura contemporânea em Educação, e ter permeado os currículos que tomam o aluno como centro do processo de formação, são dois termos que não têm uma definição fechada. Os entendimentos são de várias ordens, mas é possível dizer que as competências e as habilidades são elementos requeridos nos cenários de prática profissional, funcionando como um balizador dos conteúdos a serem selecionados nos eixos, núcleos e disciplinas que compõem esta proposta. Trabalhar por competências implica planejar, ensinar e avaliar de um modo diferente daquele que se está acostumado a lidar no ensino universitário, e o fato de anunciarmos que o currículo da ESEF está inspirado em competências e habilidades não significa dizer que os professores da "casa", bem como os de outros departamentos que lecionam para os cursos de Educação Física, passarão nesta perspectiva a trabalhar imediatamente após a sua implantação. Uma inversão desta magnitude não se faz de um dia para o outro, mas se começa no momento mesmo em que se anuncia. Esta proposta, portanto, é um ponto de partida e não um fim da linha das discussões acerca do currículo (ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA/UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2012, p. 15).

Cumprida a etapa da definição das habilidades e das competências para as três áreas de formação escolhidas, ainda no ano de 2011, os docentes se reuniram para discutirem o alinhamento entre as diversas disciplinas que iriam constituir os diferentes núcleos da nova organização curricular. O desafio posto, naquele momento, era o de superar a superposição de conteúdos e, ao mesmo tempo, permitir o compartilhamento entre saberes docentes no âmbito do Departamento de Educação Física.

Em setembro de 2011, foi finalizada a organização curricular construída através do esforço coletivo de reconhecer as diferenças, em um ambiente onde a

capacidade de escuta e a tolerância foram compromissos assumidos individualmente. De acordo com Fraga (2016):

Nesse vertiginoso processo, as aprendizagens foram extremamente significativas, a principal delas talvez tenha sido a de que o currículo, ao contrário do que pode parecer, é um organismo vivo, pulsante e que está em constante processo de mutação. É assim não apenas porque novos conhecimentos são descobertos, mas porque nele há uma carga subjetiva muito intensa de todos que se envolvem com sua prática (p. 113).

Desde abril de 2012, essa organização curricular tem sido avaliada periodicamente com o intuito de identificar os ajustes que se mostram necessários para superar as dificuldades que o cotidiano da Universidade apresenta, bem como para propiciar a construção das competências e de habilidades almejadas.

### **3. OS ESTÁGIOS DE DOCÊNCIA NO CURRÍCULO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Tendo em vista que a Educação Física caracteriza-se enquanto um Componente Curricular obrigatório nas diferentes etapas da Educação Básica, os Estágios Docentes foram organizados com o intuito de oportunizar o exercício da docência deste Componente em cada uma dessas etapas. Sendo assim, a carga horária total destinada ao Estágio, na atual organização curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física na ESEFID/UFRGS é de 450h, distribuídas de forma igualitária em três Atividades de Ensino: Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental e Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Médio.

É importante ressaltar que essa organização dos Estágios já estava presente na alteração curricular realizada no ano de 2004. As avaliações referentes aos Estágios realizados indicavam que o modelo desenvolvido contribuía de forma efetiva para a construção das competências iniciais necessárias para o exercício da docência no âmbito da Educação Física Escolar.

Nas discussões realizadas com os docentes vinculados ao campo da Educação Física Escolar, em 2010, foi decidido manter essa forma de organização dos Estágios. Naquela ocasião, foi identificada a necessidade de, após a realização dos Estágios de Docência de Educação Física na Educação Infantil e do Ensino Fundamental, desafiar

os estudantes a compreenderem a organização curricular da Educação Física na Escola Básica de forma articulada com estudos especializados sobre currículo. Foi criada, assim, a disciplina "Currículo e Planejamento na Educação Física Escolar". Esta disciplina, os três Estágios de Docência e o Trabalho de Conclusão de Curso, constituem o Núcleo Práticas Docentes em Educação Física Escolar.

Cada um dos Estágios de Docência da ESEFID/UFRGS tem sua organização balizada pela Resolução 31/2007 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRGS que regulamenta os Estágios de Docência dos Cursos de Licenciatura desta Universidade (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2007), e é realizado em Instituições de Ensino da Rede Pública, previamente definidas pelos docentes que realizam a orientação dos Estágios.

A carga horária de cada Estágio de Docência é realizada em 10 horas semanais, divididas em dois dias da semana, durante o semestre letivo da Universidade. Na grade horária das etapas (semestres) do Curso de Educação Física, onde estão previstos os Estágios de Docência, as disciplinas obrigatórias são realizadas em dias da semana diferentes daqueles previstos para os Estágios, garantindo, desta forma, que o estudante curse todas as atividades obrigatórias de cada etapa no turno escolhido, quando assumiu a vaga no Curso de Educação Física da ESEFID/UFRGS (manhã ou tarde). Ao realizar sua matrícula, o estudante já tem conhecimento da localização da escola que realizará o Estágio de Docência, bem como, qual será o docente que irá orientar essa Atividade de Ensino.

O Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil é uma Atividade de Ensino da 5ª etapa do Curso de Educação Física da ESEFID/UFRGS. É o primeiro dos três Estágios de Docência e seu desenvolvimento acontece em turmas de Educação Infantil de Escolas da Rede Estadual de Ensino ou em turmas de Instituições de Educação Infantil vinculadas à Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/Rio Grande do Sul.

Orientam os estudantes da ESEFID/UFRGS, na realização de cada um dos Estágios, docentes cuja trajetória profissional abrange a atuação na escola de Educação Básica em período anterior ao ingresso no Ensino Superior e a realização de Projetos de Pesquisa e/ou de Extensão vinculados ao ambiente escolar, a partir do seu ingresso na Universidade.

Cada docente orientador de Estágio atua em uma ou duas escolas previamente definidas e tem sua carga horária organizada de maneira a garantir que, nos dois dias da semana determinados para a realização dessa Atividade de Ensino, tenha dedicação exclusiva a essa orientação. Sendo assim, os estudantes da ESEFID/UFRGS, quando realizam seus Estágios de Docência, são acompanhados integralmente pelos docentes orientadores que, além de assistirem as aulas ministradas, realizam reuniões semanais com o grupo de estagiários que atuam na mesma escola com o intuito de provocar reflexões sobre a prática docente desenvolvida. Além dos planejamentos de ensino (Plano de Trabalho e Planos de Aulas), cada estagiário observa as atividades docentes desenvolvidas pelos colegas nas outras turmas da mesma escola e produz seu Diário de Campo, registrando – além de suas inquietações, angústias, dúvidas e desafios superados – as principais aprendizagens construídas com a experiência docente, a partir da reflexão sobre a prática, e, o planejamento de uma nova ação docente. De acordo com Molina Neto, Frizzo e Silva (2014), os estudantes de Estágio são convidados a abrir um Diário de Campo antes mesmo de sua chegada à escola,

uma vez que para nós, a escola e a sala de aula ainda são os melhores “laboratórios” para investigar, produzir, sistematizar e fazer circular conhecimento pedagógico. Procedimento bastante utilizado pelos antropólogos e etnógrafos, esse diário resulta, ao mesmo tempo, em um lugar no qual o estudante registra em detalhes suas ações pedagógicas com a turma, as dificuldades enfrentadas no trato do conhecimento e com os estudantes, as tomadas de decisões e, ainda, como uma espécie de “amigo crítico”, um interlocutor que o escuta em silêncio. Do mesmo modo, nesse diário, relatam seus sentimentos, emoções e ideias que lhes passam pela cabeça e que precisam tomar forma e ser discutidas antes de serem postas em prática. Nele, o estudante deve planificar suas ações e subsidiar suas atitudes, ou seja, no diário igualmente é descrito o que o estudante pensa em desenvolver em sua prática de ensino, “antes da aula”, e posteriormente, é registrado o que desse planejamento conseguiu, de fato, realizar. É importante destacar que só o estudante, autor do diário, e seu supervisor de estágio têm acesso ao conteúdo do mesmo. Além disso, esse diário será fundamental para o estudante refletir sobre sua prática docente, e, se constituirá em um importante instrumento de coleta de informação para elaborar conhecimento próprio (p. 6) [grifo dos autores].

Entendemos que o estudante de Estágio, ao seu modo de compreender e de se apropriar da realidade escolar enquanto docente de Educação Física, é capaz de produzir conhecimento próprio, na medida em que reflete sobre sua prática, organiza a experiência vivida e escreve sobre ela no Diário de Campo, realiza leituras

para dar conta de suas aulas e dos desafios da prática pedagógica, conversa com os sujeitos da realidade escolar (docentes das turmas, Supervisora Pedagógica da escola, crianças com as quais trabalha, núcleos familiares das crianças, Orientadora de Estágio, dentre outros sujeitos) e reflete sobre a construção de sua docência.

De uma forma geral, os estudantes iniciam as atividades do Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, com muita ansiedade e certa insegurança. Para muitos, essa é a primeira experiência de exercício contínuo da docência no ambiente escolar, uma vez que às 400 horas de Prática Pedagógica como Componente Curricular estão distribuídas em diversas disciplinas do currículo (algumas disciplinas contemplam 8h, outras 12h e outras 15h de prática pedagógica) e, nem sempre, tais práticas são desenvolvidas fora do ambiente da Universidade, e, menos ainda, em contextos escolares. Além disso, a interação docente com grupo de crianças na faixa etária correspondente à Educação Infantil, antes da realização desse Estágio, é fato raro entre os estudantes do Curso de Educação Física da ESEFID/UFRGS.

Aos poucos, a construção do vínculo com as turmas de Maternal e de Jardim dos locais de Estágio, oportuniza aos estagiários a superação da ansiedade e da insegurança iniciais e o processo de construção da identidade docente vai se desenvolvendo nessa experiência, a partir do enfrentamento dos desafios constantes que a interação com a Educação Infantil propicia, nas relações com os colegas de Estágio durante as reuniões de orientação, na forma como narram suas experiências no Diário de Campo, nas aprendizagens que a docência lhes provoca e na reflexão sobre a prática pedagógica diária.

Desde 2015, as docentes que orientam o Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, no turno da manhã, têm realizado, ao final de cada semestre letivo, um Seminário de Estágio. Nesta atividade, aberta para comunidade interna e externa da ESEFID, os estagiários apresentam um relato sobre a experiência vivida nesse Estágio. Esses relatos são intercalados por Rodas de Conversas, onde as pessoas que assistem as apresentações realizadas têm a oportunidade de interagir com os estagiários, realizando questões referentes ao relato apresentado e à realidade das escolas que a prática docente foi realizada. Esse Seminário tem se constituído em um espaço de troca de saberes bastante significativo em que o

impacto da experiência desse Estágio no processo de constituição da docência de cada participante, tem sido uma análise frequente.

A maioria dos estudantes, ao concluir o Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, reconhece a validade desta experiência, mesmo que não tenha a intenção de atuar, naquele momento, no âmbito da Educação Física Escolar. Associamos este fato com as afirmações de Alves (2015, p. 72), de que: “Criança não é o *meio* para se chegar ao adulto. Criança é o *fim*, lugar onde todo o adulto deve chegar” [grifo do autor].

#### 4. CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Para finalizar, destacamos que a constituição do processo de identização do sujeito docente de Educação Física (SILVA, 2007), ou seja, a forma como os sujeitos constituem-se docentes, é um processo que se inter-relacionam as “experiências de si” e a “experiência de relações com o mundo/com o outro”, uma vez que são por meio dessas experiências que o sujeito organiza sua vida, suas relações e suas atividades de trabalho. Nesse contexto que Silva (2007), destaca as seguintes experiências como construtoras deste processo:

- a) **Experiências pessoais:** relacionadas à educação (escolar e não escolar), às atividades físicas, à cultura corporal do movimento vivenciada/experenciada pelos sujeitos ao longo da sua vida;
- b) **Experiências escolares:** vivenciadas enquanto estudantes na vida escolar, desde a Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e nos cursos de Graduação e de Pós-Graduação;
- c) **Experiências docentes:** experiências e atividades relacionadas ao exercício docente, que diz respeito aos Estágios Docentes dos Cursos de Formação de Professores, as atividades desenvolvidas no ambiente escolar e não escolar, nos diversos grupos que o sujeito participa no decorrer de suas vidas (pares/coletivos), as atividades de formação permanente, dentre outras.

Chamamos a atenção para as **experiências docentes** como significativas no processo de construção da identidade docente, por entendermos que as experiências que os estagiários de Educação Física da ESEFID/UFRGS realizam no Estágio Docente de Educação Física na Educação Infantil – que relatamos neste capítulo e que serão feitas ao longo desse livro – são elementos constitutivos desse processo.

Sobre nossa tarefa nada fácil, de orientação de Estágio, procuramos, em um primeiro momento, aproximar os futuros docentes com a realidade escolar, ou seja, procurando tratar o momento do Estágio como etapa fundamental na Formação Inicial de professores, pois corroboramos o entendimento de Pimenta e Lima (2009), de que: “O estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade” (p. 45).

A partir disso, que compreendemos o Estágio um momento de concretização de prática pedagógica, de pesquisa e de reflexão, que permite a ampliação e a análise das experiências vividas nesses contextos, permitindo que os estagiários compreendam e problematizem as situações observadas e vivenciadas durante o período de Estágio.

Assim, o Estágio tem por objetivo formar o que Schön (2000) define como “professor reflexivo”, ao defender a valorização da prática pedagógica como momento de construção de conhecimento por meio da reflexão, da análise e da problematização da prática, sendo o papel da teoria: “[...] oferecer aos professores perspectivas de análise para compreender os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si mesmos como profissionais, nos quais se dá sua atividade docente, para nelas intervir” (p. 49). E, em nosso entendimento, um dos caminhos para essa possibilidade é através da pesquisa e da reflexão sobre a prática pedagógica.

## 5. REFERÊNCIAS

ALVES, R.. **Rubens Alves essencial: 300 pílulas de sabedoria.** São Paulo: Planeta, 2015.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA/UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física –**



**Habilitação Licenciatura.** Porto Alegre, agosto/2012.

Disponível em:

<[http://www.ufrgs.br/esef/Arquivos/COMGRAD\\_EFI/ppc\\_licenciatura.pdf](http://www.ufrgs.br/esef/Arquivos/COMGRAD_EFI/ppc_licenciatura.pdf)>. Acesso em: 05 jul. 2016.

FRAGA, A. B. Prática Curricular na Educação Física da UFRGS: uma retrospectiva do processo de reestruturação dos cursos de licenciatura em bacharelado. In: BOSSLE, F.; WITTIZORECKI, E. S. (Orgs.). **Didática(s) da Educação Física:** formação docente e cotidiano escolar. V. 3. Curitiba: CRV, 2016.

MOLINA NETO, V.; FRIZZO, G. F. E.. SILVA, L. O. e; O Trabalho pedagógico como eixo articulador da formação, da pesquisa e do ensino do professorado de Educação Física. **Cadernos de Educação** (UFPel), p. 100-17, 2014.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L.. **Estágio e Docência.** 4.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SCHÖN, D. A.. **Educando o Profissional Reflexivo:** um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SILVA, L. O. e. **Um estudo de caso com mulheres professoras sobre o processo de identificação docente em educação física na rede municipal de ensino de Porto Alegre.** 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Resolução 31/2007.** Porto Alegre, 29/08/2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cepe/legislacao/resolucoes-normativas/resolucao-no-31-2007-de-29-08-2007>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

# **MONITORIA ACADÊMICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O CASO DA DISCIPLINA DE ESTÁGIO DE DOCÊNCIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Tiago de Matos Braga<sup>5</sup>

## **1. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS**

Neste capítulo, narro a experiência de Monitor Acadêmico na Disciplina de Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Para tanto, inicio refletindo sobre a Monitoria Acadêmica na UFRGS, sua estrutura e funcionamento, as atribuições do Monitor, seus objetivos, dentre outros elementos. Posteriormente, contarei minha experiência de Monitor na referida Disciplina desde o primeiro semestre de 2015 até os dias atuais, e, por fim, relato como a esta experiência contribuiu na escolha do tema de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que venho desenvolvendo desde o segundo semestre de 2015 e como este Trabalho pode vir a colaborar, do mesmo modo, na própria Disciplina de Estágio Docente.

## **2. O PROGRAMA DE MONITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

O Programa de Monitoria da UFRGS, através da sua Instrução Normativa (PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E SECRETARIA DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA/UFRGS, 2013), visa:

---

<sup>5</sup> Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS. E-mail: matosbraga@gmail.com. Monitor Acadêmico e Voluntário da Disciplina de Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil da ESEFID/UFRGS.

Proporcionar um espaço de aprendizagem contribuindo para a qualidade da formação dos estudantes de graduação, por meio da intervenção de monitores nos processos pedagógicos, bem como criar condições para o aprofundamento teórico e o desenvolvimento de habilidades relacionadas à atividade docente (p. 1).

Destaco, do mesmo modo, dois objetivos deste Programa: 1) contribuir com o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, desenvolvendo novas práticas e experiências pedagógicas; e 2) contribuir para a formação profissional e desenvolvimento das habilidades relacionadas à atividade docente do monitor.

Para qualquer acadêmico da UFRGS se candidatar a vaga de Monitoria Acadêmica, deve preencher alguns pré-requisitos, dentre os quais, ressalto a disponibilidade de dedicação de vinte horas semanais para as atividades de Monitoria e a participação das aulas presenciais da disciplina.

Para compreendermos a Monitoria Acadêmica na UFRGS, é necessário conhecer as atribuições do Monitor nesse processo. A Instrução Normativa (PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E SECRETARIA DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA/UFRGS, 2013), apresenta onze atribuições, dentre as quais, destaco, neste momento, quatro delas:

- a)** Auxiliar o professor nas tarefas didáticas, inclusive na preparação de aulas e elaboração de trabalhos escolares;
- b)** Auxiliar os alunos da Atividade de Ensino individualmente ou em grupos, em sala de aula ou em horários definidos;
- c)** Facilitar o relacionamento entre alunos e professor na execução e melhoria do Plano de Ensino;
- d)** Realizar estudos teóricos sob orientação do professor.

Destaco que a referida Instrução Normativa possui diversas outras informações referentes à Monitoria Acadêmica da UFRGS, e que, neste momento inicial, procurei destacar, brevemente, pontos importantes para compreendermos a importância que esta modalidade de Bolsa tem na formação acadêmica.

O Estágio de Educação Física na Educação Infantil é um dos Estágios obrigatórios do Currículo do Curso de Licenciatura em Educação Física e se encontra na quinta etapa do Curso. Além disso, trata do primeiro Estágio de Docência que

realizamos. Esse fato merece reflexão, pois para muitos estudantes, este momento é o primeiro contato com uma escola de Educação Básica, na condição de docentes de Educação Física, ou seja, para muitos, trata da primeira experiência com a docência. Nesse sentido, que percebo a importância que o Monitor pode ter nesta etapa da Formação Inicial, pois auxilia e colabora nesse processo de diversas formas, através da troca de experiências, facilitando o entendimento desta prática, dentre outros elementos.

### **3. AS PRINCIPAIS APRENDIZAGENS COMO MONITOR ACADÊMICO**

Percebi, nestes três semestres que venho desenvolvendo atividades de Monitor, e, do mesmo modo, com minha experiência docente quando realizei o Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, que o momento do Estágio é um período muito desafiador para nós, estudantes de Educação Física. Em discussões com os colegas, não é raro ouvir relatos de que o momento do Estágio é desafiador, pois nos damos conta que não temos controle sobre a prática pedagógica, e, por mais que haja dedicação, empenho e envolvimento, não há garantia de que as aulas ocorram como desejamos e planejamos. Por isso, penso que, contar com um sujeito implicado neste processo, no caso, o Monitor – por já ter vivenciado a prática de ensino no Estágio –, pode ser válido e reconfortante, possibilitando o compartilhamento de aprendizagens e de desafios, além da criação de situações de solidariedade no processo de construção da docência (BRAGA; SILVA, 2015).

Destaco que no primeiro semestre de 2015, tive um envolvimento direto com a Disciplina de Estágio, pois trabalhei como Monitor Acadêmico com dedicação de 20h semanais, o que me possibilitou desenvolver o trabalho de forma integral, tendo retornos positivos por parte dos estagiários, no que diz respeito: a participação nas reuniões de orientação, ao conhecimento que fui construindo sobre a área de Educação Infantil, a disponibilidade de escuta, a liberdade para conversarmos sobre os assuntos relacionados à prática pedagógica desenvolvida pelo grupo, os pontos positivos e desafiadores das aulas observadas, dentre outros.

Percebi que as avaliações que os estagiários faziam a cada final de semestre, sobre a disciplina de Estágio, e, conseqüentemente, sobre a atuação do Monitor, foi

uma forma de reconhecimento da atividade que desenvolvo e, a partir disso, fui me dando conta de como poderia contribuir com a Formação Inicial desses estudantes de forma efetiva, o que me motivou a continuar com o trabalho de Monitoria. E, ao final do segundo semestre de 2005, decidi desenvolver o TCC sobre a temática da Educação Infantil, procurando relacioná-lo com o trabalho que vinha desenvolvendo junto ao Estágio de Docência neste nível de ensino.

No segundo semestre de 2015, não pude me dedicar totalmente à Monitoria, por questões de horário e atuei como Monitor Voluntário, indo à escola de Estágio uma vez por semana. Nesta etapa, também tive experiências positivas no processo de ensino-aprendizagem com a turma de Estágio e, além disso, tive a oportunidade de trabalhar com uma colega que atuava como Monitora Acadêmica naquele momento, e, assim, realizamos um trabalho de Monitoria em conjunto, onde podemos auxiliar, a partir de diversas sugestões e incentivos, nas práticas pedagógicas dos estagiários.

Ao final daquele semestre, a Supervisora de Estágio realizou um questionário de auto-avaliação com os estagiários e uma das questões era: "Avalie a participação dos (as) Monitores (as)". Para minha surpresa, tivemos diversos retornos positivos, sendo que, vários deles se referiam a qualidade da Monitoria realizada, e que tal qualidade, não estava associada ao fato de ser concretizada de modo voluntário ou não. Ou seja, naquele momento, mesmo desenvolvendo um trabalho voluntário, em nenhum momento me senti menos comprometido com a tarefa e dediquei, dentro de minha disponibilidade, todo esforço possível. Destaco o registro de um estagiário sobre a importância da presença dos Monitores durante o processo de Estágio: "Foram de extrema importância nos ajudando e dando um olhar de aluno que passou por essa etapa, com dicas e sugestões pertinentes. Sempre dispostos a nos tirar dúvidas" (Questionário de 2015/2).

No primeiro semestre de 2016, segui acompanhando a turma de Estágio nos moldes do semestre anterior e, ainda, de modo virtual, estratégia que criamos para atender os estagiários fora do horário de aula, fazendo-me presente e procurando auxiliar sempre que possível. Nas observações das aulas na escola, procurei dar sugestões e dicas que pudessem auxiliar e colaborar em suas práticas pedagógicas e provocar a reflexão sobre elas.

Neste semestre, a avaliação e o retorno dos estagiários enfatizaram que, minhas contribuições, orientações e opiniões, foram muito pontuais para as aulas e para o aprendizado em geral. Alguns, destacaram a clareza e a objetividade que expunha os *feedbacks*, a disponibilidade atenta e o acesso horizontal para o auxílio/ajuda nos momentos mais desafiadores, de acordo com trecho da avaliação a seguir:

O Tiago, mesmo estando presente fisicamente somente nas quartas-feiras, sempre contribui com comentários e sugestões muito válidas e pontuais. Em todos os momentos se colocou à disposição e mesmo não fisicamente, quando preciso, era só contatá-lo, que prontamente tirava dúvidas e auxiliava da melhor maneira possível. Nota-se seu interesse e entendimento pelo assunto na área da Educação Física na Educação Infantil. Tem uma visão crítica para as coisas e não somente um olhar de aluno (Questionário de 2016/1).

Ao longo desses semestres de Monitoria, percebi que o Monitor, por ser colega de Curso dos estudantes da Disciplina de Estágio Docente, constrói uma relação de proximidade, confiança e compartilhamento com o grupo, mesmo quando não está em tempo integral nas aulas. Em diversos momentos, realizamos contato de forma eletrônica e conversamos sobre dúvidas, dicas e orientações sobre a prática do Estágio.

Percebi, ainda, que grande parte dos estagiários possui outras atividades diversas (profissionais, acadêmicas, dentre outras) além das aulas da Graduação, e, acredito que por esses motivos, o contato virtual facilitou a construção de situações de aprendizagens, a troca de experiência e a resolução de dúvidas, pois pode ocorrer a qualquer horário, inclusive aos finais de semana.

Neste momento, tenho interesse em continuar trabalhando com a Monitoria Acadêmica no segundo semestre de 2016, pois este retorno dos estagiários me motiva a continuar com o trabalho, pois sinto que posso auxiliar na formação desses colegas de Curso, passando um pouco do que aprendi nesse período de Monitoria. Além disso, ressalto que, continuar na Monitoria representa, para mim, estar mais próximo da escola que estou desenvolvendo o TCC, que falarei na sessão seguinte.

#### **4. A CONSTRUÇÃO DO TEMA DE PESQUISA PARA O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Destaco que a definição de um tema que se pretende estudar, e, mais ainda, a construção de um TCC, não é tarefa fácil na Formação Inicial. Fui percebendo que colocar para o papel as ideias que temos sobre o tema de pesquisa, construir os objetivos do Trabalho, formular um problema de investigação, demanda tempo e dedicação de escrita e de reflexão. Para tanto, ao longo do segundo semestre de 2015, que fui definindo meus interesses de pesquisa e percebendo o que eu gostaria de compreender melhor, no universo da Educação Infantil.

A escola de Educação Infantil que fui Monitor no Estágio de Docência é uma Instituição Filantrópica que atende 10 turmas de Educação Infantil (seis turmas de Maternal e quatro de Jardim) e não conta com docente de Educação Física. A partir disso, fomos percebendo que não há uma Proposta Pedagógica específica para a área de Educação Física na escola, e, em conversa com a Supervisora de Estágio e com a Coordenadora Pedagógica da escola, vislumbramos uma significativa possibilidade para que pudéssemos trabalhar, de modo coletivo, e construir uma Proposta Pedagógica de Educação Física para essa Instituição, de acordo com seu Projeto Político Pedagógico (PPP), a realidade da escola, as reais necessidades das crianças que lá estudam, os desejos do corpo docente e pedagógico da Instituição e os responsáveis das crianças.

Nesse sentido, venho considerando a possibilidade de construir uma Proposta Pedagógica, em conjunto com as docentes e a Coordenadora Pedagógica da escola, sendo, tal Proposta, específica para esta escola de Educação Infantil, uma vez que para desenvolvê-la e organizá-la, temos que considerar as necessidades desta Instituição, conhecer as crianças, seu contexto social, dentre outros elementos. Além disso, entendo que essa Proposta pode servir como orientação do que pode ser trabalhado em cada Nível de Ensino da Instituição.

Destaco que a importância de desenvolver esse Trabalho vai de encontro ao pensamento de Silveira e Pinto (2001) ao defenderem que a Educação Física deve proporcionar as mais diversas práticas do movimento corporal para seus praticantes. Acredito que a Proposta Pedagógica seja uma maneira eficiente de proporcionar isso as nossas crianças.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular de 2015 (BNCC) (BRASIL, 2015), as crianças têm direito de acesso aos processos de apropriação de renovação e de articulação de saberes e de conhecimentos, como requisito para formação humana, para participação social e para cidadania, desde seu nascimento até seis anos de idade. Com isso, parto do entendimento de que a construção de conhecimento por parte das crianças, se dá pela sua participação em diferentes práticas cotidianas, nas quais interagem com adultos e companheiros de mesma idade.

Já, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (BRASIL, 2010), definem criança como um sujeito histórico e de direitos que constrói sua identidade, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, questiona, produzindo cultura. Além disso, as DCNEI entendem que uma Proposta Pedagógica trata do,

Plano orientador das ações das instituições e define as metas que se pretende para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças que nela são educados e cuidados. É elaborado num processo coletivo, com participação da direção, dos professores e da comunidade escolar (BRASIL, 2010, p. 18).

Portanto, esse é um dos Documentos que garantem à criança, as mais diversas possibilidades de construção de aprendizagens relacionadas a essa faixa etária. Nesta etapa do desenvolvimento infantil, o corpo, os gestos e o movimento tem grande importância na aprendizagem da criança, pois é dessa forma que elas se expressam, percebem, interagem, reconhecem sensações, brincam, construindo, assim, conhecimento de si e do mundo (BRASIL, 2015). E por essa necessidade de aprendizagem das crianças, ainda mais importante nesta faixa etária por ser um momento de desenvolvimento de diversas habilidades, a presença da Educação Física se justifica.

Na última década, a Educação Física na Educação Infantil tem ganhado espaço dentro das instituições públicas, isso se deve, em grande parte, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), que defende a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, e a Educação Física, como Componente Curricular obrigatório desse nível de ensino. Mesmo assim, enfrentamos um problema: não está claro, qual profissional deve atuar com esse Componente Curricular na Educação



Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e, com isso, em diversas Instituições, as professoras Unidocentes/Referências/Titulares, acabam realizando essas atividades (MELLO et al., 2014).

## 5. CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Neste período que venho trabalhando como Monitor da Disciplina de Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, e, do mesmo modo, quando realizei o Estágio na Educação Infantil, em conversas informais com as docentes dessas Instituições, percebi uma grande preocupação com a Educação Física neste nível de ensino, ou seja, não era claro e se tornava um desafio entender “o que” e “como trabalhar” a Educação Física na Educação Infantil. Nesse sentido, as professoras relatavam que não se sentiam preparadas para dar aulas de Educação Física, uma vez que em sua formação, pouco aprenderam sobre essa área do conhecimento.

Da mesma forma, ao conversar com os estagiários que realizaram suas práticas pedagógicas de Educação Física na Educação Infantil, grande parte relatava questões parecidas com as das professoras da Educação Infantil, tendo diversas incertezas “do que” e “como trabalhar” com as crianças desta etapa da Educação Básica.

Ao perceber essas dificuldades, alguns questionamentos começaram a fazer parte de minhas inquietações, sendo, o problema de pesquisa do TCC configurado na seguinte questão: **Como uma Proposta Pedagógica de Educação Física pode ser construída, estruturada e realizada em uma escola de Educação Infantil, respeitando as diferentes infâncias?** A partir da formulação do problema de pesquisa, construí o objetivo geral do Trabalho, que trata de compreender como acontece a construção, a estruturação e a realização de uma Proposta Pedagógica de Educação Física em uma escola de Educação Infantil.

Para finalizar, destaco que o TCC está em desenvolvimento, e, neste momento, estou realizando a revisão de literatura sobre a temática e mantendo um contato semanal com a escola, acompanhando a rotina da escola e das crianças.

Acredito que este Trabalho será muito importante para a escola, uma vez que pode indicar um caminho a ser desenvolvido na prática pedagógica da Educação

Física, contribuindo no processo de ensino/aprendizagem das crianças e dos estagiários que desenvolverem suas aulas naquela Instituição.

## 6. REFERÊNCIAS

BRAGA, T. de M.; SILVA, L. O. e. Reflexões iniciais sobre a monitoria acadêmica na UFRGS: Processos de ensino e de aprendizagem. In: CONGRESSO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA, 4., 2015, Lajeado. **Anais**. Lajeado: Editora Univates, 2015. p. 166 - 168.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**/Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/BNCC-APRESENTACAO.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2015.

MELLO, A. da S. et al.. Educação Física na Educação Infantil: Produção de saberes no cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p.467-484, jun. 2014.

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E SECRETARIA DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 03/2013**: Programa de Monitoria Acadêmica. Porto Alegre, 2013.

SILVEIRA, G. C. F. da; PINTO, J. F.. Educação física na perspectiva da cultura corporal: uma proposta pedagógica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 137-150, maio 2001.

# O CONTEXTO SOCIOCULTURAL DAS CRIANÇAS E A INFLUÊNCIA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A CONSTRUÇÃO DE UMA PROFESSORA

Jamile Mezzomo Klanovicz<sup>6</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

No silêncio das crianças há um programa de vida: sonhos. É do sonho que nasce a inteligência. A inteligência é a ferramenta que o corpo usa para transformar os seus sonhos em realidade. É preciso escutar as crianças para que a sua inteligência desabroche (ALVES, 2004, s/n).

Para o supracitado Rubem Alves, temos que considerar a voz das crianças, para que os seus sonhos desabrochem e se concretizem e para que nós, docentes, possamos, a partir delas, aprender e reaprender a sonhar.

O universo infantil é desmesurado e, dentro dele, estão envolvidos diversos sentimentos, que, muitas vezes, estão repletos de sonhos, fantasias, angústias, medos e alegrias.

O imaginário da criança é uma de suas riquezas e, do mesmo modo, uma forma de interação com o mundo e com os outros, e isto, lhe permite enfrentar e superar os desafios da infância.

É a partir disso que procuro justificar a escolha do tema deste texto, abordando as dificuldades que encontrei no decorrer do Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, realizado no segundo semestre de 2015, devido aos diferentes contextos socioculturais que as crianças se encontravam. Algumas, apresentaram ter uma infância bem diferente da que eu vivi. Além da realidade de vida delas, em alguns casos, ser completamente diferente da minha. E é essa diferença que os caracteriza, dentro e fora da escola.

Desta forma, este texto irá discutir, de certo modo, como entender essas diferenças, esses contextos socioculturais tão distintos, e, ao mesmo tempo, tão parecidos. Contextos que marcam, que me marcaram, e que, ao mesmo tempo, me ensinaram a lidar e a tentar entender essas diferenças. Na realização do Estágio,

---

<sup>6</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS. Integrante do Centro de Memória do Esporte (CEME) e do Grupo de Estudos Esporte Cultura e História (GRECCO). Bolsista do Projeto Memória do Programa Segundo Tempo. E-mail: jamilemk@hotmail.com. E-mail: jamilemk@hotmail.com.

aprendi que é preciso saber ouvir a criança, ouvir sobre sua vida, sua história, para que, assim, a aula de Educação Física, também faça sentido para ela.

## **2. CONHECENDO A TURMA DE TRABALHO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Antes de iniciar o Estágio, eu estava muito ansiosa para conhecer quem seriam os meus alunos, se iriam gostar de mim e das aulas. Ao mesmo tempo, tentei focar nas discussões e nas conversas nos encontros teóricos, na Universidade, que houve antes de irmos para a escola. Esses momentos, foram muito importantes, pois me ajudaram a refletir melhor sobre quem sou e que tipo de professora eu gostaria de ser na escola.

Na escola que iriam acontecer às aulas do Estágio, e na conversa que tivemos com a Coordenadora Pedagógica, já fiquei surpresa por conhecer a realidade das crianças que ali estudavam. Na minha primeira observação da turma, que tratava de um Maternal 2 (com crianças entre 3 e 4 anos de idade), as crianças já demonstraram ter características bem diferentes: algumas eram mais espontâneas e falantes; outras, um pouco mais tímidas e inseguras. Mas, todas aparentaram ser crianças espertas e atentas ao que acontecia ao seu redor. Uma criança em especial me chamou a atenção, por estar em processo de adoção. A partir disso, comecei a perceber que esta criança não era a única, havia outras que moravam em Casas de Adoção e aguardavam o momento de integrar outro contexto e de serem adotadas.

A realização dos primeiros Planos de Aula, foi, de certo modo, uma experiência desafiadora, pois eu conhecia muito pouco das crianças, e, tentei conhecê-las mais nas observações que realizava na escola, para saber o que gostavam, se tinham algum personagem infantil em comum na turma, para que eu pudesse trabalhar durante as aulas. Entretanto, para a minha surpresa e certo desapontamento, não havia um personagem/figura que a turma gostasse enquanto coletivo. Assim, percebi que se tratava de um grupo muito heterogêneo, além de que, algumas crianças ainda não conseguiam expressar o que gostavam.

Ao mesmo tempo, eu precisava trabalhar com a realidade de vida das crianças, tinha que aprender a lidar com os problemas delas, pois iria trabalhar com vidas, histórias diferentes da minha, mas que eu precisava aprender a lidar, com o objetivo

de acrescentar elementos para compor uma prática pedagógica com sentido para elas.

A partir dessas considerações, criei um Projeto de Trabalho, que apresentasse um personagem em comum que fosse “da” turma, que todas as crianças conhecessem e saberiam quem era. Assim que dei início ao Projeto “Construindo o Sorriso da Lua”, que tinha como objetivo, no decorrer do período de Estágio (aproximadamente três meses), fazer com que as crianças construíssem o sorriso da Lua, a partir do seu envolvimento e participação nas aulas de Educação Física. Deste modo, ao final de cada aula de Educação Física (que aconteciam duas vezes por semana), cada criança recebia uma estrela e a colocaria no cartaz que estava desenhada a Lua, pendurado na parede da sala da turma.

Entusiasmei-me com o Projeto, no momento que percebi que seria viável para as aulas de Educação Física, e, assim, o propus para a turma. Inicialmente, as crianças demonstraram empolgação, não apenas com o Projeto, mas com as aulas que iriam começar na próxima semana.

### **3.DESCOBRINDO A TURMA DE ESTÁGIO E SUAS SINGULARIDADES**

A cada semana de aula, estas eram planejadas de acordo com as habilidades que eu gostaria de trabalhar, entretanto, considerava o contexto social as crianças. Pensava em como as letras das músicas das rodas cantadas, por exemplo, poderiam gerar algum conflito, e, como poderia modificar a letra para alguma criança não ficar se sentindo excluída<sup>7</sup>. Ao mesmo tempo, tentava trabalhar a coletividade da turma, possibilitando que se ajudassem e se respeitassem, afinal, eram colegas. Junto a essas reflexões, ia me percebendo enquanto docente:

Sobre o professor devemos considerar que deve: – ser um sujeito participativo e reflexivo; – se colocar no lugar do aluno para entender o processo; – compreender o aluno como ele é; – estabelecer um ambiente motivador; – oferecer ao aluno uma aprendizagem que seja significativa; – propiciar uma relação de trocas (BRATIFISCHE, 2003, p. 27).

---

<sup>7</sup> Exemplo de música: “O trem maluco: O trem maluco/Quando sai de Pernambuco/Vai fazendo chic chic/Até chegar no Ceará/Rebola pai/Rebola mãe/Rebola filha/Eu também sou da família/Também quero rebolar. Neste caso, ao me dar conta, que nem todas as crianças tinham pai e mãe, optei em trocar a letra da música.

Ao passo que as aulas foram acontecendo, eu, do mesmo modo, ia conhecendo um pouco mais de cada criança, ia descobrindo a turma que estava trabalhando, a forma como me comunicar com cada uma, como explicar a mesma atividade de diferentes maneiras, para que cada criança pudesse entender e conseguir realizá-la. Cada aula era como se fosse à primeira, pois em todas as aulas eu descobria algo novo, em relação à vida das crianças, ou, sobre suas habilidades e características mais específicas. Segundo Bratfische (2003): “Educação é reconhecer, diagnosticar, desenvolver e valorizar a expressão individual, a cultura própria e a manifestação de afetividade, como um meio para a aprendizagem e formação integral do educando” (p. 21).

Algumas crianças me desafiavam e me provocavam de modo complexo. Procurei compreendê-las em sua totalidade, procurando não focar somente em um comportamento ou atitude específica, e sim, propor certa comunicação e construção de um diálogo; outras vezes, se tornou mais desafiador e até quase impossível de compreender os motivos para algumas de suas atitudes. Tenho refletido que, esse momento de incompreensão de minha parte, pode estar baseado na dificuldade de entendimento que as experiências de vida (fora da escola) causavam nas crianças, por exemplo, estar passando e vivendo um processo de adoção, ou, estar participando do processo de separação do pai e da mãe, fazendo com que isso se tornasse mais visível durante as aulas de Educação Física, pois era o momento em que eles se sentiam mais “livres” para poder se expressar e se movimentar de diferentes formas.

O início e o fim das aulas de Educação Física, na maioria das vezes, foram os momentos mais difíceis e desafiadores, em que quase tudo poderia acontecer, e, as crianças exploravam as mais variadas formas de se expressarem, chamar a atenção ou, simplesmente, de certo modo, desorganizarem a turma, como, em alguns episódios, em que uma das alunas começou a se atirar no chão e rolar dizendo que não iria voltar para a sala. Nesses momentos, eu sempre tentava conversar, entender o que estava acontecendo, para poder lidar da melhor forma possível com a situação.

#### **4. A CONSTRUÇÃO DE UMA PROFESSORA**

[...] [o educador] deve ser cuidadoso e atentar para o fato de que precisa ter o conhecimento do homem e da sociedade, já que o tempo inteiro estará mantendo contato e relações com outros seres humanos. O educador deve compreender o outro na sua cultura e no seu contexto histórico. Isto nada mais é que respeitar as diferenças e saber conviver com elas nas relações humanas (LAVOURA et al., 2006, p. 207).

A partir do supracitado, acredito que compreender o outro, na sua cultura, não é uma tarefa fácil. Todavia, no momento que aceitamos essa outra cultura, que a respeitamos, do mesmo modo, nos abrimos para um novo conhecimento e ampliamos nosso olhar.

No início da disciplina de Estágio Docente, eu já sabia que o que eu realmente queria era trabalhar em escola, eu queria ser professora. Posteriormente, com o término do Estágio, e o que pude aprender, através de ensinar, estou com mais convicção de que quero ser professora. A Educação me mostrou diversas possibilidades, sendo uma delas, a aprendizagem de ouvir o outro, pois foi ouvindo, que, acredito, quebrei algumas barreiras em minha prática pedagógica. Ou seja, a medida que fui conhecendo a turma e que as crianças foram me conhecendo, criamos, entre nós, um grande vínculo pedagógico e afetivo, pois ensinar os conhecimentos da Educação Física não é apenas algo mecânico, relacionado a ensinar uma listagem de conteúdos, e, vai muito além das aprendizagens de movimentos ou a construção de habilidades motoras específicas.

Encontrei, no Estágio, amplos desafios, consistindo o principal deles, em aprender e ter de lidar com as diferenças e as individualidades de cada criança. Ao mesmo tempo, saber lidar com os seus contextos sociais era por vezes, muito desafiador e foi necessário conhecer a história de vida de cada uma, para, a partir do que eu ia descobrindo, consolidar um aporte e compreender algumas atitudes, comportamentos, valores e participações nas aulas, que, até o momento anterior, se mostravam incompreensíveis.

## 5. O DESENVOLVIMENTO DA TURMA DURANTE O PERÍODO DE ESTÁGIO

Desde o primeiro dia de aula, sabia que os desafios que iria encontrar na turma de Estágio seriam amplos e diversos, entretanto, não imaginava que, junto a isso, iria aprender muito com eles. Apesar de haver algumas aulas mais complicadas, com alguns conflitos e bagunças, que, ao mesmo tempo, fazem parte da rotina da escola, destaco que este espaço é um local de construção de conhecimento cognitivo, motor e pessoal:

Sobre o aluno devemos considerar que: – vive em constante busca, principalmente de identificação; – faz questão de que suas atitudes, seu comportamento, sejam vistos; – consegue se situar no processo com maior rapidez se o conteúdo é contextualizado; – dá grande importância ao professor que valoriza cada aluno como ele é; – gosta do professor alegre e dinâmico; – procura o professor que lhe inspire confiança (BRATIFISCHE, 2003, p.27).

A cada aula, tive como objetivo trabalhar com as crianças as habilidades motoras básicas, apresentando materiais diferentes, recicláveis, que eu confeccionava para as aulas. Esses materiais, em algumas aulas, me ajudaram e ajudaram as crianças em seus desenvolvimentos. Além disso, houve o Projeto “Construindo o Sorriso da Lua”, que durou todo o tempo de Estágio e contribuiu significativamente para a participação e acompanhamento das crianças nas aulas de Educação Física, pois estas, ao final de cada aula, se auto avaliavam, considerando se sua participação e envolvimento haviam colaborado com o bom andamento da aula de Educação Física.

No entanto, especialmente sobre o Projeto, foi necessário que eu incluísse outros elementos para manter o interesse das crianças, por exemplo, o Sol e as Estrelas de cores diferentes, pois o Projeto se tornou muito extenso, e, por vezes, acabava se tornando desinteressante para as crianças. Assim, as mudanças para que o Projeto continuasse atraente, foram necessárias.

As crianças, na maioria das aulas, estiveram motivadas e essa era uma marca da turma. Elas apresentaram grande interesse pelas aulas de Educação Física, porém, percebi que o que viviam fora da escola, em seus núcleos familiares ou, possivelmente, a ausência deste e a nova reestruturação deste núcleo, me desafiava a ser mais criativa do que eu esperava ser em aula, para poder contornar diferentes situações:



Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva (DESSEN, POLONIA, 2007, p. 22).

Por haver algumas crianças que não possuíam um núcleo familiar que pudesse contribuir em sua formação, seu crescimento e suas aprendizagens, na maioria das vezes, essa responsabilidade passou a se tornar da escola, e, como professora, eu, do mesmo modo, sentia esta responsabilidade, pois, naquele momento, eu estava contribuindo com a formação daquelas crianças, ou seja, de sua formação social, cultural, afetiva, cognitiva e motora. Destaco que algumas das dificuldades que encontrei, também foram observadas e vivenciadas por outros colegas de Estágio, e que, o compartilhamento dessa experiência, me auxiliou a lidar com esses desafios em cada aula.

Durante todo o processo do Estágio, observei que houve melhoras no relacionamento entre as crianças e comigo, além, é claro, de uma melhora significativa no desenvolvimento global das crianças. Estas observações, do mesmo modo, foram evidenciadas pela professora regente da turma, em nossas conversas diárias. Em cada aula, algum elemento a tornava diferente da anterior, e, a partir disso, em cada aula, eu precisa levar algo novo, diferente, para, assim, conseguir a atenção das crianças. Dessa forma, considereei que as crianças construíram aprendizagens em diferentes esferas, ou seja, posso enfatizar que o Estágio foi significativamente satisfatório para mim e para a turma.

## **6.CONCLUSÃO**

Para finalizar este texto, concluo que conhecer o contexto sociocultural da criança é de extrema e necessária importância, pois nos auxilia a entender as atitudes, os valores, os comportamentos, os pensamentos das crianças durante a aula de Educação Física.

Ao mesmo tempo, esse conhecimento me fez refletir sobre o que é cultura, permitindo a ampliação do entendimento do contexto social que vivo e sua

interferência/impacto no meu próprio processo de ensino-aprendizagem, ou seja, em minha formação docente.

Aprendi que o núcleo familiar é necessário no desenvolvimento infantil e deve estar presente durante toda a nossa aprendizagem, pois é uma das bases da constituição do ser humano, pois, nesse núcleo aprendemos os primeiros contatos com uma cultura, uma história, uma forma de ser e de estar no mundo.

Ao concluir esta reflexão, espero que as aulas de Educação Física tenham feito alguma diferença na vida social e cultural das crianças que trabalhei, da mesma forma que minha professora de Educação Física, do Ensino Fundamental, fez em minha vida. Sei que o contexto social da escola em que estudei era diverso, bem como o tempo histórico, a cultura das famílias, as crianças, dentre outros elementos. Entretanto, acredito que isso não deve ter sido menos desafiador para minha professora. São desafios diversos, que, ao mesmo tempo, nos fazem pensar, refletir e considerar sobre o que está ao redor e sobre os elementos que envolvem o planejamento e a realização de uma aula de Educação Física.

E, assim como minha professora conseguiu proporcionar diferentes atividades nas suas aulas, eu espero que, de alguma forma, as vivências das diversas atividades pedagógicas proporcionadas as crianças do Estágio, tenham resultado em experiências positivas naquele momento e na constituição de seus futuros.

## 7. REFERÊNCIAS

ALVES, R.. **Ouvir para aprender**. Caderno Sinapse, Jornal Folha de São Paulo, s/n, 21 de dezembro de 2004.

BRATIFISCHE, S. A.. Avaliação em Educação Física: um desafio. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 14, n. 2, p. 21-31, 2. sem. 2003.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. da C.. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, Brasília, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007.

LAVOURA, T. N. et al.. Educação Física escolar: conhecimentos necessários para a prática pedagógica. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 203-209, 2. sem. 2006.

# **A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Cíntia Menezes Guimarães<sup>8</sup>

Simone Santos Kuhn<sup>9</sup>

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente texto discorre sobre as experiências realizadas no Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, em uma Instituição de Educação Infantil de Porto Alegre/Rio Grande do Sul, no período de setembro a novembro de 2015. O Estágio foi realizado com uma turma de Jardim B, com 16 crianças, entre 5 e 6 anos de idade. As aulas de Educação Física ocorreram nas segundas e quartas-feiras, das 10h 30min às 11h.

Apresentamos, a seguir, um relato reflexivo de como nosso trabalho pedagógico foi construído ao longo do percurso do Estágio, a partir dos principais desafios com os quais nos deparamos e das principais aprendizagens realizadas neste processo.

Inicialmente, trataremos do diagnóstico da turma e dos cuidados observados para construção do Plano de Ensino, que foi fundamental para o sucesso do Estágio, proporcionando segurança e coerência ao trabalho pedagógico como um todo.

Em seguida, dedicaremos um espaço para tratarmos da exploração e das descobertas do trabalho pedagógico que culminaram em aprendizados importantes para nossa formação como professoras de Educação Física neste nível de ensino.

## **2. AS EXPERIÊNCIAS CONSTRUÍDAS NO ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

O Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil foi nossas primeiras experiências como professoras com crianças de 5 e 6 anos de idade. Diante da insegurança inicial frente à turma, percebemos a importância de realizarmos um

---

<sup>8</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS. Bolsista de Projeto de Extensão Musculação da UFRGS. E-mail: cintia.mguima@hotmail.com.

<sup>9</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS. E-mail: simonesantosk@gmail.com.

trabalho bem embasado e coerente com nossos objetivos pedagógicos. Caso contrário, facilmente perderíamos o controle das aulas. A partir desta constatação, passamos a procurar conhecimentos que permitissem a formulação de estratégias de ensino que se mostrassem eficazes em manter o interesse das crianças nas aulas de Educação Física.

### **3. O DIAGNÓSTICO DA TURMA DE TRABALHO**

Nos primeiros contatos que tivemos com a turma do Jardim B, algumas impressões mostraram os possíveis desafios que teríamos pela frente. As crianças se mostraram, por vezes agitadas, com muita energia, participativas, criativas, egocêntricas, carinhosas e desafiadoras. Percebemos algumas características pessoais de algumas crianças que, em princípio, seriam desafiadoras e demandariam mais atenção para compreensão e planejamento de atividades. Entre as características observadas, citamos o grupo de crianças que se interessava por livros e por escrever, não tendo como foco a participação nas aulas de Educação Física, com manifestações de “preguiça em fazer a aula” ou “dor na barriga”; outro grupo que se mostrou muito ativo, falante, gostando de mostrar o que sabia fazer, querendo atenção todo o tempo; outros se mostraram pouco ativos, passando muito tempo sentados, brincando sozinhos ou em grupo; e, por fim, outro grupo, em sua maioria meninos, que passavam boa parte do tempo jogando futebol, fixando sua atenção em uma única atividade.

A partir destas primeiras impressões, passamos a nos questionar sobre como seria possível construir aprendizagens significativas para crianças com perfis tão diferentes.

### **4. O PLANEJAMENTO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

O planejamento das aulas de Educação Física do Estágio partiu da análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. No Documento, a escola aspirava à implementação de ser uma Instituição de Educação Infantil de qualidade, que favorecesse o desenvolvimento infantil, considerando os conhecimentos e os valores culturais que as crianças já traziam de outros ambientes sociais e que, pudessem ser

ampliados na escola, de modo a possibilitar a construção da autonomia, da criatividade, da capacidade crítica e que contribuíssem na formação da autoestima. O trabalho pedagógico da escola procurava favorecer o desenvolvimento da autoconfiança, da autoestima, do conhecimento de si mesmo, de atitudes e de valores necessários ao convívio social e à capacidade de expressão.

Tendo em vista o PPP da escola e o diagnóstico que realizamos da turma, percebemos que precisávamos de um planejamento consistente, que nos conduzisse de forma clara e orientadora aos objetivos que pretendíamos alcançar.

As crianças do Jardim B estariam vivendo o último ano de permanência na Instituição. Como o Estágio ocorre neste local há alguns anos, a maioria das crianças já tinha experiências anteriores com aulas de Educação Física. Precisávamos de uma proposta que estimulasse a sua participação, e que não fosse apenas repetições de atividades que já estavam acostumadas.

Foi assim que chegamos ao entendimento de que tentaríamos que proporcionar momentos em que as habilidades motoras já conhecidas das crianças fossem exploradas das mais variadas formas possíveis, partindo dos conhecimentos prévios, mas estimulando a capacidade de criar novas possibilidades de aprendizagens para os movimentos corporais. Assim, conhecer e controlar gradualmente o próprio corpo e seus movimentos, ampliando as possibilidades de manuseio de diferentes materiais, foi o foco principal dos nossos objetivos pedagógicos.

Para avaliarmos nossas ações docentes de maneira eficiente, organizamos os conteúdos em cinco blocos de quatro aulas. Nas três primeiras aulas de cada bloco, trabalhamos com ênfase em uma habilidade motora fundamental para cada aula, seguindo a organização: aula 1: habilidade locomotora, aula 2: habilidade estabilizante e aula 3: habilidade manipulativa. Na quarta aula, realizamos uma sequência ou circuito unindo as três habilidades trabalhadas nas aulas anteriores. Esta aula era filmada para posterior observação e avaliação do desenvolvimento das crianças. Quando a turma apresentava dificuldades em alguma habilidade, incluíamos algumas atividades com esta habilidade nas aulas seguintes. Isto ocorreu com as habilidades de lançar e receber/agarrar a bola. Ao final do Estágio, obtivemos cinco aulas em vídeo que contemplavam todas as habilidades motoras trabalhadas.

Após todas as aulas, foram escritos Diários de Campo para registros dos acontecimentos considerados relevantes, com informações sobre a turma como um todo. Do mesmo modo, as crianças também foram observadas individualmente para registro do seu desenvolvimento e aprendizagens a cada aula.

Assim, constantemente, procuramos avaliar e ajustar melhor os aspectos que percebemos que não haviam dado tão certo, tanto em relação às atividades propostas, quanto à organização das aulas e o gerenciamento dos conflitos, por exemplo.

Após os cuidados com o planejamento detalhado, partimos para a prática das aulas que nos surpreenderam com descobertas que tornaram o Estágio uma experiência muito rica e com diversas aprendizagens para nós, docentes.

## **5. EXPLORAÇÃO, DESCOBERTAS E TRABALHO PEDAGÓGICO**

As primeiras aulas ministradas foram o início do caminho a ser descoberto. A insegurança e a falta de experiência nos desafiaram a procurar estratégias para lidar com o desconhecido.

Após algumas frustrações com as dificuldades que encontrávamos, especialmente com a agitação da turma, descobrimos o ritmo, a música, a coreografia e a dança, elementos significativos para chamar a atenção das crianças para nós e para as aulas de Educação Física. Podemos dizer que este foi o início do nosso sucesso. Desde então, as aulas foram se transformando em alegria e diversão, de forma que os conteúdos eram inseridos de modo a obter o interesse das crianças.

Nesse contexto, fomos descobrindo e aprendendo que a música pode contribuir de modo significativo com o sucesso das aulas, pois estimula a criatividade, a imaginação, a alegria e a disposição da turma, através da dança e do canto dos mais diversos repertórios infantis. Procuramos apresentar para as crianças músicas cujas letras falassem das habilidades que trabalharíamos nas aulas, assim, as atividades propostas ficavam contextualizadas. Sempre que possível, incluíamos canções conhecidas das crianças, que faziam parte de programas infantis diversos e de suas preferências.

Outro grande desafio foi o uso de materiais nas aulas de Educação Física. A cada aula, qualquer material que fôssemos trabalhar, mesmo que já conhecido da

turma, era motivo de curiosidade e de dispersão. Percebemos que a fase de exploração de objetos, ainda estava bastante forte nesta turma. Ou seja, a turma tinha necessidade de explorar o material, ou seja, precisava mexer, brincar e desvendar os objetos. No primeiro momento, isto causou certa desestabilização do nosso trabalho, mas em seguida, transformou-se na segunda estratégia pedagógica de sucesso. Nossas aulas passaram a ser, a partir disso, exploratórias. Planejamos aulas nas quais as crianças pudessem desenvolver as habilidades motoras, ao mesmo tempo em que exploravam novos materiais. O fator novidade destes materiais mantinha o interesse e o tempo de permanência nas atividades propostas.

Deste modo, passamos a confeccionar nossos materiais com recursos reciclados para tornar nossas aulas mais atrativas. Construímos, por exemplo, para o galope, cavalinhos de pau com garrafas pet e cabos de vassouras; para os giros e movimentos axiais, os *swing poi*<sup>10</sup> com jornais, TNTs coloridos e cordões; ainda para os giros, mas com mudanças de direções, o pau de fita com cabo de vassoura e fitas coloridas; para as rebatidas, as petecas com jornais e TNTs coloridos; para os lançamentos, os aviõezinhos de papéis coloridos; para os arremessos, os palhacinhos de EVA e garrafas pet, dentre outros.

Nossas aulas foram planejadas com muito carinho, pesquisa e atenção às crianças. Procuramos utilizar materiais coloridos que chamassem atenção e estimulassem o uso da imaginação. Sempre que necessário, permitíamos que as crianças se movessem livres pelo espaço, à vontade, de acordo com suas necessidades, manipulando os materiais, percebendo as relações com o próprio corpo e com o espaço, sendo espontâneas e criativas, e, aos poucos, íamos direcionando para os nossos objetivos pedagógicos. Para Correia (2010), essa atitude – chamada de orientação ativa – permite maior autonomia com relação aos meios e atividades desenvolvidas e faz com que as crianças descubram, por si mesmas, os conhecimentos que lhes são indispensáveis, além de envolver os alunos na procura do significado e do sentido do que se aprende. Aproveitávamos estes momentos para dar continuidade às aulas de acordo com os desafios apresentados pelas próprias crianças, valorizando suas descobertas e participações. Para tanto, utilizávamos frases chaves como: “Olhem o que o colega está fazendo!”, “Que legal!”,

---

<sup>10</sup> O *Swing poi* é um instrumento de malabarismo composto por uma corda com uma bola em uma das extremidades, da qual saem fitas coloridas. O instrumento é manipulado segurando-se na extremidade livre da corda.



“Quem consegue fazer igual?”, “Quem consegue fazer diferente?”, “Quem consegue inventar outro jeito?”, “Muito bem!”, “Parabéns!”. Estas intervenções estimulavam as crianças a serem mais criativas, sendo que as desafiava a mostrar-nos o que conseguiam fazer, além de, sentirem-se satisfeitas quando pedíamos para os colegas imitá-las.

A exploração do movimento, a descoberta orientada e a solução criativa de problemas, são apontadas por Sanders (2005), as principais estratégias de ensino da Educação Infantil. Em nossa experiência de Estágio, pudemos compreender a importância e o êxito obtido com estas estratégias.

Para Gallahue (2005), a fase em que as crianças da turma que trabalhamos se encontravam, era de desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais, aperfeiçoamento de múltiplas formas de movimento e aquisição das primeiras combinações de movimentos. Nesta fase, as crianças têm como características a curiosidade acentuada em descobrir o que conseguem realizar, mas pequena capacidade de concentração, necessitando de muitas trocas de atividades. O desenvolvimento para outras etapas e para realização de novas habilidades motoras, está sujeito às oportunidades para a prática, ao encorajamento e a orientação em um ambiente que propicie o aprendizado, sendo importante, em nosso entendimento, oferecer experiências sustentadas pelo sucesso e reforço positivo.

Para organizar as aulas otimizando o tempo de prática em cada uma das habilidades motoras, sem perdas de tempo com muitas trocas de atividades, outra estratégia pedagógica que identificamos positiva, foi à realização das atividades em forma de circuitos ou sequências, continuamente na quarta aula, posteriormente a ênfase nas três habilidades motoras fundamentais das três aulas anteriores. Após a oportunidade de explorar e aprender as habilidades, o circuito ou sequência, permitiam praticá-las por mais tempo. Essas formações admitiam maior controle da turma, atenção às crianças, reforço positivo, observação do desenvolvimento, auxílio nas dificuldades e melhor percepção das relações entre as crianças.

Ao realizar a mesma habilidade em uma diversidade de situações, a criança enriquece seu repertório motor, aprende a ajustar seus movimentos no tempo e no espaço, tornando-se mais versátil para dar conta de novas demandas motoras. As situações de sucesso proporcionam que as crianças permaneçam engajadas nas atividades e ultrapassem obstáculos, ao passo que, as de fracasso, podem

desencorajá-las frente às dificuldades e, até mesmo, intensificar certa ansiedade e reduzir o envolvimento nas atividades (SANDERS, 2005).

A experiência de trabalho na Educação Infantil, seguramente, permite diversas descobertas e aprendizagens, sendo de extrema importância para a formação acadêmica na Licenciatura em Educação Física.

## **6. CONCLUSÃO**

A nossa experiência positiva no Estágio foi uma construção gradativa ao longo de todo o período. A valorização e o cuidado de procurar conhecer nossos alunos permitiu a construção do melhor caminho a seguir. Trabalhar com as habilidades motoras de maneira significativa para as crianças – com atividades desafiadoras e diferentes das convencionais – exigiu criatividade, pesquisa e boa percepção do contexto. Criamos ou modificamos a maioria das atividades, a partir das demandas que envolviam, tanto o nível de desenvolvimento motor das crianças, quanto à capacidade de organização.

O Estágio realizado na turma do Jardim B foi uma experiência inesquecível, pois cada aula foi uma aventura na qual embarcamos junto com as crianças.

No início do Estágio, nossos Planos de Aulas continham muitas atividades, pois não podíamos prever quais delas dariam certo. Precisávamos muito da segurança de termos alternativas previamente preparadas para o caso das crianças não se engajarem na nossa proposta. Com o desenrolar do Estágio, começamos a conhecer as crianças e a perceber seus gostos e atitudes. Aos poucos, fomos estabelecendo vínculo com a turma e modificando nosso olhar, o que também aconteceu com as crianças. Adquirimos mais habilidade no planejamento, conseguindo adaptar as atividades ao perfil da turma, criando meios para alcançar os objetivos de forma menos complexa e adequada.

Assim, identificamos as seguintes aprendizagens a partir da experiência de Estágio:

- a)** a música e a dança foram recursos muito positivos para atrair a atenção das crianças. As aulas que começamos dançando, fluíram muito bem;

- b)** a confecção de materiais para exploração, foi o ponto alto de nosso trabalho pedagógico, pois quando levávamos algo diferente para apresentar às crianças, estas ficavam entusiasmadas e se envolviam nas atividades;
- c)** percebemos que as crianças brincaram e criaram diversos movimentos com os materiais que confeccionamos a partir dos recursos reciclados: cavalinhos de pau, *swing pois*, petecas, pau de fita, aviõezinhos de papel e palhacinhos de EVA, dentre outros;
- d)** os espaços e os recursos fornecidos pela Instituição foram importantes para a criação das aulas de Educação Física. Materiais tradicionais, por exemplo, bolas, bambolês, cones, cordas e colchonetes, estavam sempre disponíveis para as aulas, que aconteciam em um salão coberto, amplo e limpo, não sendo necessário modificar os Planos de Aula nos dias de chuva, por exemplo.

Aprendemos, ainda, que a Educação Infantil é um nível de ensino apaixonante. Fazer parte, mesmo que por um breve período, desta fase tão importante do desenvolvimento daquelas crianças, foi muito gratificante. A alegria, o carinho e a simplicidade delas, jamais deveriam deixar de fazer parte da vida dos adultos. Certamente, aprendemos muito mais com eles do que pudemos ensinar.

Finalizamos o Estágio na Educação Infantil com uma mistura de sentimentos. Felizes pelas experiências construtivas que tivemos, pelo vínculo positivo estabelecido com as crianças, pelos desafios que nos provocaram na procura de novas competências, mas, ao mesmo tempo, com uma sensação de saudade, por sabermos que não estaríamos mais com eles nas manhãs de segunda e quarta.

## **7. REFERÊNCIAS**

CORREIA, W. R.; CARREIRA FILHO, D.. **Educação Física Escolar: docência e cotidiano**. Curitiba: Editora CRV, 2010.

GALLAHUE, D.; OZMUND, J.. **Compreendendo o desenvolvimento motor**. São Paulo: Phorte, 2005.

SANDERS, S.. **Ativo para a vida:** programas de movimento adequados ao desenvolvimento da criança. Porto Alegre: Artmed, 2005.

# **ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE TRABALHO INTEGRADO**

Guilherme Magalhães Testa<sup>11</sup>

Isadora Loch Sbeghen<sup>12</sup>

## **1. INTRODUÇÃO**

O Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, foco desse texto, foi realizado por nós, com uma Turma de Maternal 1, em uma Instituição de Educação Infantil de Porto Alegre/Rio Grande do Sul. A turma era composta por dezessete crianças, na faixa etária de dois anos a dois anos e onze meses, sendo o período de Estágio de setembro a novembro de 2015, todas as segundas-feiras e quartas-feiras, das 9h às 9h30min.

A partir dessa experiência docente, o objetivo deste texto é compartilhar os desafios e os aprendizados do referido Estágio, destacando como fomos estabelecendo parcerias de trabalho na Instituição e narrando a possibilidade de colocar em prática uma proposta pedagógica integrada na Educação Infantil, relacionada à Educação Física.

## **2. EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA INTEGRADA**

Nossa dupla de Estágio, antes mesmo de começar as aulas, tinha em mente o desenvolvimento de um Plano de Trabalho que relacionasse a Educação Física a outros assuntos que fizesse parte do universo da Educação Infantil. Um de nós pensava em uma ação interdisciplinar entre Educação Física e a leitura de contos e histórias; enquanto o outro, tinha como ideia, a abordagem de um tema transversal, no caso, hábitos alimentares saudáveis.

---

<sup>11</sup> Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS. E-mail: guimtesta@hotmail.com.

<sup>12</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS. E-mail: isbeghen@hotmail.com.

Logo no início das aulas, quando soubemos que formaríamos uma dupla, e que, assim, iríamos atuar juntos durante todo o período, percebemos que ambos teríamos que acordar sobre o que iria ser desenvolvido no Estágio. Com isso, nos deparamos com a seguinte questão: como iríamos desenvolver nosso Plano de Trabalho sem abonar nenhuma de nossas ideias?

Em momento posterior, ao retomar alguns pertences da infância de um de nós, encontramos a Coleção de Livros intitulada "Hortolândia e Frutolândia". Esta Coleção apresenta histórias curtas em que os personagens são alimentos. No caso da Hortolândia, cada livro tem um vegetal de personagem; já na Frutolândia, cada livro tem uma fruta como personagem. A coleção era ideal para utilizarmos como recurso pedagógico, pois poderíamos ler as histórias e estabelecer uma relação com hábitos alimentares saudáveis.

A partir disso, intencionamos realizar uma parceria com as professoras da turma que iríamos atuar. E, assim, através de uma ação interdisciplinar, as crianças poderiam ter uma maior aprendizagem dos conteúdos estabelecidos, contribuindo com seu possibilitando o desenvolvimento integral.

### **3. CONTEXTUALIZANDO O LOCAL DE TRABALHO: A INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

O local e a turma que trabalhamos nos Estágios Curriculares do Curso de Licenciatura em Educação Física podem ser referência para um futuro na docência, ou seja, podem nos incentivar ou desmotivar a seguir neste caminho, permitindo-nos diversas reflexões e aprendizagens.

A Instituição que realizamos o Estágio de Educação Física na Educação Infantil possui uma excelente estrutura de organização horária e física, além de uma equipe multidisciplinar ampla e organizada. Apresenta locais adequados para a prática de Educação Física e diversos tipos e modelos de brinquedos. Em aspectos gerais, a Instituição compreende a infância, uma fase de exploração do seu corpo e experimentação dos espaços, bem como as relações entre as crianças, entre professor/aluno e valores, relevantes para o processo de sociabilização.

Além disto, a Instituição se preocupa com a construção de sujeitos críticos e participativos. Desta forma, considera necessário possibilitar às crianças a

experimentação, a descoberta, mas manipulações diversas de objetos e a vivência de situações em um ambiente seguro e acolhedor, sempre reconhecendo as individualidades das crianças.

Logo que começamos a integrar a rotina da Instituição, percebemos que as crianças são incentivados a fazerem trabalhos manuais, dividirem brinquedos, participarem em atividades culturais, respeitarem regras de boa convivência e de educação, dentro outros.

A turma do Maternal I, com quem realizamos o Estágio, tinha crianças com personalidades diferenciadas, dos mais quietos e tranquilos, aos mais agitados. As professoras da presente turma foram muito receptivas, tal quais as crianças.

#### 4. A ORGANIZAÇÃO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Após o primeiro contato e observações da turma na qual iríamos trabalhar, produzimos nosso Plano de Trabalho. Este foi estruturado em seis blocos de três aulas cada, além de uma aula para introdução e outra para fechamento, totalizando vinte aulas. Como é apresentado na Figura 1, a seguir, cada bloco corresponde a um elemento da Cultura Corporal de Movimento, sendo eles: Atividade Rítmica, Jogos e Ginástica. E, cada aula enfatizando determinadas habilidades, capacidades e temáticas.

Figura 1. Planejamento das aulas de Educação Física.  
Fonte: Plano de Trabalho de Educação Física.



Com objetivo de promover uma ação interdisciplinar, a Proposta foi a de que, antes das aulas de Educação Física, ocorresse a leitura de um livro, pelas professoras da turma. Após a leitura, as aulas de Educação Física se estruturaram em três momentos, a saber: o primeiro de aquecimento; em seguida a parte principal; e, por fim, a volta à calma, totalizando o tempo de trinta minutos.

Não se atendo a apenas uma abordagem metodológica, as aulas de Educação Física se estruturaram nas abordagens: Construtivista-Interacionista, (DARIDO; RANGEL, 2005), Saúde Renovada (DARIDO; RANGEL, 2005) e Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998). Utilizamos a abordagem Construtivista-Interacionista, para que fosse constante o processo de reorganização das aulas, sendo construído a partir da base de conhecimento das crianças, promovendo o desenvolvimento em um ambiente lúdico e prazeroso. Através das atividades propostas nas aulas de Educação Física relacionadas à nutrição, procuramos ir de acordo com a abordagem Saúde Renovada, em que as informações e as mudanças de atitudes, de algum modo, estimulam a qualidade de vida e bem-estar as crianças. O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998) foi utilizado como forma de aproximação aos rumos que devem ser seguidos segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 1996), de forma que se estimule a cidadania nas crianças, inserindo-os e integrando-os à Cultural Corporal de Movimento.

A avaliação das crianças e do Estágio foi realizada através de duas tabelas por nós construídas. Para o preenchimento destas, foram observadas as habilidades e as capacidades motoras das crianças, determinando as facilidades ou as dificuldades na realização das atividades. Das duas avaliações, uma foi realizada no começo do período de aulas e outra no período final do Estágio.

Cabe destacar que, além destas tabelas, houve a avaliação formativa, de modo que a prática educativa fosse reorganizada e, assim, possibilitando melhor aprendizagem das crianças.



## **5. DO PLANO DE TRABALHO À PRÁTICA PEDAGÓGICA INTEGRADA**

Nesta sessão, relataremos alguns aspectos que marcaram a prática pedagógica do Estágio de Educação Física na Educação Infantil, enfatizando o desenvolvimento das aulas, as aprendizagens construídas a partir da realização da proposta pedagógica integrada, bem como a reflexão sobre a formação docente e discente.

### **5.1A ROTINA ESTABELECIDADA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Não basta apenas oferecer estímulos para que a criança se desenvolva normalmente, a eficácia da estimulação depende também do contexto afetivo em que esse estímulo se manifesta (LECH, 2015, p. 61).

A proposta pedagógica integrada, desenvolvida com a turma do Maternal I, evidenciou a possível relação da Educação Física com outros assuntos que integram o universo da Educação Infantil.

Com o objetivo de concretizar uma proposta pedagógica integrada, refletimos que, antes da realização das aulas de Educação Física em si, poderia ser feita a leitura de um livro que tivesse enfoque na saúde e na boa alimentação das crianças. A partir disso, as aulas de Educação Física se relacionariam com o alimento apresentado nesta leitura inicial. E, por fim, as crianças participariam de uma roda cantada em que o alimento em foco seria apresentado. Planejamos que, na sala de aula da turma, ficaria exposto um cartaz que, a cada aula dada, se colaria imagens dos alimentos (amigos) que a turma ia conhecendo no decorrer das aulas.

Aliado a isso, a cada aula de Educação Física, as crianças foram constantemente estimulados a conhecerem novas possibilidades de movimentação e de percepção corporal, de forma a possibilitar o desenvolvimento de habilidades e de capacidades motoras, em um ambiente lúdico e prazeroso.

A turma do Maternal I, durante todo o Estágio, foi muito participativa. O que no início do processo, era um pouco mais desafiador de realizar, por exemplo, a organização da turma antes da realização de determinada atividade, no decorrer das aulas, as crianças começaram a seguir a rotina da aula de Educação Física. Esta rotina consistia na (1) leitura do livro, (2) formação em "trem" para deslocamento inicial ao

local que seria realizada a aula de Educação Física, (3) organização da aula, (4) atividades da aula, (5) conhecimento do alimento, e (6) novamente formação em "trem" para deslocamento final e retorno à sala de aula. Nas últimas aulas, foi evidente o envolvimento de todos nessa rotina.

Algumas dificuldades, do mesmo modo, foram identificadas, por exemplo, o reconhecimento das partes do corpo, dos alimentos, a colaboração e o respeito com os colegas e professores, e, aos poucos e a cada aula, foram sendo superadas. A leitura inicial do livro e a roda cantada, na maioria das vezes, chamavam a atenção da turma e, assim, propiciavam momentos de maior concentração. Das atividades realizadas na parte principal das aulas de Educação Física, a turma procurou, em grande parte, explorar, descobrir e contemplar novas formas de se manifestarem. Mostravam-se envolvidos e animados com a aula e demonstravam muito gosto pela dança, por atividades como pega-pega, brincadeiras diversas com bolinhas, entre outras.

## **5.2A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA**

Na brincadeira, a criança pode ser quem ela quiser, ir aonde quiser e recriar o mundo à sua maneira. Da mesma forma, o ato de ouvir e ler histórias possibilita à criança a imaginação dos cenários e personagens ao seu modo, despertando praticamente a mesma sensação de liberdade que caracteriza o brincar (LECH, 2015, p. 67).

Logo que iniciamos o Estágio, antes da primeira aula, conversamos com as professoras da turma sobre o trabalho que gostaríamos de estabelecer e estas concordaram com nossa ideia. Nossa combinação era de que as professoras iriam fazer a leitura do livro referente à aula a ser realizada, um pouco antes de chegarmos à sala para a aula de Educação Física. Todavia, ainda no primeiro dia de aula, as professoras não realizaram o combinado, e, não identificamos se houve um mal-entendido ou se as professoras mudaram de ideia. Assim, tivemos que mudar nossa dinâmica e optamos em, nós mesmos, realizar a leitura dos livros. Como nosso tempo de aula era breve, solicitamos às docentes a possibilidade de entrarmos em sala de aula cinco minutos antes do tempo combinado, para realizarmos a leitura.

Lech (2015), destaca que: "[...] somente quando o educador for capaz de criar e oferecer aos alunos diferentes caminhos e possibilidades para aprender é que vai

promover aprendizagens significativas e duradouras” (p. 113). Assim, identificamos na leitura dos livros, uma possibilidade para construção de maior aprendizado por parte das crianças, e, mesmo que nenhum de nós tivesse experiência com contação de histórias, nos desafiamos e optamos por seguir nossa proposta pedagógica para que as crianças fossem estimuladas a relacionarem os conhecimentos advindos da leitura com as aulas de Educação Física.

Durante o Estágio, procuramos intercalar quem de nós faria a contação de histórias e aprendemos, com as professoras da turma, certos detalhes e estratégias para envolver mais as crianças a ouvirem a história e para sermos dinâmicos nestes momentos. Foi evidente que as crianças gostavam das histórias, pois, ao mesmo tempo, era um momento de retomar aulas anteriores e dar sequência ao planejamento.

### **5.30 TRABALHO COLETIVO NA REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO**

A constituição do ser-professor é um longo processo que comporta vários momentos complementares e contínuos, que não começa nem termina na graduação, pois a docência, por sua própria complexidade, demanda um contínuo desenvolvimento pessoal e profissional (LECH, 2015, p. 76).

Elaborar Planos de Aulas pode, muitas vezes, ser um desafio. Quando em dupla, temos algo para além deste planejamento, que é o fato de entrar em acordo com as ideias propostas e dialogar, em coletivo, a partir das singularidades. Nossa dupla durante o Estágio pôde ser equiparada a opositos que encontraram certo equilíbrio. Enquanto um de nós queria ousar ao inventar atividades diferentes, o outro propunha aulas com atividades mais tradicionais e eficazes.

Sem priorizar nenhuma das concepções, procuramos o meio-termo. Assim, elaborávamos Planos de Aula em que havia atividades mais ousadas, com apoio em atividades de fácil adaptação, bem como o contrário, procurando relacionar nossas perspectivas dos extremos. Vamos aos exemplos, a seguir:

Figura 2 e 3. Exemplos de aulas de Educação Física.

Fonte: Planos de Aula de Educação Física.

### **I - TEMÁTICA: Pimentão**

#### **II - OBJETIVOS:**

- Desenvolver a habilidade locomotiva de saltar e de agachar
- Desenvolver as capacidades perceptivas
- Identificar e avaliar as habilidades motoras capacidades e suas respectivas dificuldades
- Promover o desenvolvimento das habilidades motoras através da ludicidade

**III – MATERIAIS:** Fita crepe, folhas coloridas e corda.

#### **IV – ATIVIDADES PROPOSTAS**

Aquecimento: Vivo-Morto Pimentão

Os alunos estarão livremente posicionados pelo salão. Os professores darão as orientações em que vermelho é morto (alunos deverão agachar) e verde é vivo (alunos devem ficar de pé).

Parte principal:

1-Chegando ao pimentão

Os alunos estarão pelo salão sem formação determinada. Os professores estarão segurando uma corda (um em cada extremidade da sala). Toda vez que a corda passar os alunos deverão desviar a mesma, seja saltando ou rastejando.

2-As três cores do Pimentão

No chão do salão serão formadas com fita crepe três figuras geométricas diferentes, identificadas por folhas de cores diferentes (amarelo, vermelho e verde). Os alunos serão estimulados a dançar. Quando a música parar os alunos deverão olhar para os professores e identificar a folha colorida que os mesmos estarão segurando. A cor apresentada irá direcionar o local que os alunos devem recorrer.

Volta à calma: Roda da alimentação.

### **I - TEMÁTICA: Manga**

#### **II - OBJETIVOS:**

- Desenvolver as habilidades de correr
- Desenvolver as capacidades físicas
- Identificar e avaliar as habilidades motoras capacidades e suas respectivas dificuldades
- Promover o desenvolvimento das habilidades motoras através da ludicidade

**III – MATERIAIS:** Mini cones e bolinhas de meia.

#### **IV-ATIVIDADES PROPOSTAS**

Aquecimento: Procura do caroço da manga

Os alunos estarão sentados em uma extremidade do saguão. No outro lado, estarão espalhados alguns mini cones, sendo que uns com uma bolinha dentro. Ao sinal dos professores os alunos deverão procurar as bolinhas e trazer para o lugar que começaram a atividade.

Parte principal: Brincando com a manga

1-Exploração: Os alunos serão estimulados a pegar um dos mini cones já espalhados pelo saguão. Em formação livre, os alunos deverão brincar com os mini cones, procurando explorá-los o máximo.

2-Troca da manga: Mesma lógica da brincadeira “Coelho sai da toca”, todavia ao invés da toca ser um bambolê, será um cone.

Volta à calma: Roda da alimentação.

As aulas supracitadas (Figuras 2 e 3), partiram do que foi estabelecido no planejamento (Figura 1). Junto deste planejamento, procuramos considerar os conteúdos propostos pelo Volume 3 do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), enfatizando o desenvolvimento de capacidades expressivas, apropriação corporal, situações individuais e interação.

#### **5.4A MÚSICA COMO FORMA DE CONSTRUÇÃO DE APRENDIZAGENS**

A prática das cantigas de roda envolve um conjunto de elementos que podem ser excelentes recursos educacionais, tanto pela oportunidade de cantar e dançar – pois, por si já são atividades prazerosas –, quanto pelo conteúdo das letras, que se apresenta cheio de mensagens explícitas e implícitas, permitindo incorporar hábitos, conhecimentos regionais, maneiras de se relacionar e alimentando a vida subjetiva de seus praticantes (LECH, 2015, p. 162).

Como relatado até o momento, as aulas de Educação Física se estruturavam em três momentos: aquecimento, parte principal e volta à calma. Com o intuito de acalmar e reorganizar a turma para voltar à sala, adotamos uma prática rotineira de volta à calma realizada na Educação Infantil, adequada aos nossos objetivos pedagógicos: a “Roda da Alimentação”. Baseado nas temáticas das aulas, estabelecemos duas pequenas músicas a serem utilizadas nestas. A primeira, referente as verduras, a partir da adaptação da música “O sapo não lava o pé” e que foi utilizada nas dez primeiras aulas<sup>13</sup>. E, a segunda música, que foi referente às frutas, foi utilizada nas dez últimas aulas<sup>14</sup>.

O fato de utilizarmos a mesma música durante o Estágio, apenas trocando pequenos trechos da letra, acabou por aproximar mais as crianças de nossa proposta pedagógica. A música se fez uma ferramenta de aprendizado e retorno imediato, pois pudemos identificar a facilidade da turma para conhecimento de determinados alimentos, percebemos a atenção das crianças nas temáticas das aulas, observamos que muitos aprenderam as letras iniciais dos nomes dos alimentos, além de cantarem conosco a música do dia.

Junto da música, o momento “Roda da Alimentação” incluía a apresentação do alimento (*in natura*) tema de cada aula. Ao apresentar o alimento, estimulávamos,

---

<sup>13</sup> “Criança tem que comer/Alface para crescer/No almoço e na janta/A salada tem que ter. ALFACE E” (nome da verdura que foi alterado a cada aula).

<sup>14</sup> “Lá vem o trem/É o trem das frutas (2x). O que é que ele tem? (nome da fruta)! (4x)”.

através de nossa fala, que as crianças percebessem o aroma, a textura, os aspectos do alimento que estava em suas mãos, possibilitando, assim, a ênfase em alguns dos cinco sentidos (tato, olfato, visão, paladar e audição).

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O começo do Estágio se aliou a diversas questões experienciadas por nós: a incerteza do desenvolvimento de aulas significativas para as crianças, o desafio de exercer a docência em dupla, a intenção de oportunizar as melhores aprendizagens para os alunos, bem como a procura pelo crescimento pessoal e profissional.

Com o decorrer do Estágio, percebemos que construímos conhecimento que nos auxiliaram durante esta trajetória. Aprendemos que: **1)** um bom planejamento é uma das chaves principais para o desenvolvimento e o sucesso das aulas; **2)** uma rotina estabelecida, na Educação Infantil, pode facilitar o bom andamento da aula; e **3)** a atenção com o todo (incluindo alunos, professores, funcionários e ambiente escolar) é fundamental. Destacamos que essas aprendizagens foram construídas, não somente ministrando as aulas de nossa turma, mas, do mesmo modo, observando as aulas dos demais colegas de Estágio.

Entendemos que o Estágio, na Formação Inicial, é um período que nos permite, dentre outros elementos, colocar o entendimento da teoria na prática. É o momento de contemplar as possibilidades e os desafios da escola real. Mesmo tratando de uma experiência curta, em termos temporais, percebemos que conseguimos, não somente alcançar nossos objetivos, mas contemplar aprendizados, nossos e das crianças. Imergimos no mundo infantil que nos faz questionar, refletir e sonhar. A turma do Maternal I nos fez ampliar horizontes. Foi uma experiência que agregou não somente a nossa formação profissional, mas também pessoal.

## 7. REFERÊNCIAS

BARROS, D.; PABST, M. L.. **No Reino da Hortolândia:** na Terra dos Cereais. Blumenau: Edições Sabida.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil.** v. 1-3. Brasília, DF: MEC/SEF/Coedi, 1998.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A.. Educação Física na Escola **Implicações para a Prática Pedagógica.** 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

LECH, M. B. (Org.). **Educação pelo Movimento na Infância:** reflexões e ações humanizadoras. Passo Fundo: Méritos, 2015.

MARQUES, C.; RHOD, A.. **Frutolândia.** Blumenau: Edições Sabida.

# APRENDIZAGENS CONSTRUÍDAS NO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jaciane Ferreira Brum<sup>15</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

Minha descoberta como professora de Educação Física (EFI) na Educação Infantil, aliada aos medos, anseio e acertos, povoavam os primeiros dias do Estágio de Docência de EFI na Educação Infantil.

Ao escrever esse texto, optei narrar um pouco do que vivenciei, aprendi e descobri durante este primeiro Estágio do Curso de Licenciatura em EFI da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Durante a visita de observação que fizemos à escola de Educação Infantil que realizaríamos o Estágio, vivi diversos medos, temores, anseios e insônia. Após o primeiro contato com a turma que trabalharia no Estágio, até mesmo a possibilidade de cancelamento da disciplina ocorreu-me. A turma me pareceu muito agitada e, assim pensei: "O que fariam comigo? Uma pessoa estranha? Sem nenhuma experiência na docência? Será que teria controle sobre aquela turma?".

Todos esses sentimentos que me tomaram, foram revelados em sala de aula com a professora Supervisora do Estágio, que desde o primeiro momento, viu que me encontrava perdida em meus medos. Entretanto, não adiantava adiar essa experiência, pois, em algum momento do Curso de Licenciatura, teria que realizar esse Estágio. Percebo que o apoio da Supervisora e do Monitor da Disciplina foi fundamental para que eu não abandonasse ou postergasse essa etapa.

Neste momento, após refletir sobre a experiência realizada, consigo entender a importância da escrita do Diário de Campo<sup>16</sup> durante nossa prática pedagógica na escola, pois segundo Prado (2005), o Diário oferece possibilidades de anotar detalhes minuciosos, sentimentos, emoções e relatos de momentos que vivemos. O embasamento do referencial e dos textos lidos e discutidos durante a

---

<sup>15</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS. Monitora Acadêmica da Disciplina de Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil da ESEFID/UFRGS. Bolsista de Extensão Projeto Paradesporto da UFRGS. E-mail: jacif.brum@hotmail.com.

<sup>16</sup> O Diário de Campo consiste em um caderno em que cada estagiário registra a experiência vivenciada no processo de Estágio.



parte teórica do Estágio, antes deste iniciar, me ajudou ao longo do semestre, tanto na própria realização do Estágio, quanto na construção deste texto.

## **2. A OBSERVAÇÃO DA TURMA DE ESTÁGIO E A CONSTRUÇÃO DE UM TRABALHO COLETIVO**

No segundo dia de observação da turma que realizaria o Estágio, acompanhei sua rotina durante toda à tarde. No primeiro momento, apresentei-me e disse o que faria ali, mas, antes, problematizei com as crianças se sabiam o que eu faria. Neste momento, vi uma turma de 20 crianças, entre 4 e 5 anos de idade, por vezes agitadas, o que me assustou e muito. Pequenos confrontos, conversas altas, disputas por materiais, foram algumas das cenas que observei nesse dia.

Junto a essas observações, também vi na professora da turma uma aliada. Sayão (2002), nos faz refletir sobre a importância de se trabalhar em conjunto com a escola e a professora da turma, procurando sair de nossa zona de conforto de, por exemplo, trabalhar somente com os esportes conhecidos, nas aulas de EFI. Para conseguirmos atingir uma boa metodologia de trabalho, principalmente na Educação Infantil, devemos estabelecer vínculos, não apenas com a turma, mas, do mesmo modo, com a professora regente e com a comunidade escolar, procurando trabalhar de maneira conjunta e não fragmentada.

Assim, o primeiro Plano de Aula que planejei para trabalhar com a turma, teve como base de auxílio, o Plano de Ensino do nível Maternal (turma que trabalhei no Estágio). Junto a isso, conversei com a professora da turma para conseguir compreender melhor o que estava trabalhando naquele momento. Percebi que com o passar das aulas de EFI e com a convivência, a professora, igualmente, me considerava uma aliada para lidar com os desafios da turma.

## **3. AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O PLANO DE AULA, OS ACORDOS PEDAGÓGICOS E A EXPLORAÇÃO DE MATERIAIS**

O fato da ansiedade não me deixar dormir antes de começar o Estágio propriamente dito, me fez refletir sobre o que trabalhar com as crianças no primeiro

dia de aula de EFI, ou seja, o que deveria planejar para ficar com a turma por 45 minutos ininterruptos.

Naquele momento, percebi que a preparação de um Plano de Aula iria muito além do que eu imaginava, pois ocupou um longo período do meu dia de planejamento, a partir de muita reflexão, criação, pesquisa por repertório de atividades, e, até mesmo após chegar em casa depois de um dia de trabalho e estudo, construindo recursos materiais para utilizar nas aulas.

O Plano de Aula é a organização sistematizada e justificada do que se pretende realizar em uma aula de EFI, em que fica implícito nossa intenção pedagógica naquele momento. Este Plano tem como objetivo nos auxiliar e nos ajudar a dar um começo, meio e fim as aulas, nos fazendo refletir aquilo que estamos tentando ensinar e como vamos construindo esse processo durante um período de tempo, neste caso, durante os três meses do Estágio. Através de cada Plano que ia elaborando semanalmente, consegui perceber o que estava dando certo e o que precisava ser melhorado nas minhas aulas, além de entender a importância de manter uma coerência e uma conexão entre as atividades diárias, semanais e mensais.

Portanto, percebi que as aulas de EFI "que deram mais certo" foram aquelas que tiveram uma continuação bem explícita, em que ficava claro para as crianças o que estava acontecendo na aula. Uma aula a ser destacada foi a da "História Interpretada", que realizei uma atividade, a partir de uma história que as crianças foram criando junto comigo, interpretando movimentos que eram solicitados ou dito por elas próprias, criando personagens, realizando sons e diversos movimentos, a partir de um contexto lúdico.

De acordo com Buss-Simão (2011), o tempo compreendido da aula de EFI deve ser determinado pelo andamento da atividade e não, apenas, pelo relógio. Ao dar uma aula, o professor não deve estar preocupado somente com o tempo cronológico, com o tempo que parece ser curto ou longo, ou, que não será suficiente para realizar todas as atividades planejadas. Para nós, iniciantes na docência, tais preocupações podem fazer com que acabemos atropelando o aprendizado, para conseguir realizar todas as atividades que havíamos planejados. Aprendi, que o que realmente importa para o bom andamento de uma aula, é perceber se os objetivos desta estão sendo alcançados, e, conseguimos perceber

isso, através da percepção de como a aula está acontecendo, se as crianças estão conseguindo realizar as atividades com êxito, se estão conseguindo entender e realizar aquilo que está sendo proposto pelo professor, dentre outros elementos.

A partir dessas considerações, planejei a primeira aula de apresentações, entretanto, deveria cuidar para não prolongar muito, pois a maioria das crianças da turma já se conhecia e já sabiam seus nomes, a pessoa nova ali era eu. Essas informações serviram, do mesmo modo, para a construção do Plano de Ensino, ou seja, a definição do que eu gostaria de trabalhar com a turma, durante o período de Estágio.

Assim, na primeira aula de EFI, antes de sair da sala de aula, fiz alguns acordos pedagógicos com a turma para que pudéssemos ter uma boa convivência, e que usaria durante as aulas posteriores. Nas observações que havia feito anteriormente, percebi que havia a necessidade de alertar as crianças que não poderiam brigar com os colegas, que seus atos teriam consequência que poderiam machucar os colegas, que teriam que ouvir a professora quando falasse e assim por diante. Outra aprendizagem que tive foi que, fui me dando conta, ao longo do semestre, que havia que ter um cuidado com as palavras e a forma que eu as usaria nas aulas, afinal, estava trabalhando com crianças que estavam imersas no universo da ludicidade. Para organizar as aulas, considerei as seguintes orientações:

As propostas pedagógicas para as instituições de educação infantil devem promover em suas práticas de educação e cuidados, a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivo/linguísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser total, completo e indivisível (BRASIL, 1998, p. 11).

Deixo claro que, procurei utilizar as informações que o Referencial Curricular para Educação Infantil (BRASIL, 1998) apresenta, através dos acordos pedagógicos realizados com as crianças e sempre as relembrava, em cada aula, de maneira curta e objetiva, de nossas combinações. Do mesmo modo, as deixava fazer parte desse processo, convidando uma criança para ajudar a turma a lembrar o que poderia e o que não poderia ser feito em aula e os motivos dessas ações.

Outro ponto crucial dos acordos realizados, era a saída para o pátio da escola. Antes desses momentos, avisava da importância de ficarem no espaço demarcado por cones e o motivo pelo qual não poderiam sair deste espaço. As

crianças compreenderam as orientações de modo positivo, inclusive chamavam a atenção de colegas que não cumpriam ou esqueciam os acordos construídos.

O Referencial Curricular para Educação Infantil (BRASIL, 1998) orienta que o professor deve cuidar de suas expressões e posturas corporais, visto que é um modelo para as crianças. Durante minhas aulas, procurava me comunicar da maneira mais clara possível, sempre deixando transparecer quando estava contente com a turma e quando não gostava do que estavam fazendo, ou, o que podiam melhorar. Percebi que, com esta atitude transparente, consegui criar um vínculo muito positivo com a turma:

É importante informar sempre as crianças acerca de suas competências. Desde pequenas, a valorização de seu esforço e comentários a respeito de como estão construindo e se apropriando desse conhecimento são atitudes que as encorajam e situam com relação à própria aprendizagem. É sempre bom lembrar que seu empenho e suas conquistas devem ser valorizados em função de seus progressos e do próprio esforço, evitando colocá-las em situações de comparação (BRASIL, 1998, p. 41).

Sobre a citação supracitada, percebi certo desafio para conseguir dar o retorno para a turma de sua participação nas aulas, por exemplo. Ao refletir sobre minha prática pedagógica como docente iniciante, percebi que me preocupava, talvez de modo excessivo, em manter “tudo em ordem e sob o meu controle”, e acabava por dar o retorno às crianças, apenas ao final da aula, e, ainda, de um modo generalizado, esquecendo-me das individualidades.

Com o passar do tempo e com a reflexão sobre a prática, que acontecia a partir da escrita do Diário de Campo e nas reuniões de orientação, comecei a tentar dar conta dessas práticas e procurei dar o retorno para as crianças durante a realização das atividades na aula. Fui percebendo que, algumas delas mudavam por completo sua participação em aula, sentiam-se mais motivadas e empenhadas em participarem da aula e, até mesmo, a ajudar quem estava com alguma dificuldade. Junto a isso, aprendi que as crianças são muito receptivas as orientações da professora e que, por vezes, também tem capacidade de resolverem as situações de confrontos sozinhas. Nestes momentos, eu acabava intervindo, somente quando necessário.

Destaco que trabalhar com vinte crianças sozinha e ao mesmo tempo, não é tarefa fácil, ainda mais quando se é um professor em seu primeiro Estágio de

Docência. Percebi a dificuldade de estar à frente de uma turma de crianças e ter que resolver algumas situações na urgência, pois em questão de segundos, há momentos na aula que uma criança sai correndo para um lado, outra cai no chão, outra pede para ir ao banheiro, e, além de tudo isso, estamos ensinando uma atividade. Ou seja, é muita informação a ser gerida. Para tanto, procurei alguns embasamentos que me ajudaram para dar conta de momentos como esse, e um deles, foi de colegas de Estágio que me acompanhavam em todas as aulas: “o apoio”.

O apoio era um colega que trabalhava com outra turma no Estágio e ficava em minha aula, do início ao fim, apoiando-me no que fosse necessário. Todas as turmas de Estágio tinham um colega que era apoio. Entretanto, é importante ressaltar que o colega apoio somente entrava “em cena” quando solicitado por mim, ou seja, o protagonismo docente da aula, era meu, visto que eu era a docente de Educação Física da turma. Assim, um bom apoio era aquele que estava atento a tudo junto à professora, sem interferir no protagonismo das aulas. Ou seja, os apoios ajudavam sempre que se precisasse de algo, por exemplo: idas ao banheiro, quando alguém se machucava, na manipulação dos materiais utilizados em aula, ou, até mesmo, quando algumas crianças se ausentavam das atividades. O apoio foi de suma importância, não apenas na organização das aulas, mas, também, no retorno sobre a aula dada e nas conversas durante as reuniões de orientação, pois conseguiam ver elementos que poderiam me ajudar a melhorar minhas aulas, apresentando uma “visão externa” da aula que eu tinha dado. Procurei sempre ver as críticas como algo construtivo, aprendendo com estas e refletindo sobre como me ajudariam a melhorar minha prática pedagógica.

Outro aprendizado que gostaria de destacar nesta sessão, trata do trabalho com materiais nas aulas de Educação Física. A turma se mostrava muito curiosa e interessada quando havia a inclusão de materiais nas atividades propostas. Portanto, comecei a encontrar certa dificuldade em deixar o tempo livre necessário para a exploração desses materiais. Palma (2015), nos faz refletir sobre a importância de deixar a criança explorar os materiais, mas que tal exploração, por si só, não é capaz de educar. Essa exploração é necessária para aguçar a curiosidade da criança para o que irá acontecer na aula de Educação Física e para se familiarizar com o material que será utilizado.

Do mesmo modo, percebo essa exploração necessária para o desenvolvimento da criança, mas para que isso ocorresse, era preciso deixar a aula um pouco mais livre, e, neste momento, temia essa liberdade, pois percebia que eu sairia de minha zona de conforto, e, a partir disso, estaria me desafiando, pois pensava que estaria perdendo o controle da turma. Ao longo das aulas, fui desenvolvendo mais segurança e confiança, não apenas na turma, mas em mim, e comecei a deixar esse momento acontecer sem muita preocupação. As crianças, para minha surpresa, apresentaram muito amadurecimento quando os materiais eram apresentados/acrescentados nas aulas, além de que, esses recursos ajudavam muito a poder conhecer um pouco mais de cada criança, além de suas habilidades corporais. Posteriormente, ao refletir sobre a prática do Estágio, percebi que, as aulas que mais pude deixar as crianças mais livres – para explorarem os materiais, por exemplo – foram as que mais consegui alcançar os objetivos propostos, pois sentia que do jeito delas, estavam fazendo o que era solicitado, e que a cada dúvida que vivenciavam, vinham até eu pedir ajuda para realizarem a atividade.

Uma das maiores conquistas que tive na experiência do Estágio foi uma atividade extraclasse que realizei com a turma. Ao final do Estágio, fizemos uma visita a Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da UFRGS, pois as crianças manifestaram muito interesse em conhecer a escola que a professora de EFI estudava<sup>17</sup>. Penso ser de significativa importância visitas a Museus, Cinemas e outros lugares culturais, para além da escola, que podem proporcionar aprendizagens e possibilitar às crianças vivenciarem experiências diversas das que acontecem na escola. Assim, pensei: por que não conhecerem a ESEFID? Poderiam conhecer o Ginásio de Ginástica Olímpica, o Centro Natatório, além de fazermos um piquenique de encerramento nos gramados da ESEFID. E assim fizemos.

Na ESEFID, as crianças comentaram que o Ginásio de Ginástica parecia um “parque de diversões diferente”, pois ali tinha uma quantidade de aparelhos de ginástica que puderam explorar de maneiras diversas. Do mesmo modo, comentaram

---

<sup>17</sup> Esta curiosidade teve início quando, em uma aula de EFI que a Supervisora de Estágio assistiu, as crianças começaram a perguntar quem era a outra professora. Disse às elas que quem estava observando a aula era “minha professora”, pois eu estava estudando para ser docente de EFI. A partir disso, a turma ficou muito interessada e fez diversos questionamentos sobre “a minha escola”. Conte para as crianças que eu estudava em uma sala como a delas, em uma escola como a delas, que tinha vários professores e, assim, fomos trabalhando a possibilidade de visitar “minha escola”.

que conheciam alguns daqueles aparelhos, pois já tinham visto na televisão e nas competições de ginástica olímpica.

O que aprendi com essa experiência é a imensa responsabilidade que temos ao sair com as crianças para fora da escola, ou seja, tal saída envolve autorização de responsáveis, organização do dia com a docente da turma, agendamento de transporte coletivo, reserva dos espaços da ESEFID a serem visitados, dentre outras organizações. Além disso, vivi com a turma momentos muito gratificantes, pois tiveram a possibilidade de explorar um lugar desconhecido, conheceram a escola que a “profe Jaci” estudava e, de certo modo, conversei com a turma sobre o fato de que é muito bom estudar e aprender coisas novas.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo dessa jornada que foi o Estágio, e, com as leituras e releituras do Diário de Campo, percebi um desenvolvimento muito grande, não apenas da turma que realizei o Estágio, mas em mim. Percebo, hoje, ao escrever esse texto, que os medos e os anseios que tanto temia no início, eram apenas fantasmas da minha cabeça. Relembro o que a Supervisora de Estágio comentou, logo no princípio dessa experiência: “Só se preocupa quem está comprometido com o que faz”.

A cada planejamento de aula, a cada confecção de materiais, a cada tempo dedicado ao Estágio, percebi que valeu muito a pena, pois tive a oportunidade de ver cada criança crescendo e aprendendo aquilo que eu tentava ensinar. Percebi que a turma se mostrou muito disposta e atenciosa nas minhas aulas, e, nem sempre o tempo livre de exploração dos materiais significava que eu não estivesse “dando aula de EFI”.

Para finalizar, destaco que, se a experiência do Estágio “deu certo”, muito se deve a importante interação que existiu entre a professora regente da turma e eu, pois além de um bom referencial teórico, essa parceria, ajuda, e muito, para o bom andamento da aula.

Aprendi que nem toda primeira impressão é a que fica. Nesse ciclo que se encerrou, foi de grande importância abandonar meus “pré-conceitos”. Não vou dizer que tudo deu certo, até porque a perfeição não existe, e que bom que ela não exista, pois, assim, podemos sempre estar em busca de novas aprendizagens. Aprendi a sair

da zona de conforto e me desafiar, pois foram elementos fundamentais para conseguir vencer barreiras, principalmente aquelas que existiam em meu imaginário.

Descobri, na realização do Estágio, um novo campo de trabalho na EFI, que aprendi a gostar e que, não pensava que pudesse atuar algum dia. Hoje, se me perguntassem: "Você trabalharia na Educação Infantil?", sem pensar muito, minha resposta seria: "Com certeza, sim. Vejo nessa área um campo imenso de estudos e de aprendizado que, muitas vezes, deixamos de lado na Formação Inicial em EFI".

## 5. REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. S.. **Jogos para o ensino de conceitos**. Campinas: Papyrus, 1998.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Conhecimento de Mundo**. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 15-41.

BUSS-SIMÃO, M.. Educação Física na Educação Infantil: compartilhando olhares e construindo saberes entre a teoria e a prática, Campinas, **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 2011. p. 09-21. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1204/610>>. Acesso em: 06/07/2015.

PALMA, M. S.. Educação Física na Educação Infantil. In: FONSECA, D. G.; MACHADO, R. B.. **Educação Física: (re)visando a didática**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 119-150.

PRADO, P. D. (Org.). **Por uma Cultura da Infância: metodologias de pesquisa com crianças**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 19-47.

SAYÃO, D. T.. Corpo e Movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à Educação Infantil e à Educação Física, Campinas, **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 23, n. 01/2002. p. 55-67. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/270/253>>. Acesso em: 06/07/2015.



# **A IMPREVISIBILIDADE DA DOCÊNCIA: APRENDIZAGENS E DESAFIOS DO ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Maicon Pereira Moraes<sup>18</sup>

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente texto trata de um relato sobre as principais aprendizagens e desafios do Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, que aconteceu em uma Escola de Educação Infantil, da cidade de Porto Alegre/Rio Grande do Sul, com uma turma de Maternal II, composta por dez crianças, com idade entre 3 e 4 anos.

Os aspectos que mais chamaram minha atenção, o que considerei relevante, desde o momento anterior às atividades na escola, até as percepções, sentimentos e aprendizagens identificados durante e após o período do Estágio, são descritos nesse texto.

A Educação Física é o Componente Curricular que trabalha com a linguagem do corpo, alfabetizando-o, proporcionando o desenvolvimento e a experimentação das manifestações da cultura corporal do movimento. Portanto, a Educação Física deve transmitir/construir os conteúdos/conhecimentos culturais relacionados ao corpo e ao movimento através de atividades e práticas corporais planejadas, que explorem as capacidades físicas e as habilidades corporais do sujeito, que, a partir disso, possa ser capaz de conhecer o próprio corpo, reconhecendo suas potencialidades e limites, exercendo cuidado de sua imagem corporal, atingindo um estado de bem estar físico e emocional.

Portanto, a Educação Física na Educação Infantil tem como objetivo possibilitar o desenvolvimento das capacidades físicas, habilidades corporais, interação com o outro, respeito mútuo e estimular a criatividade, por meio do lúdico, afinal, nos anos iniciais, "é brincando que se aprende".

Após a visita realizada na escola para conhecer a turma que iríamos trabalhar, comecei a pensar quais seriam meus objetivos e como conseguiria atingi-los, ou seja,

---

<sup>18</sup> Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS. Bolsista do Laboratório de Pesquisa do Exercício da ESEFID/UFRGS. E-mail: maiconmoraes93@gmail.com.

comecei a pensar “o que” trabalhar e “como” trabalhar. Como as crianças daquela escola não tinham aulas de Educação Física com docente de Educação Física, e sim, com as docentes referências das turmas, o principal objetivo que pensei ser importante desenvolver nessas aulas era proporcionar vivências e prática das habilidades motoras fundamentais, pois essas habilidades são a base estrutural para qualquer aprendizagem corporal nos anos seguintes:

As habilidades motoras fundamentais de crianças que estão entrando na escola muitas vezes não estão completamente desenvolvidas. Os anos iniciais da escola, portanto, são a oportunidade para desenvolver habilidades motoras fundamentais até níveis maduros. Essas habilidades passarão por processos de melhoria e de refinamento para formar as habilidades motoras especializadas tão necessárias a tarefas recreativas, competitivas e da vida diária (GALLAHUE; OZMUN, 2005, p. 69-70).

Nas primeiras aulas do Estágio, ainda no período de sondagem, percebi que as crianças necessitavam desenvolver habilidades de locomoção, corridas não convencionais (lateralmente, de costas, de mãos dadas com o colega), entre outras formas de deslocamento.

Do mesmo modo, procurando o desenvolvimento integral das crianças, se torna evidente que aspectos comportamentais e cognitivos necessitam tanto de atenção quanto os aspectos motores. Nesse sentido, e após conhecer a turma, incluí em meus objetivos de trabalho, elementos de cooperação, afetividade, autonomia, interação, boa convivência e respeito entre as crianças.

## **2. A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A origem da palavra “lúdico” está no latim “ludos”, que significa “jogo”. Entretanto, essa palavra ganhou novas considerações e passou a ter outros sentidos, através das pesquisas que envolveram a Psicomotricidade. Uma atividade lúdica deve proporcionar diversão e prazer a quem a está praticando. Ou seja, a aprendizagem, não apenas na Educação Infantil, mas, também nos anos posteriores da escolarização, seria muito mais significativa se, na mediação do professor no processo ensino-aprendizagem, fossem incluídos conteúdos lúdicos, o que remeteria ao pensamento de que aprender pode ser divertido, mantendo as crianças motivadas e ansiosas para a próxima etapa de aprendizagem, ou seja, os próximos conteúdos.

Para incluir o lúdico nas aulas, é preciso que o professor conheça certos elementos da cultura que, nesse caso, as crianças estão inseridas. Além disso, é importante observar o desenvolvimento de atividades criadas pelas próprias crianças, pois são o resultado da criatividade e da necessidade das crianças de se expressarem, que, para elas, representa algo importante e divertido.

Considerando que a atividade lúdica tem um papel fundamental na formação da criança, podendo ser utilizada como um rico recurso para as práticas pedagógicas (KISHIMOTO, 2002), é que elaborei os Planos de Aula e as atividades que os compunham para que os objetivos das aulas de Educação Física fossem atingidos.

Na Educação Infantil, a ludicidade é um caminho para que o professor obtenha a atenção das crianças, principalmente no momento inicial da construção de um vínculo com elas, além de ser uma forma eficiente de fazer com que as crianças entendam algo que seja importante na aula, por exemplo, as regras de convivência.

Segundo Piaget (1978), as atividades lúdicas atingem um caráter educativo, tanto na formação psicomotora, quanto na formação da personalidade das crianças. Assim, valores morais como honestidade, fidelidade, perseverança, respeito ao social e outros, são construídos e desenvolvidos nessa fase de desenvolvimento humano.

As crianças são muito criativas na infância e se o professor não utilizar a ludicidade a seu favor, nas aulas de Educação Física, de modo que as crianças possam se divertir enquanto aprendem, o resultado da aula poderá ser desastroso, com a perda da atenção das crianças, que podem ficar dispersas, fazendo o que sentem vontade, e que, em alguns momentos, pode até ser mais proveitoso do que uma aula sem ludicidade.

Na maioria das aulas do Estágio, inclusive aquelas que a repetição das atividades era necessária, tentei utilizar algum elemento lúdico para que as crianças, por mais que estivessem repetindo algo (por exemplo, o arremesso), não perdessem a motivação. Procurei fazer com que esse movimento não fosse simplesmente o ato de arremessar – de modo que as crianças não vissem a repetição como realmente era, pois introduzi o mundo da imaginação, do faz de conta, em uma atividade, de certo modo, mecânica – tornando-a um momento divertido e prazeroso, fazendo com que as crianças alcançassem o objetivo da aula de forma espontânea.

Para Santin (1990), o indivíduo que brinca é espontâneo, e no ato de brincar, a realidade é transformada, personagens e mundos de ilusão são criados, colocando-se

diante de desafios, riscos, de imprevistos, de suspense. O jogo lúdico apresenta uma dimensão humana que proporciona alegria e euforia à criança ao perceber suas possibilidades e a oportunidade de representá-las e retratá-las.

Utilizar o lúdico como principal ferramenta para as aulas não deve ser uma forma de apenas “agradar” a criança, pois o professor deve ter um objetivo claro em sua aula e, durante as atividades, os elementos lúdicos serão incluídos. Assim, é algo que deve ser pensado pelo professor, elaborado, planejado, sendo um facilitador e um meio no processo de ensino-aprendizagem.

### **3. COMO TRABALHEI PARA ATINGIR AOS OBJETIVOS: AS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS, O TRABALHO COLETIVO COM A DOCENTE DA TURMA E OS ESPAÇOS DA ESCOLA**

As aulas de Educação Física foram planejadas de forma a atrair as crianças a participarem das atividades propostas, por meio da imersão do professor no mundo da imaginação, do faz de conta e da ludicidade, além da utilização de materiais diversos: cordas, bambolês, formas geométricas, cores, diferentes texturas, tecidos, bolas de diferentes cores e tamanhos, músicas infantis apropriadas para cada tema da aula, entre outros, dependendo da exigência do momento.

Quanto às atividades, os objetivos das aulas tratavam de problematizar os seguintes temas e atividades:

- a) Esquema corporal:** conhecimento das partes do próprio corpo e do corpo do outro, através das dimensões de esforço, contato, espaço e relação;
- b) Atividades rítmicas:** atividades que o elemento principal passa a ser o ritmo, ou seja, toda a atividade realizada é ritmada, por exemplo, cirandas, rodas cantadas;
- c) Atividades de autocontrole:** atividades que oportunizam a criança vivenciar suas próprias possibilidades e a superarem a barreira do medo, da insegurança e do desafio;
- d) Jogos de baixa organização:** jogos que requerem um baixo nível de coordenação sensório-motora (órgãos sensoriais e aparelho locomotor), se caracterizando pela não competitividade e por serem altamente recreativos;

- e) **Jogos populares:** jogos que fazem parte de alguma cultura local e que são praticados na atualidade;
- f) **Jogos e brincadeiras tradicionais:** jogos antigos que foram criados e praticados por nossos antepassados, e que, atualmente, ainda são praticados.

Destaco que a professora regente da turma sempre estava presente nas aulas de Educação Física, o que foi de extrema importância, principalmente durante o primeiro mês do Estágio, pois as crianças ainda não estavam acostumadas comigo e nem com as alterações na rotina da escola, devido ser a primeira vez que teriam um horário de aula de Educação Física. Além disso, percebi que a presença da professora significava autoridade, ou seja, ela era o ponto de referência das crianças no período inicial do Estágio. Dessa forma, eu e a professora, por termos ideias pedagógicas semelhantes, conseguimos exercer um trabalho que chamo de “trabalho integrado”, em que aquilo que acontecia nas aulas de Educação Física, era trabalhado, também por ela, em suas aulas. Essa integração resultou em uma rápida aceitação por maior parte das crianças às regras combinadas nas aulas de Educação Física, o que, economizou tempo e possibilitou que eu obtivesse um melhor aproveitamento das aulas.

Apesar de eu considerar, inicialmente, que a presença da professora regente pudesse reduzir minha autoridade com a turma, conforme o tempo passou, percebi que isso não ocorreu, pois a professora respeitava meu trabalho e não se envolvia diretamente nas aulas de Educação Física, a menos que eu solicitasse. Além disso, ainda no primeiro mês do Estágio, as crianças compreenderam que durante as aulas de Educação Física eu era a referência, a autoridade, o professor.

É preciso destacar os espaços físicos da escola e os materiais disponíveis para realização das aulas de Educação Física, que são excelentes. A escola conta com 5 espaços externos (sendo um deles coberto), que são:

- a) **Pátio frontal:** com brinquedos de praça, gira-gira, casinha infantil, escorregador, balanços, dentre outros. Além dos brinquedos, ainda tinha espaço para a realização de aulas de Educação Física nesse espaço;
- b) **Pátio dos fundos:** o maior pátio da escola. A maioria das aulas na rua acontecia nesse espaço. Até 3 turmas poderiam ter aulas neste espaço ao mesmo tempo. Continha balanços, diversos brinquedos, 2 mini goleiras de futebol, uma rede de vôlei infantil e duas mini tabelas de basquete.
- c) **Pátio lateral:** espaço de passagem entre um pátio e outro, não muito recomendado para as aulas, pois no chão havia brita, o que chamava atenção das crianças e aumentava o risco de algum conflito. Mesmo assim, aconteceram boas aulas nesse espaço;
- d) **Mini saguão da saída dos Maternais:** espaço coberto, com dois bancos, que ocorre a saída dos Maternais no final da tarde;
- e) **Pátio Solário:** o pátio que mais utilizei durante o período do Estágio. É um espaço bem demarcado, conta com uma parede própria para utilizar giz, em que foi possível trabalhar atividades de esquema corporal com as crianças. Além disso, nesse espaço, fiz muitos circuitos com a turma, trabalhando várias habilidades motoras, incluindo os brinquedos desse pátio nas aulas e nos circuitos.

Os espaços internos da escola, disponíveis para as aulas de Educação Física, são:

- a) **Brinquedoteca:** conta com vasta opção de brinquedos, uma piscina de bolinhas e uma cama elástica grande o suficiente para suportar uma turma inteira de Maternal;
- b) **Sala dos espumados:** em minha perspectiva, o melhor local para trabalhar com o Maternal, pois o ambiente, por si só, já é o material da aula. Nessa sala, o piso é forrado com tatame colorido e há inúmeras formas/figuras geométricas espumadas no chão, de várias cores, que utilizava para elaborar circuitos. Também conta com uma piscina de bolinhas coloridas;

- c) **Dormitório pequeno:** é o dormitório dos Maternais, um espaço de *parquet* que podíamos usar para as aulas de Educação Física. Possui uma televisão e um rádio;
- d) **Dormitório grande:** é o dormitório dos Jardins, outro espaço muito utilizado para a realização das aulas de Educação Física. Em dias de chuva, por ser um espaço grande e não conter materiais (brinquedos ou objetos que diminuam o espaço), até 3 turmas de Maternal ocupavam este espaço ao mesmo tempo. Na maioria das vezes que utilizei esse ambiente, elaborei circuitos e atividades rítmicas;
- e) **Biblioteca:** espaço com mini estantes de livros, que ficam alocadas nas paredes. Possui um cenário de teatro de fantoches que também podemos utilizar em nossas aulas;
- f) **Sala de arte:** espaço com mesas e cadeiras disponíveis para atividades artísticas diversas;
- g) **Salas de aula:** apesar de nem todas as salas de aula possuir espaço suficiente para a realização das aulas de Educação Física, em dias de chuva, ou, quando realizávamos atividades de avaliação com desenho, nós, estagiários, utilizávamos as salas de aula. Com as turmas de Maternal era possível trabalhar atividades rítmicas dentro da sala de aula.

Além desses espaços, tinha a Sala dos Materiais de Educação Física, que ficavam todos os materiais que utilizávamos nas aulas, a saber: pinos de boliches, aproximadamente 15 bolas diversas, 2 túneis, cavalos de pau, várias cordas de tamanhos diversos, bambolês, dentre outros.

#### **4. O PRIMEIRO DIA DE AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O PROCESSO DE AVALIAÇÃO**

A primeira vez de qualquer coisa que fazemos desperta vários sentimentos ao mesmo tempo. A expectativa gera ansiedade; a vontade de fazer tudo corretamente gera o medo; e, como não poderia ser diferente, ao sair de casa com a responsabilidade de dar uma boa primeira aula, o peso da responsabilidade despertou esses sentimentos que se apoderaram de mim, pois, pela primeira vez na

vida, eu deixaria de ser aluno para tornar-me o professor responsável por uma turma de dez crianças que estavam aguardando ansiosamente pela primeira aula de Educação Física de suas vidas.

Para essa aula tão importante, elaborei atividades que oportunizassem as crianças conhecer o professor e, também, para que eu pudesse conhecê-las, além de combinarmos as regras básicas de convivência durante as aulas de Educação Física. Com poucos materiais, foi possível manter as crianças concentradas e motivadas durante toda a aula, resultando em um primeiro dia tranquilo, sem conflitos ou momentos de dispersão.

A aula iniciou-se com a formação de uma "rodinha de conversa", em que utilizei um microfone de karaokê e me referi a essa atividade como a "brincadeira do repórter". Assim, eu seria o repórter e as crianças os entrevistados. Primeiramente, apresentei-me e, em seguida, cada criança recebia o microfone e falava seu nome, idade e o que mais gostava de brincar. Uma das meninas não quis participar, nem com insistência. Assim, a Monitora do Estágio, que estava assistindo a aula, sugeriu para que outro colega a apresentasse, e o problema foi solucionado.

Já, a segunda atividade teve como objetivo a combinação das regras de convivência, em que cada criança retirava da "caixa mágica" desenhos com regras e falava para a turma o que entendia por aquele desenho. Algumas vezes os desenhos se repetiam, pois a repetição é extremamente necessária na Educação Infantil, para, dessa forma, memorizarem as regras de modo mais rápido, o que não significava que às consideravam sempre.

Nessas duas atividades, passaram-se aproximadamente 25 minutos da aula. E, para finalizar, trabalhei com as crianças a música infantil "Dança dos bichos", em que cada criança teve seu momento de imitar um animal ao ser escolhido pelo professor, através da frase da música "E aí, que bicho você é?".

Com felicidade, informo que a primeira aula ocorreu de forma mais tranquila do que o esperado, e, após o primeiro contato com a turma, o medo e a insegurança foram deixados um pouco para trás, provavelmente, muito em função do planejamento da aula realizado com antecedência e pelas orientações e conversas com a Supervisora e a Monitora do Estágio, que estavam sempre dispostas a nos auxiliar em qualquer problema ou dúvidas que tivéssemos.



Destaco que as reuniões ocorridas sempre ao final dos dias do Estágio foram extremamente importantes para que pudéssemos acompanhar e nos dar conta de nosso desenvolvimento enquanto professores, pois esse era o momento que analisávamos, a partir de nossa aula, o que poderia ser feito de outro jeito, onde nos equivocamos, o que acertamos, entre outros aspectos. Ou seja, era o momento do *feedback*, de trocas de ideias, de refletirmos sobre nossa prática e de aprender com ela.

O processo de avaliação na Educação Física Escolar, não deve ser entendido como um teste uniforme, em que todos são avaliados do mesmo modo e o professor não considera as capacidades e as dificuldades das crianças de forma individual. Somos seres diferentes, e a avaliação, deve considerar a individualidade e servir como um “guia” à criança, ao professor, ao processo ensino-aprendizagem e aos responsáveis pelas crianças. Assim, a avaliação também deve ser bem planejada.

A Educação Física não deve ficar restrita ao aspecto motor na avaliação, deve considerar, do mesmo modo, as áreas afetiva e cognitiva, pois estas se fundem durante o processo de aprendizagem, sendo necessária essa interação de áreas para considerar a criança como um todo. Assim, avaliar deve ser entendido como um processo de aproximação entre o educador e o educando, possibilitando ao professor entender como as crianças aprendem e percebem a Educação Física na sua vida. Na Educação Física Escolar, para Carvalho (2000, p. 195): “A avaliação no âmbito da educação física deve ser analisada de maneira ampla, contextualizada e inserida no projeto político-pedagógico da escola e não restrita a métodos, procedimentos técnicos e aplicação de testes físicos”.

Através dessas reflexões foi que elaborei a avaliação das crianças da turma de Estágio, realizada através de observação diária no decorrer das aulas de Educação Física e registros escritos no Diário de Campo, considerando aspectos motores, afetivos e cognitivos.

## 5. OS DESAFIOS VIVIDOS E AS PRINCIPAIS APRENDIZAGENS CONSTRUÍDAS NO ESTÁGIO

Durante o período de realização do Estágio, foi possível perceber os seguintes desafios:

- a) Como se tratava da primeira vez que a escola teria professores de Educação Física, trabalhando duas vezes por semana, em horários definidos na rotina escolar, percebi, inicialmente, um desafio de adaptação a essa nova cultura. Eu e os demais colegas de Estágio identificamos que as crianças estavam acostumadas a “ficarem livres” no pátio, quando estavam com a professora docente. Assim, nas primeiras vezes que fui para esse ambiente com a turma, foi desafiador fazê-las compreender que a aula de Educação Física não era a mesma atividade que a hora do pátio;
- b) Correr era a atividade que as crianças mais gostavam de fazer, independente do ambiente em que a aula de Educação Física fosse realizada. A primeira ação que elas faziam, quando livres, era correr freneticamente por todo ambiente. Portanto, percebi ser importante iniciar as aulas com alguma atividade agitada, que exigisse bastante energia corporal, para que, após correrem por certo tempo, conseguissem prestar atenção nas orientações do professor. Com o passar do tempo, quando o vínculo com as crianças foi estabelecido, comecei a iniciar as aulas com atividades mais calmas;
- c) A escola tem 10 turmas de Educação Infantil. Ocorria que, em determinado momento da manhã, tinha mais de três turmas tendo aula de Educação Física no mesmo horário. Ou seja, nós, estagiários, precisávamos sempre nos organizar com antecedência e combinar qual espaço cada um iria utilizar, para que não fôssemos surpreendidos ao chegar ao momento da aula e o espaço escolhido já estivesse sendo utilizado por algum colega. Nesse sentido, a utilização dos aplicativos *Whatsapp* e *Facebook* foi fundamental. O maior desafio em relação a esse aspecto foi que, muitas vezes, éramos apoio de outro colega (dávamos aulas com apoio de outro estagiário, que era trocado a cada mês) e o horário do final da aula que éramos apoio, muitas vezes, coincidia exatamente com o momento inicial de nossa aula, ou seja, não havia

tempo para organizar os materiais e o espaço que iríamos utilizar em nossas aulas. Foi necessário sair um pouco mais cedo da aula que era apoio, para que pudesse organizar a minha aula;

- d)** Foi um desafio lidar com algumas características da faixa etária do Maternal, por exemplo, a infrequência de algumas crianças, alguns choros que ocorriam com certa constância, o egocentrismo, dentre outros elementos.

Destaco que o que “mais funcionou na turma” foi o que denominei de aprendizagens construídas com a experiência do Estágio, sendo elas, atividades de circuitos e as que envolveram música e ritmo.

Aprendi que um circuito bem elaborado mantém as crianças tão empenhadas em superar os desafios encontrados nele que não há tempo para dispersão, mantendo-as concentradas e motivadas para superar os desafios propostos pelo professor. Um elemento que me ajudou muito nos circuitos foi a inclusão, por exemplo, no pátio solário, dos brinquedos de praça (o escorregador, principalmente), que atraíam a atenção das crianças, despertando a vontade de cumprir todas as outras etapas do circuito para chegarem aos brinquedos. Assim, funcionou como uma espécie de “recompensa” conseguir chegar aos brinquedos, após as outras etapas.

Além disso, através de circuitos, é possível trabalhar inúmeras habilidades motoras de uma só vez e de diversas formas, por exemplo, equilíbrio, saltos, deslocamentos, troca de direção, freio inibitório, e, também, habilidades como o arremesso, o chute, a condução de bola, o escalar, o rolar, dentre outras.

Já, o ritmo e a música, são elementos presentes no cotidiano das crianças da Educação Infantil, sendo facilitadores do desenvolvimento rítmico, elemento fundamental a ser explorado para garantir o aprendizado da dança, dos esportes, dos jogos, das lutas e das atividades físicas de modo geral (BRAGA, 2009). A música não deve ser utilizada apenas da Educação Infantil, mas, também, no Ensino Fundamental e Médio, pois, por meio dela, o nível de motivação dos alunos será estimulado, incentivando à realização da prática que o professor está propondo, a qual pode abordar conteúdos de esportes, jogos, lutas, ginástica ou dança.

Segundo Tibeau (2006), música e som são energias que estimulam o movimento interno e externo no homem. A ação musical implica movimento

impulsionando o homem à ação. Isso foi muito perceptível nas aulas do Estágio, pois bastava tocar uma música, que, ao mesmo tempo, as crianças começavam a cantarolar e a dançar, movimentando-se de acordo com o ritmo e a letra de cada música. Portanto, aprendi que trabalhar com ritmo e música na Educação Infantil, aumentou as probabilidades das aulas obterem sucesso.

## **6. CONCLUSÃO**

Destaco que, junto à avaliação final da turma de Estágio, percebi diversas aprendizagens que construímos durante o semestre. Aos poucos, a turma foi tornando-se mais comunicativa e melhorando aspectos de cooperação, aumentando a interação das crianças umas com as outras, de forma respeitosa. Percebi, do mesmo modo, que o número de conflitos reduziu significativamente em relação ao início das aulas de Educação Física. A interação entre as crianças passou a ocorrer de forma espontânea, sem o receio do “toque corporal” ou, até mesmo, superando algumas atitudes individualistas, percebidas no início das aulas.

Penso que isso se deve ao fato de que, na maioria das atividades propostas nas aulas de Educação Física, o trabalho em grupo se mostrou necessário para que o objetivo fosse atingido, e as crianças passaram a entender, também, essa lógica.

Para finalizar, ressalto que o período de Estágio não proporcionou apenas mudanças nas crianças, isso ocorreu também comigo, o professor. Diariamente, construí diversas aprendizagens, desde o modo como me comunicar com a turma, até a capacidade de resolução de conflitos.

Antes de iniciar o Estágio, eu descartava totalmente a carreira docente, especialmente na Educação Infantil. Já, neste momento, posso afirmar, com certo grau de certeza e satisfação, que trabalharia feliz neste nível de ensino. A maior das descobertas realizadas durante o período de Estágio foi aprender que consigo conviver com crianças e, mais do que isso, gosto da companhia delas, algo que, anteriormente ao Estágio, eu não havia percebido.

Aprendi que trabalhar com a Educação Infantil é trabalhar com a imprevisibilidade, pois atividades que deram certo em um dia, podem não dar tão certo na aula seguinte. Portanto, o professor deve ter estratégias e atividades extras

para essas situações inesperadas, de modo a não deixar de atingir os objetivos da aula.

Nesse sentido, o planejamento é a chave para o sucesso das aulas e o cumprimento dos objetivos propostos. Segundo Oliveira (2007), planejar é pensar sobre aquilo que existe, sobre o que se quer alcançar e identificar com que meios se pretende agir. Além disso, o professor deve levar em conta a individualidade de seus alunos e, ainda, outros aspectos, por exemplo, os fatores socioculturais das crianças com quem está trabalhando.

## 7. REFERÊNCIAS

BRAGA, A. L.; OLIVEIRA, R. G.. Educação Física e música: uma visão dos professores sobre a música na Educação Física Escolar. **Revista Interfaces: ensino, pesquisa e extensão**, Faculdade Unida de Suzano - Unisuz, v. 1, n. 1, p.42-45, 2009.

CARVALHO, M. H. C.. **Avaliar com os pés no chão da escola**: reconstruindo a prática pedagógica no Ensino Fundamental. 1. ed. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2000. v. 1.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN J. C.. **Compreendendo o desenvolvimento motor**. 3. ed, São Paulo: Phorte, 2005.

KISHIMOTO, T. M.. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

OLIVEIRA, D. de A.. **Gestão Democrática da Educação**: Desafios Contemporâneos. 7. Ed, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

PIAGET, J.. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

SANTIN, V.. **Educação Física**: outros caminhos. Porto Alegre: EST, 1990.

TIBEAU, C. C. P. M., Motricidade e Música: aspectos relevantes das atividades rítmicas como conteúdo da Educação Física. REFELD. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, São Paulo, v. 1, p. 53-62, 2006.

# EDUCAÇÃO FÍSICA E O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS COMPREENSÕES DO DOCENTE E DAS CRIANÇAS

Pedro Lopez da Cruz<sup>19</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

A infância, quando tratadas por aqueles que não a pertencem mais, remete ao estranhamento e a diferenças marcadas em relação ao mundo adulto. Os adultos também utilizam a imaginação, entretanto, são as crianças que mais aproveitam esta ferramenta de forma lúdica, comunicando-se com o mundo que as rodeiam. O ser infantil potencializa a imaginação, a ponto que ela ultrapassa as esferas da realidade e se reconstrói na sua imaginação (GOUVEA, 2011).

A imaginação torna-se um ato inerente de compreensão do mundo e acaba por ser uma das formas de libertação do concreto, proporcionando uma série de possibilidades no ato de construção. O ato de brincar não é, somente mediado, mas, também, é dependente da imaginação (GOUVEA, 2011). Dentro da perspectiva da cultura contemporânea, brincar acaba por se constituir atividade infantil por excelência. A criança utiliza-se desta brincadeira para interrogar sobre o mundo em que vive, desconstruindo e recriando-o (GOUVEA, 2011). Ainda nesta perspectiva, Leontiev (1988), afirma que a criança significa a cultura por meio da brincadeira, não buscando seu sentido nos resultados, mas sim, na ação por si só. No que rege esta temática, a brincadeira acaba, do mesmo modo, por ser o lúdico em ação (KISHIMOTO et al., 1996). O lúdico pode ser compreendido pela fruição das ações vividas e sentidas, inundadas pela fantasia.

Para este universo ser compreendido e para o docente poder atuar pedagogicamente, é necessário estar ciente dos conceitos que pertencem ao mundo infantil. Uma das formas de atuação pedagógica e concreta na Educação Infantil, encontra-se no ensino da Educação Física. Este Componente Curricular se configura um espaço que a criança brinca com a linguagem corporal, com o corpo, movimentando-se e alfabetizando-se nesta língua. Brincar com esta linguagem

---

<sup>19</sup> Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS. E-mail: lopez.pedro1291@gmail.com.

corporal está dentro do significado de criar diferentes situações de contato com as manifestações da cultura corporal, tendo em vista a dimensão lúdica como um componente fundamental para ação educativa (AYOUB, 2001). Um dos princípios basilares para pensar a prática de Educação Física é o desapego das atividades pré-determinadas, e, ainda, aquelas que são determinadas por um espaço e tempo de duração específicos. É necessário dar importância à criação de situações que ressignificam o momento de prática para a criança, ou seja, lançar mão de atividades que responsabilizam-se por ditar o tempo, e não, tempos responsáveis por determinar atividades (BUSS-SIMÃO, 2011).

Nas atividades de Educação Física na Educação Infantil, a criança não está preocupada com a objetividade dos resultados, mas no prazer da sua realização (GOUVEA, 2011). A partir desta lógica, o professor de Educação Física, ao planejar sua aula neste nível de ensino, considera seus objetivos de trabalho e os interesses e necessidades que a criança pode e quer vivenciar dentro da esfera do lúdico. Assim, há diferentes perspectivas de alcances e desafios nesta prática.

O objetivo do presente texto é relatar algumas das experiências vividas pelo professor de Educação Física na Educação Infantil, procurando compreender a esfera do lúdico, que é vivenciada tanto pelo professor, quanto pela criança.

## **2. O CONTEXTO DE TRABALHO E OS PRINCÍPIOS ORIENTADORES**

Um dos Componentes obrigatórios no Currículo do Curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) é o Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil<sup>20</sup>. Dentre diversas temáticas possíveis de serem contempladas neste contexto e da vivência neste Estágio, pretendo narrar algumas das experiências que foram desenvolvidas na Escola de Educação Infantil que foi campo de Estágio deste nível, localizada na cidade de Porto Alegre/Rio Grande do Sul, no primeiro semestre de 2016, com a turma de Jardim B. Essa turma é composta de 25 crianças, com idade entre 4 e 5 anos.

---

<sup>20</sup> Segundo o Currículo deste Curso de Licenciatura, o Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil é o primeiro contato que os alunos tem com a Educação Infantil. Após este Estágio, seguem outros dois: o Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental e o Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Médio.



A Escola de Educação Infantil que realizamos o Estágio não possui professores de Educação Física, ou seja, docentes especialistas dessa área de conhecimento que trabalhem, especificamente, com esse Componente Curricular. As atividades voltadas à cultura corporal, ficam sob responsabilidade das especialistas em educação, as professoras regentes de cada turma, formadas em Pedagogia, em Magistério (Ensino Médio), ou, docentes em processo de formação nesses Cursos. Desde o segundo semestre de 2015, a Escola e a UFRGS estabeleceram uma parceria, em que estagiários do Curso de Licenciatura em Educação Física realizam seus Estágios Docentes nesta Escola e, com isso, possibilita às crianças uma aula de Educação Física estruturada, sistematizada, tendo objetivos específicos que resultem na construção de aprendizagens significativas para as crianças. Assim, o ano de 2016 se apresenta como o segundo semestre de contato com a Instituição, e, de certo modo, vislumbramos uma continuidade do trabalho realizado no ano anterior e, também, já certa ansiedade e expectativa da escola e das docentes, para saber quem seriam os novos professores no semestre seguinte.

Antes de iniciarmos o Estágio, tivemos diversas reuniões, tanto com a Supervisora do Estágio da UFRGS, quanto com a Coordenadora Pedagógica da Escola de Educação Infantil, que nos ajudaram a refletir e a nos organizar sobre o “para que” e “como” trabalhar a Educação Física neste nível de ensino. Por mais que, naquele momento, tivéssemos claro certos conceitos, ainda existia certa distância entre o mundo abstrato, das ideias (que podemos compreender ser o mundo da Formação Inicial e do que se discute na Universidade), para o mundo das ações e das práticas pedagógicas (o universo da Escola Pública).

Durante o período que estive no Estágio, percebi que existiam muitas possibilidades de propostas, nos momentos anteriores a construção do Plano de Aula, durante o período de docência, e, mesmo após as aulas que foram ministradas. Até que, em um dos momentos anteriores ao início da docência, em uma das nossas reuniões, surgiu como leitura para discussão, um dos trabalhos responsáveis por minhas escolhas ao construir as aulas. O texto, “Narrando experiências com a Educação Física na Educação Infantil”, de Eliana Ayoub, foi elucidante no que diz respeito a experiências das mais diversas temáticas para a aula de Educação Física na Educação Infantil (AYOUB, 2005).

Ao final do artigo de Ayoub (2005), eis que é apresentado um relato que me fez repensar a utilização do lúdico nas aulas de Educação Física. Um dos trechos que aliou algumas das percepções que tinha sobre a necessidade de se trabalhar os componentes físicos e as habilidades motoras fundamentais em conjunto com o elemento (lúdico) que seria fundamental para ser o “pano de fundo” das aulas:

Com o objetivo de reconstruir a história da ginástica, as estagiárias/professoras organizaram essa atividade em que os alunos iriam representar uma história: elas eram os “comandantes” e as crianças eram os “soldados” e tinham a importante “missão de salvar o Mico Leão Dourado”. “Para isto, eles teriam de se preparar, ficar fortes, saudáveis e bastante obedientes para escutar e cumprir todas as instruções necessárias para salvar o animal” (AYOUB, 2005, p. 155) [grifo do autor].

Entretanto, fiquei um pouco decepcionado, pois estava ao final do texto, e aquele relato de experiência, seria de apenas um parágrafo, deixando-me intrigado e curioso quanto ao final daquela história. Refletindo, posteriormente, sobre a leitura, percebi que aquele parágrafo foi suficiente para incentivar-me a utilizar de uma estratégia semelhante para planejar minhas aulas subsequentes. Dentro desta perspectiva, procurarei, nas próximas sessões deste texto, relatar algumas das propostas de aula de Educação Física realizadas durante o Estágio e abordar a temática que me fez refletir as interpretações do lúdico.

### **3. HISTÓRIA PRINCIPAL: EM BUSCA “DO CACHORRO BÓRIS”**

Após pensar, ler, repensar, refletir e discutir sobre a utilização do lúdico nas aulas de Educação Física, cheguei a decisão de que o faria a partir de uma história responsável por interligar e contextualizar minhas aulas. Procurei elementos que poderiam ser significantes no mundo infantil, e, assim, proporcionar ressignificação do ambiente proposto pelas aulas de Educação Física. Lembro-me que a temática de castelos, reinos, cavalos, espadas, com certo “tom medieval” sempre foi atrativo para quaisquer que fossem as idades das crianças e resolvi investir neste contexto. Entretanto, comuns nas histórias que remetem aos reinos, reis, rainhas, dragões, cavaleiros, têm-se criado, neste contexto, o objetivo de “salvar a princesa”. Refletindo sobre tal prática, decidi não estabelecer esse contexto, compreendendo que poderia influenciar alguns sexismos. A partir disso, foi criado um personagem que seria o

protagonista, e, ainda, o objetivo final de nossa história, o “cachorro Bóris”. Foi de extrema necessidade construir um personagem que fosse conhecido das crianças, e, ao mesmo tempo, conquistasse certa comoção na trama da história:

Vocês gostam de história? Querem escutar uma? Então, em um reino, muito, muito distante tinha um castelo, você sabem o que é um castelo? E neste castelo, vivia um rei, uma rainha e um cachorro, este último chamado Bóris. O cachorro Bóris era conhecido por ser muito arteiro e agitado, vivia correndo pelo reino, por todos os campos, indo inclusive para os campos em torno do reino. Certo dia, a rainha, procurando por seu animal de estimação, gritava aos quatro cantos do castelo e não o encontrava. Passaram-se horas e nenhum sinal de vida do cachorro Bóris. Após um dia inteiro de procuras no reino, a rainha e o rei, decidem ir até o vilarejo “Irmão Fernando” [nome fictício da escola] em busca de cavaleiros corajosos, astutos e bravos que fossem capazes de ajudar nessa busca. Vocês querem ser cavaleiros e ajudar a encontrar o Bóris? (Diário do Campo do Estágio, 27/03/16).

Após dar início ao contexto do que seriam as aulas de Educação Física, as crianças iniciaram uma “avalanche” de histórias, sobre os seus próprios cachorros, os cachorros que conhecem, os diversos animais que conhecem, como eram esses animais, como seria o Bóris e quando eles começariam a procurá-lo. Segundo Leontiev (1988), não é a imaginação que cria a brincadeira, a imaginação é requisitada durante o ato de brincar, no diálogo com aquilo que é real, ultrapassando suas barreiras. Dando continuidade a este sentido, a imaginação e esta aproximação do lúdico, não são definidas como a capacidade de fabular da criança, mas sim, de abstrair do mundo concreto e das situações cotidianas, seus elementos que a permitem significar. Conforme Leontiev (1988) explica: “[...] o motivo para a criança não é reproduzir uma pessoa concreta, mas executar a própria ação como uma relação com o objeto, ou seja, precisamente uma ação generalizada” (p. 06).

Para Bachelard (1984), a imaginação carrega duas dimensões: a imaginação reprodutora, que diz respeito àquilo que é vivido, pessoas, seres e acontecimentos; e a imaginação criadora, que envolve a invenção, a combinação das ideias encontradas além do real. Tendo em vista o caráter lúdico das aulas de Educação Física, podemos destacar a importância destas duas dimensões que caracterizam a imaginação. Após contextualizar a história que iria orientar as aulas na turma de Estágio, darei início, a seguir, àquilo que seria meu objetivo, enquanto professor de Educação Física naquela escola.

#### 4. AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O LÚDICO: AS INTENÇÕES PEDAGÓGICAS DO PROFESSOR

Destaco que em se tratando de aulas de Educação Física, a proposta se apresenta muito mais que, apenas, realizar o gesto motor correto. A Educação Física, enquanto Componente Curricular da Educação Básica, intenciona, pedagogicamente, problematizar, interpretar, relacionar e analisar as diversas manifestações da cultura corporal, a saber: jogos, lutas, esportes, ginásticas, dentre outros. É necessário planejarmos aulas que os alunos procurem a compreensão, os sentidos e os significados por trás das atividades mais distintas (RUFINO; DARIDO, 2013).

Após a primeira aula de Educação Física, que tinha por objetivo (1) conhecer as crianças e a turma, (2) iniciar a história do Bóris e (3) apresentar o contexto das aulas seguintes, procurei, a partir de disso, propor as intenções pedagógicas, os conteúdos e os objetivos que sistematizei no Plano de Ensino. Parece importante, nesse momento, recordar alguns dos conceitos que estão por trás do termo **conteúdos de ensino**. Devemos entender que nem todos os saberes e formas culturais são suscetíveis de estarem presentes como conteúdos curriculares (LIBÂNEO, 1994; COLL et al., 2000). Para isso, evoco um dos trechos apresentados por Darido (2012):

Libâneo (1994), do mesmo modo que Coll et al (2000) e Zabala (1998), entende que conteúdos de ensino são o conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua prática de vida.

Dessa forma, quando nos referimos a conteúdos, estamos englobando conceitos, ideias, fatos, processos, princípios, leis científicas, regras, habilidades cognitivas, modos de atividade, métodos de compreensão e aplicação, hábitos de estudos, de trabalho, de lazer e de convivência social, valores, convicções e atitudes (p. 51 e 52).

Após elucidar os conceitos, com a finalidade de alcançar os objetivos educacionais, e ainda mais, construir os objetivos da aula de Educação Física, utilizo a classificação baseada em Coll et al. (2000), que cria e corresponde algumas questões: "o que se deve saber?" (dimensão conceitual); "o que se deve saber fazer?" (dimensão procedimental); e "como se deve ser?" (dimensão atitudinal). A partir desta breve revisão, trabalhei com a turma de Jardim B, os seguintes conteúdos:

**Dimensão Conceitual:** Desenvolver as seguintes habilidades conceituais: atenção, recordar elementos trabalhados, concentração, disponibilidade para realizar as atividades, senso crítico.

**Dimensão Procedimental:** Desenvolver as habilidades motoras fundamentais, precisamente, os aspectos de locomoção (andar, correr, saltar) e de manipulação (chutar, lançar, arremessar).

**Dimensão Atitudinal:** Desenvolver as seguintes habilidades atitudinais: respeito ao professor e aos colegas, autonomia de realizar as atividades após as explicações, organização antes, durante e após as atividades, cooperação com os colegas, compreensão dos limites dentro do ambiente de aula e os princípios de coletividade (Plano de Ensino de Educação Física, 2016) [grifo do autor].

A partir disso, mais uma vez, a luz de Darido (2012), abordo um aspecto importante relacionado à consideração destas dimensões, presentes em minha intencionalidade pedagógica:

É importante frisar que, na prática docente, não há como dividir os conteúdos na dimensão conceitual, atitudinal e procedimental, embora possa haver ênfases em determinadas. Por exemplo, o professor solicita aos alunos para realizarem o aquecimento no início de uma aula. Enquanto eles executam os movimentos de alongamento e flexibilidade, o professor explica-lhes qual é a importância de realizar tais movimentos, o objetivo do aquecimento, quais grupos musculares estão sendo exigidos, entre outras informações. Assim, tanto a dimensão procedimental, como a conceitual são envolvidas na atividade (p.53).

Após expor o que entendo ser os objetivos pedagógicos das aulas de Educação Física, também, é importante ressaltar, as estratégias metodológicas para realizar esta aula com as crianças:

As aulas serão organizadas em três momentos: um momento inicial de conversa com a turma, onde serão efetuados os acordos de convivência, ressaltando os aspectos atitudinais, e tratando da dimensão conceitual e recordaremos a aula anterior, buscando os elementos que chamaram atenção; no segundo momento, serão desenvolvidas as atividades práticas, vinculadas às propostas da dimensão procedimental; e no terceiro momento, realizaremos atividades de volta à calma. Nos responsabilizaremos, durante todas as atividades, em realizar os *feedbacks* e incentivos aos alunos que estão participando.

As atividades não serão apenas realizadas com o objetivo de promover, no movimento, o aprendizado e a construção das capacidades motoras, mas, também, com o intuito de construir um ser social que altera o meio em que vive, a partir do seu senso crítico (Plano de Ensino de Educação Física, 2016) [grifo do autor].

Ao apresentar os princípios metodológicos, utilizando do contexto ilustrado por história com tons medievais, reinos, e castelos, construí objetivos específicos, a partir do Plano de Aula com as atividades de Educação Física. As atividades foram

realizadas ao longo de 7 semanas de aulas, contabilizando 13 encontros que envolviam a temática proposta. Os objetivos, dentro das dimensões procedimentais, foram planejados no intuito de ampliar o repertório motor das crianças:

As atividades abrangeram diversas finalidades, por exemplo: trabalhar as capacidades de resolução de problemas, como a resolução de um labirinto, para se chegar a um castelo; a capacidade de freio inibitório em brincadeiras como estátua, adaptadas com personagens próximos ao contexto; a capacidade de saltos em diferentes situações, como correndo, em distância, em altura, em situações de circuito e atividades independentes; a capacidade de manipular objetos de diferentes formas e tamanhos, arremessando em diferentes distâncias, em alvos específicos, de diferentes posições, individualmente ou em duplas, exigindo ou não a capacidade de receber o mesmo objeto; a capacidade de chutar objetos de diferentes formas e tamanhos, chutando em diferentes distâncias, em alvos específicos, de diferentes posições, individualmente ou em duplas, exigindo ou não a capacidade de receber o mesmo objeto; a capacidade de equilíbrio em diferentes situações, com os pés afastados, juntos, a frente do outro, caminhando sobre linhas; e a capacidade de trabalhar em cooperação para ultrapassar obstáculos (Plano de Ensino de Educação Física, 2016).

O início das aulas são caracterizados pela construção do vínculo com a turma, por este motivo, se fez necessário utilizar a mesma atividade mais de uma vez, no intuito de reforçar o objetivo de aulas e para poder obter melhores aprendizagens das crianças, no que diz respeito a organização e a continuidade das atividades. Neste sentido, Gouvea (2011) afirma: "Outra característica da relação que a criança estabelece com o mundo é a repetição. Ao brincar, ou desenvolver uma atividade que lhe dá prazer, o sinal de sua satisfação é dizer: de novo, após o fim da ação [...]" (p. 559).

Em relação às experiências vividas como professor no período de Estágio, destaco que os objetivos, por mais que contextualizados pelo lúdico, sempre foram claros e estiveram presentes nas aulas, sendo avaliados a partir da observação do desenvolvimento das crianças durante as aulas. Durante a realização das atividades propostas, a realização do gesto, da maneira correta de realizar o movimento, não era prioridade. Nestes momentos, a importância se tratava do significado da vivência, com todas suas dimensões (procedimental, atitudinal e conceitual) de forma equilibradas. Destaco um trecho de Darido (2012), que, sinto-me representado por suas palavras:

Assim, dentro de uma perspectiva de Educação e também de Educação Física, seria fundamental considerar procedimentos, fatos, conceitos, atitudes e valores como conteúdos, todos no mesmo nível de importância. Nesse sentido, o papel da Educação Física ultrapassa o ensinar esporte, ginástica, dança, jogos, atividades rítmicas, expressivas e conhecimento sobre o próprio corpo para todos, em seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental), mas inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais (dimensão atitudinal). E, finalmente, busca garantir o direito do aluno de saber o porquê dele realizar este ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (dimensão conceitual) (p. 55).

A imaginação das crianças apresenta um papel fundamental na continuidade das aulas de Educação Física na Educação Infantil. A partir dessa experiência, sugiro que o lúdico, para o professor que trabalha neste nível de ensino, deve ser um elemento presente diariamente nas aulas, pois é o elemento condutor e responsável por considerar a motivação das crianças em participarem com empenho e dedicação das atividades propostas. Finalizo esta sessão, com um trecho do estudo de Gouvea (2011): “Manuela Ferreira (2004) destaca a dimensão de envolvimento mútuo do brincar, em que os diferentes atores negociam papéis, levando em consideração as perspectivas e o papel do outro. Essa dimensão provoca, segundo a autora, o aprendizado de uma competência social, cognitiva e cultural” (p. 555).

Visto que foram apresentados os subsídios que considero importantes para fundamentar a visão dos objetivos da aula de Educação Física, que o professor deve considerar, sobre o lúdico, apresento na sessão seguinte, a vivência das crianças através do lúdico.

## **5. AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O LÚDICO: PERSPECTIVAS DAS CRIANÇAS**

O caráter lúdico media a ação da criança no mundo, e a ideia do brincar, se apresenta como um domínio irredutível da experiência humana (GOUVEA, 2011). Dentro das aulas de Educação Física, as possibilidades de brincadeiras são infinitas, entretanto, para nós educadores, Educação Física não é brinquedo livre, e esta concepção deve estar clara dentro de nossos princípios pedagógicos e na organização de nosso Plano de Trabalho. Porém, o como a criança interpreta este fenômeno, seja como brincadeira ou não, não deve ser questionado, por nós

professores, desde que, nosso “contrato pedagógico” esteja em cumprimento. Como dito por Gouvea (2011):

Em suas atividades, a criança empresta-lhes um sentido que não está na objetividade dos resultados, mas no prazer da sua execução. Prazer que vem de brincar com os objetos, os seres e a linguagem, emprestando-lhes um sentido que vai além da realidade imediata. A criança atribui ao que a cerca um sentido próprio, transgredindo o real e, ao mesmo tempo, dialogando com esse real, reinventando-o (p. 555).

No momento que intervimos nessa construção intrínseca, própria da criança, podemos estar, de certo modo, impedindo-a de viver um dos poucos momentos que pertence a ela por direito, e interferindo a partir de nossa visão, de ser adulto, no ser em que ela se tornará. Neste sentido, o imaginativo e a brincadeira contribuem amplamente para as possibilidades que a criança significa a cultura. Desta forma, existe um deslocamento, naquilo que até então, nós professores, acreditávamos ser o objeto da atividade, pela imaginação da própria criança. O sentido desta brincadeira não está nos resultados que esperamos de suas ações, dentro das atividades que criamos, mas sim, nas suas ações por si (LEONTIEV, 1988).

Devido ao pouco tempo da experiência de Estágio, não pude obter grande quantidade de informações empíricas sobre o que as crianças pensam a respeito das atividades que são propostas dentro das aulas de Educação Física. Entretanto, planejei o último dia de aula do Estágio, durante o evento de encontro do cachorro Bóris, como uma possibilidade de escutar, das próprias crianças, aquilo que elas mais gostavam na aula de Educação Física e o que tinham aprendido nessas aulas. Dentro desta vivência, foi possível compreender um fenômeno significativo: todas as crianças falaram de atividades específicas que realizaram na Educação Física, por exemplo, saltar, correr, arremessar, ou seja, informando atividades reais e concretas, e, não citaram as atividades na sua forma de organização mais lúdica, a saber: “fugir do jacaré”, “correr da medusa”, “arco-flecha”, entre outras.

Mesmo que não possa observar de forma definitiva este fenômeno, esta observação pode nos direcionar que a criança interpreta as atividades e consegue separar, de algum modo, aquilo que pertence ao mundo abstrato e ao mundo concreto. Assim, podemos trazer a tona um dos discursos de Platão sobre esta interpretação da criança: “[...] é preciso tratar com seriedade aquilo que é sério [...] a criança joga e brinca dentro da mais perfeita seriedade, que a justo título podemos



considerar sagrada. Mas sabe perfeitamente que o que está fazendo é um jogo” (GOUVEA, 2011, p. 555).

## 6. CONCLUSÃO

Esta experiência de observação das crianças, durante as aulas de Educação Física, permite sugerir que, assim como na interpretação do educador, a utilização de elementos que remetem ao lúdico são fundamentais para conduzir e aproximar as crianças das aulas de Educação Física. A criança tem o poder de ressignificar os objetivos e os conteúdos da aula de Educação Física, conforme suas experiências e interações com o meio que vive. E mesmo percebendo estas diferentes formas entre o olhar do educador e o olhar da criança, e os objetivos de cada sujeito dentro do contexto escolar, os desfechos e os desafios acabam por ser os elos que unem o docente à criança.

As significações e as ressignificações dentro do ambiente de aula permitem compreender que a seriedade dentro e entre as atividades partem de ambos os lados, tanto do educador, quanto do educando. Porém, não nos permitem julgar seriedade a partir das nossas concepções. O maior desafio do educador na Educação Infantil é se dar conta que para ensinar a criança, não basta ser apenas adulto, mas sim lembrar de ser criança e compreender o contexto a partir desta última perspectiva, ou, dito de outro modo, se distanciar de uma visão adultocêntrica sobre o universo infantil.

## 7. REFERÊNCIAS

AYOUB, E.. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 4, p. 53-60, 2001.

AYOUB, Eliana. Narrando experiências com a educação física na educação infantil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 143-158, 2005.

BACHELARD, Gaston. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BUSS-SIMÃO, M.. Educação Física na Educação Infantil: compartilhando olhares e construindo saberes entre a teoria e a prática. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 2, n. 1, p. 9-21, 2011.

COLL, César et al.. **Os conteúdos na reforma**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DARIDO, S. C.. Educação Física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados. **Caderno de Formação: formação de professores didática geral**. Universidade Estadual Paulista. Prograd. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 51-75, 2012.

GOUVÊA, M. C. S.. Infância: entre a anterioridade e a alteridade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 547-567, 2011.

KISHIMOTO, T. M. et al.. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

LEONTIEV, A. N.. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: LURIA, A.; LEONTIEV, A. N.; VYGOTSKY, L.. **Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Icone 1988.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Ed. 1994.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C.. Possíveis diálogos entre a educação física escolar e o conteúdo das lutas na perspectiva da cultura corporal. **Conexões**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 144-170, 2013.

# **O CIRCO COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA E NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Rafael Martinelli<sup>21</sup>

## **1. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS**

A experiência de Estágio de Docência do Curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que compartilho neste texto, foi realizada em uma Escola Pública de Educação Infantil, da cidade de Porto Alegre/Rio Grande do Sul (RS).

O Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil é o primeiro Estágio obrigatório do currículo do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS e está inserido no quinto semestre do Curso. Os estágios seguintes são, respectivamente, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

Para os acadêmicos do Curso de Licenciatura em Educação Física, especialmente aqueles que entraram a partir do ano de 2012 (cujo currículo obrigatório é o ingresso pela Habilitação Licenciatura), essa etapa é um marco na atuação do estudante, pois somos confrontados com nossos medos, anseios e perspectivas docentes. Relatos orais de graduandos e colegas que tive durante o Curso, enfatizam que muitos encontram de maneira inesperada uma habilidade e gosto pela docência, mesmo aqueles que não tinham perspectivas dessa carreira ao ingressarem no Curso de Educação Física. Outros, descobrem que dar aulas não é tão simples quanto achavam e, por isso, repensam suas perspectivas de carreira.

O fato de a disciplina de Estágio Docente ser obrigatória, inclusive para os alunos que procuram o Curso de Bacharelado em Educação Física, gerou conflitos e, por vezes, torna muitos alunos resistentes à perspectiva de dar aulas em escola. Esse sentimento, de certa forma dúbio, pairou sobre o grupo de Estágio, do segundo semestre do ano de 2015, entretanto, ao dividirmo-nos entre as turmas que realizaríamos nossas práticas pedagógicas e desenvolvermos as aulas de Educação

---

<sup>21</sup> Licenciado em Educação Física pela ESEFID/UFRGS. E-mail: rafaelmartinelli2011@gmail.com.

Física na Educação Infantil, fomos procurando um equilíbrio entre a obrigatoriedade e o sentir-se docente.

A experiência de Estágio que narro neste momento, aconteceu no segundo semestre de 2015, em uma turma de Jardim A, com 22 crianças, entre 4 e 5 anos de idade. Foram, aproximadamente, três meses de prática pedagógica de Educação Física, a partir de 23 aulas planejadas e realizadas durante o período de Estágio. As aulas eram realizadas nas segundas e quartas-feiras, das 9h 20min às 10h, nos espaços destinados as aulas de Educação Física: a sala do dormitório (disponível somente para as aulas até às 10h), o solário, pátios externos frontal, lateral e dos fundos, sala de brinquedos (que conta com um “pula-pula” uma piscina de bolinhas e brinquedos diversos), a sala do espumado e a própria sala de aula.

É importante destacar que a escola que realizamos o Estágio recebeu, pela primeira vez, uma turma de estagiários de um Curso de Licenciatura em Educação Física para realizar um trabalho envolvendo o Componente Curricular Educação Física com seus alunos. Através de relatos da Coordenadora Pedagógica da escola, esta, havia procurado Instituições de Ensino Superior para complementar à sua educação, oferecendo a possibilidade para que realizassem trabalhos voluntários, sendo que, até aquele momento, não haviam tido sucesso (Diário de Campo 24/08/15). Ou seja, necessitamos localizar que, nossa prática pedagógica do Estágio em Educação Física, nesta escola, foi a primeira experiência formal que as crianças tiveram com docentes de Educação Física, a qual tivemos desafios a serem enfrentados, e, pontos positivos da experiência realizada. Por exemplo, o fato de terem um novo professor ou uma nova professora de uma atividade específica, influenciou positivamente os alunos da escola, gerando expectativa quanto a esta prática pedagógica.

## **2. CENA 1: O INÍCIO DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO, AS EXPECTATIVAS E AS OBSERVAÇÕES DA TURMA DE TRABALHO**

Reitero que, este Estágio de Educação Física na Educação Infantil, trata da primeira experiência docente de muitos dos estudantes do Curso de Licenciatura em Educação Física. Apesar disso, as expectativas da turma de Estágio eram positivas, mesmo que cada estagiário apresentasse seus próprios motivos que gerassem algum tipo de ansiedade. A etapa que os estudantes do Curso têm contato com o campo de

trabalho – neste caso, a escola –, é um momento que, para muitos, gera ansiedade, expectativa e desafio, por se tratar de um momento de começar a colocar em prática os repertórios e as teorias que aprenderam nas aulas que antecederam o Estágio. Especificamente em minha experiência, entendia que tratava de “poder ser testado”, de uma vez por todas, de como me sairia sendo docente de Educação Física em uma turma de Educação Infantil.

A disciplina de Estágio é composta de uma parte inicial e final mais teórica, e, uma parte prática, que trata das aulas de Educação Física desenvolvidas na Escola. A fase teórica da disciplina é necessária para acertarmos detalhes muito importantes para a prática pedagógica, por exemplo, a elaboração de um Plano de Ensino, os constituintes de um Plano de Aula, a abertura de um Diário de Campo<sup>22</sup>, elaboração de alguns trabalhos solicitados, dentre outros. Posteriormente a essa introdução, fomos conhecer a escola que faríamos a nossa prática, em dois dias de visita/observação.

No primeiro dia, visitamos a escola com o objetivo de conhecermos os espaços, as docentes, as crianças e tivemos uma reunião com a Coordenadora Pedagógica. Nessa reunião, tomamos conhecimento da história da escola, as parcerias com o Município de Porto Alegre, dentre outras informações. Já, no segundo dia de visita, acompanhamos a turma que trabalharíamos no Estágio durante toda a manhã, assim, observamos sua rotina na escola, desde o café da manhã até o almoço, a rotina da aula, os cuidados com a saúde e a higiene, a hora do sono, dentre outros. A partir dessas observações, foi possível nos preparar para lidar com as crianças e suas diversidades, bem como pensar em como planejaríamos as aulas de Educação Física.

---

<sup>22</sup> O Diário de Campo consiste em um caderno que cada estagiário registra a experiência vivenciada no processo de estágio. Trata de anotações e de sistematizações das atividades planejadas para as aulas de Educação Física e as realizadas, ou seja, procurando escrever e, a partir disso, refletir sobre sua prática pedagógica. É compreendido um Documento no qual o estagiário registra em detalhes suas ações, os desafios enfrentados durante a prática, as tomadas de decisões e, ainda, uma espécie de “amigo crítico”, um interlocutor que o escuta em silêncio (MOLINA NETO, FRIZZO e SILVA, 2013).

### **3. CENA 2: A CONSTRUÇÃO DA TEMÁTICA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, OS ACORDOS PEDAGÓGICOS E AS ROTINAS CONSTRUÍDAS**

Durante as aulas teóricas da disciplina de Estágio, decidi trabalhar com a temática do Circo na Educação Infantil. Escolhi esse tema, primeiramente, pela experiência acumulada no Circo, que poderia contribuir na sensação de segurança em planejar e realizar aulas de Educação Física, a partir da construção desses conhecimentos. Do mesmo modo, refleti que o Circo envolve e propõe o desenvolvimento de práticas corporais e capacidades físicas diversas, de um grau de complexidade e desempenho motor de alta complexidade (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014). No entanto, essas capacidades podem ser trabalhadas de uma forma mais simples, de maneira que o professor pode proporcioná-las para crianças em estágios iniciais de desenvolvimento, neste caso, na Educação Infantil.

A partir disso, dividi as modalidades do Circo em seis: 1) malabarismo, 2) equilíbrio, 3) acrobacias, 4) brincadeiras (procuramos dar uma roupagem do Circo para brincadeiras clássicas da Educação Física na Educação Infantil), 5) artes e, 6) atividades de experimentação. Além das capacidades físicas, diversos autores que abordam a temática do Circo, apontam este uma ferramenta que proporciona um conhecimento, aprofundamento e exploração do mundo lúdico, dotado de uma cultura própria (BORLETO, PINHEIRO e PRODÓCIMO, 2011).

Nesse sentido, somei essa temática às aulas de Educação Física com a intenção de proporcionar atividades desafiadoras que tivessem o objetivo de explorar e se conectar com o universo lúdico das crianças durante a aproximação e o aprendizado dessa manifestação da cultura corporal de movimento. Dessa forma, entendia que as crianças se sentiriam convidadas a brincar, despertando as mais significativas capacidades físicas, cognitivas e afetivas.

Destaco, neste momento do texto, a organização dos estagiários e da rotina de minhas aulas de Educação Física. A turma de 10 estagiários era organizada do seguinte modo: cada estagiário seria responsável por uma turma de Educação Infantil da escola e contaria com o apoio de outro colega. Assim, um estagiário seria responsável por planejar e ministrar as aulas de Educação Física (sendo o docente da turma), enquanto o outro seria o apoio, mediando pequenos conflitos e auxiliando na organização e logística dos alunos, quando solicitado pelo docente/estagiário.

Cada estagiário deveria desempenhar ambas as funções, porém, em turmas diferentes. A função principal era intransferível, ou seja, a turma designada a ministrar a aula de Educação Física seria a mesma do início ao final do Estágio. Já, a função de apoio, por sua vez, foi planejada para que todos pudessem atuar (como apoio) em turmas de diferentes idades e níveis, com o objetivo de compreender os diferentes estágios de desenvolvimento infantil e suas possibilidades de aula. Nessa função, cada estagiário trocou duas vezes de turma, atuando como apoio em três turmas diferentes durante todo o período de Estágio.

Destaco uma ferramenta metodológica que promoveu a reflexão sobre a prática pedagógica durante o período de Estágio: o Diário de Campo. O Diário procurava retratar o que tínhamos planejado na aula e o que, de fato, conseguimos realizar. Além disso, procurávamos registrar o que estávamos sentindo a partir da experiência de estágio, os desafios, os anseios e as conquistas. A escrita do Diário era bem diversa, enquanto alguns escreviam de um modo superficial, informando as atividades do dia; outros dedicavam mais descrição, interpretação e reflexividade à escrita. Nesse sentido, percebi que escrevia o Diário com muita intensidade, visto que, ao escrever, detalhava a aula dada, e, cada dia era relatado, em aproximadamente cinco páginas de caderno, o que tomava certo tempo para esta atividade. A partir disso, destaco que essa experiência foi de significativa importância, pois promoveu reflexões pessoais e coletivas que ajudaram a esclarecer alguns entendimentos sobre a turma e, especialmente, auxiliaram na reflexão do docente que estava constituindo-me<sup>23</sup>.

Para finalizar esse capítulo, enfatizo que, ao final de cada manhã de Estágio na escola, tínhamos uma hora de reunião com todo grupo de estagiários, a Supervisora e os Monitores, que consistia de conversas sobre cada aula dada (na perspectiva de quem ministrou a aula, de quem foi apoio e de quem observou, no caso, Supervisora, Monitor ou ambos), recapitulando as atividades de cada aula, a atitude docente de cada estagiário e o que poderia ser melhorado para a aula subsequente. Nesse momento, eram abordados pontos positivos das aulas observadas, as atividades criativas, as soluções imediatas e mediações de conflitos, as respostas atitudinais e a participação dos alunos às aulas e, também, os pontos desafiadores, por exemplo, a

---

<sup>23</sup> Além disso, a temática do Circo na Educação Infantil, acabou se tornando o tema do Trabalho de Conclusão de Curso que concluí no primeiro semestre de 2016, e, os escritos do Diário de Campo, neste Estágio, foram de suma importância para a realização do Trabalho.

não participação de alguma criança, o tempo excessivo em alguma atividade ou orientação, os planejamentos que não deram muito certo, dentre outros. Cabe salientar que a característica que esteve presente nesses encontros foi o diálogo, tanto com a Supervisora, quanto com os Monitores e com os colegas de Estágio, que a cada dia, se mostrava um grupo que se ajudava mutuamente, mas que, também, manifestava suas críticas de modo construtivo e respeitoso, o que acabou por contribuir na relação de pertencimento que estávamos construindo com a escola, na organização e na materialização das aulas de Educação Física e em nossa construção como docentes deste Componente Curricular. Por exemplo, a partir dessa relação dialógica, eram propostas soluções para os problemas existentes e vivenciados com a prática; ideias e sugestões de aulas e de atividades para aqueles que tinham dificuldades nos planejamentos, com a turma ou com alguma criança especificamente, dentre outros. Além disso, diversos acordos e combinações, incluindo o “agendamento” de espaços para as aulas de Educação Física, foram sendo feitos, muitos através de aplicativos de comunicação via celular, como o “*Whatsapp*”, tornando essa ferramenta vital para a rotina de nossa experiência pedagógica na escola.

#### **4. CENA 3: A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

A partir da observação realizada na turma que faria o Estágio, fui organizando o Plano de Ensino, delineando os objetivos a serem alcançados com as crianças e as estratégias metodológicas para tais. Procurei trabalhar com a turma elementos como socialização, criatividade, autoconfiança e autonomia.

Nesse sentido, organizei Planos de Aula que permitissem as crianças, de certo modo, ajudar na organização e na condução da aula, semelhante à proposta de Concepções de Aulas Abertas, sugerida por Jürgen Dickert e Reiner Hildebrandt-Stamann. A partir disso, aproximando da sugestão de Lira Neto (2011), as aulas só passariam a ter um caráter aberto, após a introdução do seu conteúdo, neste caso, os conhecimentos circenses, para que a aula não perdesse sua temática. Assim, além de planejar aulas que envolvessem esses aspectos, assumi uma postura durante as aulas que permitiu uma interação (com as crianças e com os conhecimentos da cultura corporal de movimento) a partir desses elementos.



Das aulas trabalhadas no Estágio, destaco duas que me marcaram nessa etapa de constituição da docência. É possível pensar que, ambas, representam um breve apanhado de eventos que marcaram minhas aprendizagens, desafios e conquistas na construção docente.

#### **4.1 O AUGE DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

A primeira das aulas de Educação Física que relato nessa sessão, intitulei “o auge”, porque, de fato, em minha perspectiva, foi uma das melhores aulas, considerando planejamento, envolvimento da turma e soluções imediatas para algumas circunstâncias desafiadoras ocorridas. A segunda, será abordada na sessão seguinte e nomeei “o declínio instantâneo”, por ter ocorrido duas aulas após “o auge” e ter tomado dimensões, de certo modo, catastróficas para um docente iniciante. Posteriormente, relato outra experiência, intitulada “a retomada”, analisando e compartilhando de que modo essas aulas tiveram seus desfechos em minha prática pedagógica e as aprendizagens delas decorrentes.

O auge das aulas de Educação Física – planejadas e realizadas no Estágio –, ocorreu na primeira aula da Unidade Didática de Acrobacias. Neste momento, já tinha realizado duas avaliações satisfatórias com a turma: uma na Unidade de Malabarismo e outra na de Equilibrismo. Percebi, através da avaliação, que as aulas vinham crescendo nos quesitos “domínio da turma” e no “grau de complexidade das atividades”, práticas não tão fáceis de realizar em um curto período de tempo, como é o caso da experiência de Estágio. Minha criatividade estava fluindo e, por isso, estava conseguindo planejar as aulas com diversos elementos e estratégias metodológicas, considerando as necessidades e as aprendizagens já realizadas com as crianças.

Nessa aula, planejei um cenário para que uma história narrada se concretizasse. Assim, escolhi uma história envolvendo acrobatas, um rei e um castelo o que proporcionava um objeto símbolo de grandiosidade e a possibilidade de materializá-lo com os materiais disponíveis na escola, aproximando, assim, fantasia e realidade, a partir do universo simbólico dos alunos. Nesse sentido, antes de começar a aula, fui até a sala em que a aula iria acontecer e montei um castelo com os diversos materiais estofados em cima de uma piscina de bolinhas. Minha expectativa

era de que o castelo não se desmontasse enquanto conversava com as crianças na sala de aula, antes de nos deslocarmos para esta sala.

É necessário narrar que neste dia, estava acompanhado da Supervisora de Estágio e a aula seria observada por alguns acadêmicos da ESEFID/UFRGS que estavam cursavam, naquele momento, a Disciplina de “Fundamentos da Educação Física na Educação Infantil”, que antecede o Estágio neste nível de ensino. Ou seja, esse grupo iria observar a aula, assim, tínhamos “visita”, observadores externos que, mesmo não tendo intenção, na perspectiva de quem está iniciando à docência, quem observa “de fora”, está fazendo julgamentos, críticas e avaliações. No entanto, comecei a contar a História do Castelo, ainda na sala de aula. Narrei que, naquele castelo – que era vermelho e azul, com paredes internas douradas – habitava um rei que adorava pessoas alegres e acrobacias. Detalhei as cores porque eram exatamente as do castelo que havia montado, de maneira a tornar a história mais convincente quando as crianças o percebessem. Expliquei e exemplifiquei as acrobacias que ocorriam no interior do castelo. Continuei a história contando que em uma manhã, o rei acordou com muito sono e bateu o dedo do pé no canto da cama, ficando, com isso, muito irritado. Tão irritado e bravo ficou o rei, que expulsou todas as pessoas do castelo, mesmo aqueles acrobatas que lhe traziam tanta alegria. Por ter o castelo, se tornado um lugar tão solitário e triste, uma bruxa lançou uma maldição ao rei, tornando-o invisível, surdo e mudo. Cabe destacar que esse elemento da história serviu para que, com o “apito mágico”, o professor (eu) fosse o único que pudesse se comunicar com o rei e identificar o que este último necessitava, visto que agora ele não ouvia nem falava. Finalizei a história, contando que o feitiço poderia ser quebrado se um grupo de crianças fosse até os portões do castelo e fizessem acrobacias que pudessem alegrar novamente o rei.

Nesse momento, nos deslocamos para a sala que aconteceria a aula de Educação Física, e, ao entrar no ambiente, as crianças se surpreenderam ao ver o castelo da história ali materializado. Identifiquei que essa estratégia me possibilitou certa vantagem para seguir com a aula e conseguir o tão chamado domínio de turma, pois as crianças tinham entrado na história e estavam dispostas a mostrar suas acrobacias para fazer o rei feliz novamente. Elas tinham aceitado o desafio.

A partir disso, realizei toda a parte inicial da aula de experimentação acrobática, com o apoio do rei dentro do castelo, e, o meu “tradutor” (apito mágico),

inventando uma atividade semelhante ao “chefe-manda”. Nessa atividade inicial, os observadores externos se colocaram em um canto da sala para não interferirem no contexto.

Em um segundo momento da aula, desmontei o castelo para uma atividade de saltos na piscina de bolinhas. Para tanto, estabeleci alguns acordos pedagógicos, criando um fosso imaginário entre a área das crianças e o espaço que se encontrava o castelo. Assim, nesse fosso, que era representado por uma região do piso de tatame de cor diferente, cada aluno só poderia atravessar quando a ponte (objeto de espuma que antes fazia parte do castelo) fosse abaixada pelo professor.

Após refletir sobre a aula e identificar os pontos positivos que contribuíram com o sucesso desta, percebi que as diferentes estratégias utilizadas, por exemplo, a história narrada, a construção simbólica e real do cenário, os materiais diversos e coloridos utilizados, as logísticas e os encaminhamentos durante a aula, contribuíram para que, nessa aula, os objetivos e as intenções pedagógicas fossem alcançados. Aprendi que escuta atenta e atenção ao que estava acontecendo na aula foram imprescindíveis para que algumas adversidades fossem contornadas. Pensei, ao final, que havia chegado a um platô e tinha encontrado a fórmula ideal de lidar com a turma, e que isso significava, que não teria maiores problemas e/ou desafios nas próximas aulas. Era só seguirmos até o final do Estágio. Ledo engano.

## **4.2 O DECLÍNIO INSTANTÂNEO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO ESTÁGIO**

Após a aula narrada na sessão anterior, realizei a seguinte envolvendo acrobacias aéreas e, a posterior, foco de análise nesta sessão, foi de grande aprendizagem e, de certo modo, impactante em minha iniciação à docência. Nesse dia, não só questões de logística da aula, mas alguns fatores externos, incluindo eventos do Calendário Escolar (que tomamos conhecimento após a realização da aula), acabaram interferindo, negativamente, nesta.

O planejamento desta aula consistia em uma sequência de exercícios diversos envolvendo obstáculos no chão. Cada sequência apresentava um desafio novo, envolvendo uma tarefa motora específica. Ao final, faríamos uma torre com esses objetos no centro da sala em homenagem ao rei da história anterior, que envolvia e encerrava a Unidade de Acrobacias. O Plano estava claro, entretanto, percebi algo

diferente na turma quando entrei na sala de aula: de imediato identifiquei que todas as crianças estavam presentes naquele dia, inclusive, alunos que não conhecia, pois era a primeira vez que participavam da aula de Educação Física. A sala que realizava as atividades, que até aquele dia, comportava o número médio de crianças que participavam da aula, naquele momento, me pareceu pequena para toda a turma. Contudo, segui confiante no planejamento e na relação que já tinha construído com as crianças. Conversei sobre como seria a aula do dia, recapitulando o que havia falado na aula anterior. Ou seja, sempre no final da aula, anunciava como seria a aula seguinte, para que as crianças percebessem a continuidade da atividade e para gerar certa motivação. Assim, não julguei ser uma boa alternativa, trocar a atividade naquele momento sem um motivo real satisfatório, o que poderia ser desestimulante. Destaco outro elemento que chamou minha atenção inicial: as crianças estavam ansiosas além do que já tinha observado até o momento, entretanto, não me importei tanto com esse detalhe, e segui em frente.

Do mesmo modo que na aula anterior, havia deixado a sala preparada para a atividade, pois acredito que esse foi um aprendizado do Estágio. Lembro que, como a turma estava completa, pude confirmar que esta sala estava, de fato, pequena para as 22 crianças. Assim, para que a turma pudesse entrar na sala de modo a não comprometer a organização do espaço e do material, sugeri que as crianças ficassem em uma das paredes laterais para que a “fila” (formação escolhida para a aula) ficasse reta. Por fim, mostrei a atividade, expliquei cada obstáculo e seus possíveis desafios. Não realizamos nada de diferente do que já fazíamos em aulas anteriores. À medida que as primeiras crianças foram completando o percurso, pedi que esperassem encostadas na parede do fundo da sala (lugar para o qual o último obstáculo coligava). O túnel era o obstáculo que ficava por último e logo que as primeiras crianças acabavam a atividade, começavam a interagir com os colegas que ali chegavam, bloqueando a passagem e gerando algum contratempo no local.

Neste momento, é necessário comentar dois elementos importantes que somente me conscientizei, após sucessivas reflexões sobre a aula. Primeiro: há situações áulicas que devemos “evitar”, antes que se transformem em “possíveis tragédias”. Em meu caso, a interação excessiva das crianças quando finalizavam o percurso e iam “para o final da fila”, associada ao fato de ficarem esperando sua vez de realizar novamente a sequência, não poderia ter um desfecho feliz. Até percebi

que o pequeno contratempo estava excessivo, mas não fiz nada para desviá-lo de sua rota. Aquele seria um bom momento de parar e conversar com a turma sobre a organização da aula, contar alguma outra história para chamar sua atenção para a atividade, ou, alguma outra estratégia que lhes comprometessem com a atividade. Segundo: naquela aula, havia combinado com a professora regente que não necessitaria intervir na aula, para me deixar mais a frente da turma, pois já estava mais seguro no papel de docente de Educação Física.

Assim, segui com a atividade. E, encaminhando-me para o final da aula, a turma pediu para repetir a sequência de atividades. Como tinha tempo disponível, acatei a solicitação. Entretanto, dessa vez, as crianças se mostraram ainda mais agitadas, e, para controlar a turma lancei mão de algumas estratégias, sem sucesso: remeti à história do rei para que se comportassem, pedi individualmente para algumas crianças que colaborassem com o bom andamento da aula, tentei envolver as crianças que aguardavam na fila, pedindo-lhes que torcessem pelos colegas que estavam realizando a atividade, dentre outras. Essa última estratégia funcionou por certo tempo, pois conteve o ânimo da turma, além de extravasar a energia acumulada com a torcida. Em contrapartida, isso os colocou em um estado de agitação ainda mais frenético e, ao fim da atividade, foi impossível contê-las.

Nesse momento, percebi que a aula estava escorregando por minhas mãos, e, a atividade reservada para a volta calma foi inexistente. No lugar dela, as crianças tomaram conta da aula, brincando livremente de maneira muito agitada nos brinquedos da sala, sem considerarem o que lhes era solicitado. A tentativa de conter todas foi em vão. Algumas foram contidas por nós e pela colega de Estágio que era apoio nesta aula, porém, logo elas voltavam a brincar, não resistindo à tentação ao ver seus colegas se divertindo tanto. Procurando conter o caos estabelecido, tomei uma decisão: optei por chamar a atenção em um tom de voz elevado (já que tinha esquecido o “apito mágico” na mochila, guardada em outra sala). Como o barulho da sala era grande devido à agitação, não me restou alternativa, a não ser gritar. E descobri que o grito não funcionou. Procurando lidar com os imprevistos na aula e, de certo modo, “agir na urgência” (PERRENOUD, 2001), de modo impensado, refleti que o melhor a ser feito era desmanchar a piscina de bolinhas (uma vez que suas paredes eram conectadas por um velcro), pensando que, acabando com o brinquedo mais atrativo da aula, a possível desordem também seria desfeita. Só que para minha

surpresa, ao desmanchar o brinquedo, todas as bolinhas rolaram pela sala, aumentando a agitação e a alegria da turma.

Após alguns segundos de uma sensação que apenas consegui comparar a um transe coletivo, e, para recuperar as crianças desse estado, tive que removê-las uma a uma da sala, informando que a aula de Educação Física havia terminado. À medida que a sala foi se esvaziando, as crianças que ainda insistiam em brincar com as bolinhas no chão, foram diminuindo o ritmo e encerrando a brincadeira. Finalmente, toda a turma estava do lado de fora da sala, se preparando para retornar a sala de aula. Sem demonstrar emoção alguma (tanto de frustração, quanto de raiva ou de tristeza), esperei a turma se organizar e voltei para sala, somente conversando o necessário para que o retorno acontecesse. Percebi que esse silêncio foi algo novo para a turma, pois estavam esperando alguma conversa mais séria ou, até mesmo, um "sermão" sobre o que tinha acontecido na aula. Em seguida, algumas crianças iniciavam um choro, entendendo alguma parcela de "culpa" sobre o ocorrido. Na sala de aula, com a turma sentada em círculo, conversei sobre o que aconteceu na aula e manifestei certo descontentamento com a prática. Ao sair da sala, sabia que teria que fazer algo na próxima aula para retomar a turma e o que já tinha conquistado até o momento, mas não tinha a mínima noção do que seria isso.

### **4.3 A RETOMADA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO ESTÁGIO**

É importante destacar que não foi tarefa fácil escolher ou adotar uma postura para retomar as aulas. Escolhi, assim, dar um tempo ao tempo. Na aula seguinte, planejei uma atividade de desenho, alterando o Plano de Ensino e antecipando uma aula do conteúdo de Artes, apenas como forma de acalmar os ânimos, tanto dos alunos, quanto dos professores. Buscava uma atividade que tivesse a menor chance de iniciar um novo conflito.

Junto a isso, tive a oportunidade de trabalhar em uma apresentação de Circo da Companhia Atmosfera de Porto Alegre/RS, que regularmente trabalho. Aproveitei para buscar "na fonte" alguma saída para a situação vivida no Estágio. Além disso, pude reviver o ambiente circense e aproveitar a oportunidade para complementar, com o repertório da apresentação, a aula seguinte com a temática do palhaço.

Esse tempo de ponderação foi fundamental para minha prática e reflexão sobre ela. Li novamente o Diário de Campo e pude observar os pontos fortes das aulas realizadas. Identifiquei que o problema não estava localizado somente na abordagem pedagógica, e sim, que fatores externos, influenciam de modo significativo nossa prática pedagógica. Tomei conhecimento, posteriormente, que, naquele dia que denominei de “declínio instantâneo”, era o dia dos aniversariantes do mês na escola, evento que, no turno da tarde, ocorria uma grande festa para celebrar o aniversariante do mês em pauta, e, por isso, todas as crianças estavam presentes e, também, agitadas e ansiosas pela celebração.

Fui me dando conta que a turma sempre foi aberta ao diálogo e a maturidade das crianças permitia que entendessem acordos e regras. Decidi, a partir disso, seguir com o planejamento de conteúdos e que procuraria encontrar um equilíbrio para as próximas aulas, e, assim, fui estabelecendo um novo acordo pedagógico, explicando-o muito bem para a turma. Do mesmo modo, lembrava as crianças constantemente do acordo, e, quando havia alguma transgressão negativa, procurávamos conversar sobre o fato imediatamente, sendo reforçados os argumentos. Desse modo, retomei a confiança para usar a criatividade nas aulas sem receio de que algo não desse certo, e, percebi que o vínculo com as crianças foi se fortificando.

## **5 CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS**

Durante o período de Estágio, aprendi, através do convívio contínuo com a turma, que minha compreensão sobre o desenvolvimento e as necessidades de cada criança, foi se ampliando. Com o passar do tempo e das aulas, fui compreendendo as dificuldades e as conquistas de cada uma, e, encontrando soluções particulares para situações diárias diversas que ocorriam nas aulas de Educação Física.

Do mesmo modo, conversas com a Coordenadora Pedagógica da escola, foi importante para compreender a realidade de vida de cada criança. Esses *feedbacks* foram fundamentais para que pudesse assumir, a partir desse mosaico de informações, uma postura pedagógica como professor.

Através dessa experiência, foi possível observar que o Circo e seus elementos se mostraram um significativo conhecimento da cultura corporal que pode e deve ser trabalhado na Educação Física na Educação Infantil. A partir dele, me apropriei de

cenários fantasiosos, das mais diferentes modalidades de exercício físico, do interesse dos alunos pelo tema, dentre outros elementos, para planejar as aulas de Educação Física. Destaco, ainda, que minha experiência nessa área, também facilitou o planejamento das aulas e as pequenas demonstrações que realizava com as crianças.

Contudo, ressalto que, em minha perspectiva, a principal influência que o Circo teve em minha prática pedagógica, foi na maneira leve de encarar cada dia de Estágio, compreendendo os alunos como crianças que têm a necessidade e o direito de realizarem experimentações diversas, com o compromisso de construir aprendizagens significativas da cultura corporal de movimento e de serem felizes no ambiente escolar e nas atividades que realizam.

Um dos aprendizados que ficou mais forte nesse Estágio foi que a “boa aula” não depende de um modelo perfeito e estático para a sua realização. A constância da observação diária, a compreensão das características da turma e a capacidade de decisão e de ação, a partir dos imprevistos que permeiam a docência, é o que pode influenciar se a aula planejada terá seu potencial elevado ao máximo, ou, se deixará que seus elementos didáticos se percam, tornando-se esvaziada de sentido.

Além disso, é importante lembrar que, na docência, atuamos com seres humanos em formação, de livre pensamento e que estão passando por constantes mudanças. Nessas circunstâncias, a teoria e o conhecimento tiveram de se fundir com a criatividade e a arte (do Circo) para proporcionar essa experiência única. Esses elementos, seguramente, foram experimentados e melhorados com o auxílio do Diário de Campo e com as conversas entre colegas, Supervisora, Monitores e professoras da escola.

Para finalizar, ressalto que trabalhar com a temática do Circo foi um trabalho árduo e complexo, entretanto, de nenhuma maneira maçante, pois além de gratificante pela aquisição de experiência no campo pedagógico, as aulas foram gratificantes pelo reconhecimento que a escola e as crianças tiveram do trabalho que foi realizado.



## 6. REFERÊNCIAS

BORLETO, M. C.; PINHEIRO, P. H. G. G.; PRODÓCIMO, E.. **Jogando com o circo**. São Paulo: Fontoura, 2011.

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B.. **Ginástica, dança e atividades circenses 3: Práticas corporais e a organização do conhecimento**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2014.

LIRA NETO, J. F.. Epistemia das concepções abertas no ensino da educação física: o legado de Jean Piaget. **Revista Digital do Paideia**, v. 2, n. 2, p. 359-375. Out. 2010-Mar. 2011.

MOLINA NETO, V.; FRIZZO, G. F. E.; SILVA, L. O. e. O trabalho pedagógico do professor como eixo articulador da formação, da pesquisa e do ensino do professorado de educação física. **Cadernos de Educação**, Pelotas, p. 100-118, set. 2013.

PERRENOUD, P.. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

# AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Alexandra D'Avila<sup>24</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

A Educação Infantil compreende a primeira etapa inicial da Educação Básica e tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança de 0 a 6 anos (BRASIL, 1996). De acordo com o Artigo 22 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996): "A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores".

Ao refletir sobre a Educação Infantil, uma das memórias que me ocorre, são algumas concepções teóricas que aprendemos durante o Curso de Licenciatura em Educação Física, especialmente, as aprendizagens construídas sobre o planejamento, o desenvolvimento e a avaliação de Propostas de Trabalho para a Educação Infantil. Por exemplo, pensar em práticas pedagógicas que tenham orientações definidas e claras; a importância de manter uma rotina constituída para as aulas; o estabelecimento dos acordos pedagógicos com a turma; entre outros elementos que nos guiam para que consigamos realizar nossa proposta de aula, seja na Educação Física ou qualquer outro Componente Curricular, de forma a obtermos sucesso em nossa prática pedagógica.

Entretanto, ao realizar o Estágio de Docência na Educação Infantil, no segundo semestre de 2015, aprendi que as orientações supracitadas, não tratam de uma "receita de bolo" e, por vezes, essas dicas "milagrosas" não funcionam tanto quanto gostaríamos, especialmente, quando nos deparamos com crianças que estão carentes, primeiramente, de afeto, e não de regras e de limites.

Este texto procura refletir sobre a experiência construída no Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, enfatizando a importância da relação professor-aluno, e, a partir disso, procura enfatizar a importância de se

---

<sup>24</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS. Bolsista do Programa de Educação Tutorial/PET – Educação Física da UFRGS. E-mail: alexandra.sdavila@gmail.com.

compreender o contexto que a criança vive e os motivos que guiam algumas de suas atitudes e comportamentos nas aulas de Educação Física.

## **2. EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES INICIAIS SOBRE AFETIVIDADE**

A Educação Física é um dos momentos em que a relação professor-aluno é diferenciada e desafiadora, pois trata de um período que alunos e professor estão mais expostos e abertos para o diálogo e a intimidade, pois, é a partir desses momentos que podemos perceber o aluno para além do que manifesta na sala de aula, procurando compreender os motivos que o levam a determinados comportamentos, atitudes e manifestações. De acordo Oliveira (2002):

O estudo do papel do educador junto às crianças não pode descuidar das relações que elas estabelecem entre si nas diferentes situações. Atos cooperativos, imitativos, diálogos, disputas de objetos e mesmo brigas, entre tantos outros, são grandes momentos de desenvolvimento. Todas essas situações são frequentes nas creches e pré-escolas, devendo os professores criar situações para lidar positivamente com elas (p. 141).

Quando vamos para o pátio com uma turma de Educação Infantil, assumimos a tarefa de realizar uma aula ao ar livre, longe das paredes que cercam uma sala de aula e de toda a possível "segurança" que a sala passa, seja pelo domínio da turma sem interferências externas, ou, pela segurança de algum risco de "acidente" que possa acontecer às crianças: quedas, confrontos, corridas sem motivo, dentre outros elementos. Portanto, a aula de Educação Física se torna um momento em que diversas observações podem ser feitas.

Sair dessa aparente "segurança", por vezes vivida nas aulas de Educação Física, especialmente por todo cuidado que está presente na Educação Infantil, pode significar sair da "zona de conforto", e, por alguns momentos, podemos manifestar algumas atitudes um pouco rígidas e, até mesmo autoritárias, muito mais em função do medo de perder o controle da turma e não conseguir realizar a proposta de aula – o que faz com que deixamos um pouco de lado a afetividade necessária para com a turma –, do que por pensarmos que essas estratégias garantam, de fato, a segurança da aula. Entretanto, será que é através de atitudes de chamar a atenção, de censurar alguma ação, ou, de impor alguns limites que conseguiremos a atenção dos alunos? Será que só isso é necessário para termos o domínio de uma turma? Esses eram

alguns questionamentos que vivi durante a realização do Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil.

Neste Estágio, pude perceber que as regras e os limites são necessários para conseguirmos desenvolver nossa aula de forma satisfatória. No entanto, aprendi que somente esses elementos não garantem o sucesso da aula e não funciona com todas as crianças. Percebi e aprendi, no Estágio, que é preciso saber o que se passa com nosso aluno dentro e fora da Escola, saber por que, naquele dia, por exemplo, se comportou daquele jeito, compreender o que está acontecendo em sua vida naquele momento que o levou a agir daquela forma, pois a vida pessoal/familiar influencia muito nas atitudes da criança no dia a dia e, por conseguinte, na escola e nas aulas de Educação Física.

Realizamos o Estágio de Docência em uma Escola Pública de Educação Infantil da cidade de Porto Alegre/Rio Grande do Sul. Nesse contexto, pude concretizar uma Proposta de Trabalho de Educação Física em uma turma de Jardim A dois, com aproximadamente 25 crianças, de 04 a 05 anos de idade. E, a partir dessa experiência, pude aprender e muito.

Nesta Escola, me deparei com um significativo desafio: um menino de cinco anos que estava apresentando algumas dificuldades de comportamento na Escola. Quando eu chegava para aula de Educação Física, ele já estava sentado separado da turma em algum canto da sala de aula e a professora de turma já vinha me avisar que ele tinha acontecido. Antes mesmo de iniciar as aulas do Estágio na escola, ainda no período inicial de observação da turma, já havia sido alertada de que ele “era uma criança agitada e sem limites” (Diário de Campo, 14/09/15).

Mas por que será que ele era assim? No começo do Estágio não me fazia essa pergunta e só planejava minhas aulas e me preparava para chegar à aula e lidar com suas ações. Quando não se comportava, eu tirava da aula; brigava com algum colega, saía da aula; corria para todos os lados, sentava para refletir; não me ouvia quando estava explicando a brincadeira, ficava um tempo com a professora regente, ou seja, ficava mais saindo da aula de Educação Física do que participando dela. Conforme foram passando os dias de nossas aulas, fui me dando conta de que toda aula, em algum momento, eu o tirava sem pestanejar, pois já havia se tornado algo automático e eu comecei a pensar: “Isso não está certo, eu não posso deixar ele de fora das aulas, alguma coisa diferente eu preciso fazer”.

A partir dessa reflexão, resolvi conversar com a professora da turma para saber mais sobre ele, procurando identificar algo que pudesse me ajudar a lidar com ele nas aulas de Educação Física. Após essa conversa, descobri tinha acabado de ganhar um irmão e havia deixado de ser o caçula da família. Procurando compreender ainda mais o contexto, conversei com a Coordenadora Pedagógica da Escola, que me informou que a família havia, até mesmo, trocado de Pediatra, pois foram questionados sobre a forma que estavam lidando com ele, a partir da chegada do irmão.

Depois das referidas conversas, comecei a refletir sobre o contexto vivido fora da escola, e que eu não poderia ignorá-lo, e sim, procurar uma forma de lidar com a situação, de modo a minimizá-la, para que ele pudesse participar da aula de Educação Física do início ao fim. A partir desse momento, adotei como estratégia pedagógica, uma ação contrária a que eu vinha utilizando até então: procurei construir uma relação de proximidade com ele, uma relação de parceria que fizesse com que se sentisse parte das aulas, estimulado, não somente a participar (porque, de um modo e do seu jeito, ele participava), mas sim, participar motivado a fazer com que a aula desse certo, uma espécie de ajudante nas aulas.

Assim, em todas as aulas eu fazia uma roda de conversa ao final e aproveitava para dizer às crianças meus sentimentos sobre aquela aula e, do mesmo modo, ouvir os delas. Passei, ainda, a conversar com ele separadamente, para dizer o quanto estava me ajudando e como havia participado da aula. Fui percebendo que essas conversas estavam surtindo algum efeito, e, toda aula, mesmo sem eu pedir, ele já vinha me ajudar, ouvia atentamente as orientações e me ajudava a organizar a turma e os materiais utilizados no dia.

Essa aproximação com ele me fez perceber que muitas crianças podem ter algum tipo de manifestação por questões que estão vivendo em contextos fora do ambiente escolar, e, muitas vezes, o professor não se dá conta disso, e acaba por chamar a atenção da criança, por vezes, em demasia, quando poderia tentar conversar e ser mais afetuoso com essa criança, que, na verdade, só quer um pouco de carinho e de atenção.

Entendo que é possível ser um pouco difícil essa relação com a criança que, muitas vezes, acaba tumultuando uma aula. Eu mesma, em alguns momentos, percebia a diferença que era a aula quando ele não vinha. Contudo, isso acontecia

por eu não saber, ainda, como lidar com ele, não saber mais o que poderia fazer para que participasse da aula e realizasse as atividades propostas.

Quando parei para pensar sobre o assunto, tentando achar um meio de poder ajudar aquela criança, juntamente com o momento que procurei saber mais sobre a sua vida, dentro e fora da Escola, é que consegui mudar minhas atitudes, e, com isso, modificar as dele, também. Nesse momento, eu não ficava mais feliz quando ele não vinha às aulas, mas sim, quando ele vinha, participava e colaborava comigo e com os colegas.

As últimas aulas do Estágio foram à confirmação de uma estratégia didática e metodológica que posso pensar que tenha “dado certo”, mostrando que, muitas vezes, um pouco de afeto e de atenção é tão eficaz quanto chamar a atenção da criança para que realize o que estamos pedindo.

Durante as aulas seguintes, em alguns momentos, é claro que precisei chamar a atenção dele novamente, pois, em alguns momentos acabava se distraíndo e perdendo o foco da atividade. Entretanto, era de um modo diferente: antes ele fazia para confrontar, de certo modo, até propositalmente, e, nesses momentos finais, se eu precisava chamar sua atenção, era porque a empolgação na aula era tanta que ele, por ora, perdia o controle de sua euforia.

### **3. REFLETINDO SOBRE A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A Educação Infantil é uma fase de extrema importância para o desenvolvimento social da criança, principalmente quando se inicia a vida escolar. É nesse momento que se criam as relações sociais fora do ambiente familiar e se constrói vínculos bastante significativos. De acordo com Amorim e Navarro (2012):

A instituição de Educação Infantil é muito importante para a vida das crianças, pois é neste espaço que as crianças se incluem nas relações éticas e morais que constituem a sociedade na qual estão inseridos. E é nessa fase que acontece a formação de hábitos, atitudes, valores que constroem as bases da personalidade que devem estar fundamentadas na afetividade (p. 30).

É através da afetividade que construímos laços com a turma, que irão embasar nossa relação e o sucesso da aula, principalmente na Educação Infantil. As emoções têm uma parcela importante no desenvolvimento da criança. Se ela está alegre ou

triste, calma ou agitada, tudo isso está presente e pode ser um dos “termômetros” da aula de Educação Física.

A relação professor-aluno é constante no processo pedagógico e aprendi, no Estágio, que a afetividade é parte importante dessa relação, tanto com a turma, quanto com cada criança, individualmente. Através da afetividade o professor pode aprender a lidar com a criança, considerando suas emoções e seus anseios naquele momento, para conseguir sua participação nas aulas de Educação Física. Quando essa relação está bem estabelecida de forma positiva, a criança sente que tem ali alguém que pode contar. O contrário também acontece, por isso, é tão importante que se estabeleça um vínculo positivo com essa criança durante o processo pedagógico.

Quando temos a criança, de certo modo, que nos desafia, é preciso ter muito cuidado para não deixarmos marcas negativas nessa relação – enfatizando a todo o momento seus pontos não positivos –, pois essas marcas podem acabar reforçando suas ações, ainda mais se esta for à forma que ela tenha para conseguir a atenção que deseja ou que necessita.

#### **4. CONCLUSÃO**

A Escola, em sua grande parte, pode ser o primeiro contato da criança fora do círculo familiar, e, neste primeiro local, se constroem relações que podem deixar marcas para a vida toda. Por isso, nós, enquanto professores, temos o dever de fazer com que essas relações sejam realizadas da melhor forma possível, seja a relação com a turma, seja a relação professor-aluno.

De acordo com Santini (1997, p. 1): “As Escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores”.

Aprendi, na realização do Estágio, que a criança que, muitas vezes, em nosso entendimento, “atrapalha” uma aula, pode estar passando por inúmeras dificuldades em sua vida pessoal e devemos prestar atenção no comportamento dessa criança, que pode estar precisando de ajuda, tentando chamar nossa atenção de forma equivocada.

Para finalizar, destaco que, muitas vezes, um olhar mais direcionado e um pouco de atenção, são fundamentais para a construção de uma relação pedagógica de construção de saberes e de aprendizagens para ambas as partes. Reforçar estereótipos de a criança pode contribuir para que se afaste cada vez mais e não se desenvolva de modo integral.

## 5. REFERÊNCIAS

AMORIM, M. C. S. De; NAVARRO, E. C.. Afetividade na Educação Infantil. **Revista eletrônica da UNIVAR**, n. 07, p. 1-7, 2012.

BRASIL. Constituição. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, 1996.

OLIVEIRA, Z. M. R.. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

SALTINI, C. J. P.. **Afetividade & inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.



## METAMORFOSES POSSÍVEIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Letieli Cristina de Souza<sup>25</sup>

### 1. INTRODUÇÃO

Entendemos o aluno como protagonista de sua própria aprendizagem e crescimento pessoal. E, de certa forma, esse entendimento se tornou evidente durante o período de contato com as crianças na escola, na realização do Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, no segundo semestre de 2015.

Para o professor, não basta apenas ter atividades que ocupem o tempo estipulado para a aula, neste caso, de Educação Física, é preciso reinventá-las. Tornar estas atividades atraentes e que compreendam o mundo que as crianças vivem, seja no seu contexto sociocultural, ou, o mundo da magia e do faz de conta, que permeia a etapa de desenvolvimento das crianças dessa faixa etária.

Durante o período de preparação que vivenciamos antes de iniciarmos a prática pedagógica do Estágio, medos e anseios tomavam conta de meus pensamentos. O que fazer em determinada situação? Como tratar as crianças de acordo com suas peculiaridades? E quando a atividade não agrada? Como se portar em casos mais sérios que talvez envolvam abusos, agressões ou outros? E quanto ao choro? Dentre tantos questionamentos pessoais e/ou coletivos, nos encontrávamos na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para tentar mediar e acalmar essas e outras angústias.

Quando finalmente chegamos à escola que realizaríamos o Estágio, aqueles adultos em miniatura – modo como às crianças eram vistas em tempos históricos atrás – assustavam mais que andar sozinho à noite em um local desconhecido. “Certo, chegamos. E agora? É agora!”. Não tínhamos opções de fuga. Ao nos direcionarmos ao terceiro andar da Escola, para uma primeira conversa com a Coordenadora Pedagógica, entre um ou outro degrau, eis que para uma menina, pequena, expressão de sapeca e com o cabelo extremamente arrumado em dois rabinhos e seus cachos feitos. Essa menina nos olha e pergunta: “Quem são vocês? O

---

<sup>25</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). E-mail: letielics@gmail.com.

que fazem aqui?” (Diário de Campo, 17/08/15). Mais tarde, descobri que essa menina estava na turma que eu seria responsável por realizar as aulas de Educação Física. E a partir deste dia, seria uma das protagonistas de meu período de docência.

## **2. AS OBSERVAÇÕES INICIAIS E A TURMA DE ESTÁGIO**

Para nossa Proposta de Trabalho com o Componente Curricular Educação Física, durante o Estágio, organizamos um horário fixo de oitenta (80) minutos semanais, divididos em dois dias: segundas e quartas-feiras, das 8h 30min até às 9h 10min, em uma Escola Municipal de Educação Infantil, localizada na cidade de Porto Alegre/Rio Grande do Sul.

Após decidirmos com qual turma trabalharíamos durante o período de Estágio, o dia da observação (período que observamos a turma e sua rotina, antes de iniciarmos as aulas de Educação Física) carregava consigo todas as expectativas possíveis. A vontade de saber mais sobre a turma, com a finalidade de nos preparar para a prática, era muito grande. Fiquei responsável pela turma do Maternal 2 C, com aproximadamente 10 crianças, entre 3 e 4 anos de idade.

Ao primeiro encontro com a turma, já pude perceber o quão agitado esse grupo era. Segundo a Lista de Chamada, a turma contava com dez crianças, entretanto, uma não estava frequentando há algum tempo. Logo, a turma era constituída por três meninos e seis meninas. No dia da observação, a professora regente da turma apresentou-me e conversei com as crianças individual e coletivamente, em alguns momentos da manhã. Seguidamente, percebi o quanto eram carinhosas. Ao chegar à sala, todas quiseram abraçar e beijar, além de contar sobre si próprias. A professora foi muito importante neste primeiro dia. Falou-me sobre algumas crianças, entretanto não fixou características, pois o comportamento varia de acordo com as situações e as pessoas com quem elas estão se relacionando. E, já nesse dia, o centro das atenções nas aulas foi percebido imediatamente: fiquei novamente cara a cara com a menina que havia encontrado no corredor da escola.

### 3. OS ENCATAMENTOS DE UM UNIVERSO AZUL: ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Acerca das propostas que desenvolvi nas aulas de Educação Física, durante o período de Estágio, corroboro ao que Wendhausen (2015) destaca sobre conseguir proporcionar às crianças experiências de construção de possibilidades de movimento com o corpo, a partir daquilo que seja mais significativo para elas. É preciso organizar os temas a serem desenvolvidos nas aulas, de acordo com as características próprias e a forma de ver e compreender o mundo destas crianças.

Pensando em organizar e reinventar as propostas para a Educação Infantil, que considere o seguinte:

Para alcançar esse princípio é preciso que o adulto, que está com as crianças, desenvolva a capacidade de observação e registro de modo a capturar não apenas o que as crianças indicam/falam/sentem/experimentam, mas como elas fazem, ou seja, capturar a lógica de pensar, agir, experimentar o corpo, o espaço, o tempo, os objetos, as brincadeiras e as relações sociais que, muitas vezes, aos adultos parece sem sentido (BUSS-SIMÃO, 2015, p. 11-2).

Compreendendo essa necessidade de capturar a lógica das crianças, que se pode apontar uma diferença na constituição dos padrões de gênero que, por vezes, é imposta pela sociedade. O que pude observar, já nos primeiros dias de Estágio, é que o universo da turma não girava através dos conhecidos binarismos: rosa e azul, menina e menino, dentre outros. Como Buss-Simão (2015) nos diz, o tempo da infância é um tempo do lúdico, das brincadeiras, do faz de conta. E, imersa neste faz de conta, a turma se encontrava.

Segundo Bís caro (2009, p. 28):

Pode-se perceber que a visão de infância ao longo dos anos vem sofrendo transformações, estando estas voltadas para as necessidades das diferentes infâncias, suas especificidades, interesses, vontades variadas, de sociedade para sociedade e de cultura para cultura.

Na turma de Maternal 2 C, não encontrávamos aqueles estereótipos de meninas e meninos, em que as meninas mergulhavam em um universo cor de rosa e Barbies, enquanto os meninos concentravam-se em atividades com bolas e carrinhos, de

preferência na cor azul. Neste momento, as meninas são e querem o azul e os meninos, sim, brincam com bonecos.

Percebi que esses estereótipos estavam quebrados. Quanto às meninas, o mundo das fadas, princesas e castelos encantados ainda perdurava, mas isso não significava que não havia espaço para corridas enlouquecidas de carrinho, subidas em árvores ou corridas até cansar em atividades de pega-pega. Os meninos não se sentiam envergonhados por escolherem brincar de boneca, sentarem-se a frente da cozinha de brinquedo e perguntar o que a professora queria de comidinha. Esse debate sobre o que meninos e meninas podem ou não fazer, ainda não estava internalizado nas crianças, mas observei que, em algumas situações, a professora, de algum modo, lembrava, pois ouvi algumas dessas frases: "Senta que nem menina"; "Dá [falando com o menino] a boneca pra ela", ou seja, atitude que não é caracterizada pelo biológico do sexo, mas sim, um pensamento, a partir de uma construção social para o gênero. De acordo com Bísaro (2009):

A escola limita espaços, ela impõe o que pode e o que não pode, utilizando-se para isso de subterfúgios para instituir o que os meninos podem e o que as meninas podem, criando com isso, já no interior da escola, distinções de agrupamentos nos mais diferentes contextos [...] (p. 35).

É possível pensar que atitudes que procuram definir comportamentos de acordo com o gênero podem contribuir com a construção de uma educação sexista, que, futuramente, pode gerar desigualdades e rivalidades, mesmo que tais atitudes estejam ocultas.

#### **4. METAMORFOSES POSSÍVEIS**

Diferentemente dos outros oito colegas da turma, a menina que conheci no corredor da escola, foi a única criança que demonstrou reconhecer os traços sociais definidos para cada gênero. Isso não se apresentou tão forte nas primeiras aulas, mas conforme se passaram os encontros, pude perceber que isso cada vez mais a estava incomodando.

Os questionamentos sobre se podia ou não realizar tal movimento pelo fato de "ser coisa de menino" estavam cada vez mais frequentes. Contudo, não a impedia de participar efetivamente da aula de Educação Física. Para tentar minimizar esses

estereótipos, durante a própria aula, reafirmava que meninos e meninas poderiam fazer tudo que era proposto na aula. Enfatizava que não teria nada de errado em meninas usar o azul ou meninos dançarem, pois ambos poderiam fazer de tudo, bastavam querer. Ela ficava um pouco pensativa, mas parecia aliviar-se com isso. Muitas vezes, durante o momento da roda de conversas que realizava no início e no final das aulas, conversávamos sobre estas questões, não somente para esclarecer diretamente a menina, mas para conversar com a turma que não havia – ao menos nas aulas de Educação Física – atividades que meninos podiam fazer, as quais as meninas não podiam, por exemplo. Reafirmava a importância de ambos terem direitos iguais. Nestes momentos, a turma trazia frases e afirmações ouvidas (penso eu) repetidamente fora do ambiente escolar: “Menina não deve correr!”, “Pega a blusa azul que é cor de menino”, “Larga esse carrinho guria!”. Motivos pelos quais me reforçou a importância sobre, de forma simples, desmitificar estereótipos de gênero durante as aulas de Educação Física.

Destaco, a partir deste momento, as primeiras impressões, não de forma geral sobre a turma de Estágio, mas sim, especificamente sobre a menina que me cativou desde a primeira visita na escola, e que, nas participações nas aulas de Educação Física, tornou-se protagonista desses encontros. Ela já demonstrava, desde os encontros iniciais, ser uma criança por vezes agitada, curiosa e espontânea. Sempre questionadora sobre tudo que estávamos fazendo ou acerca do seu cotidiano em aula e em casa.

Adaptou-se muito bem em relação às mudanças da rotina na escola, especialmente sobre as aulas de Educação Física. Compreendeu rapidamente as organizações para as atividades quando se mantinha concentrada na explicação, entretanto, por vezes, apresentou certo desafio com o comprometimento de determinadas regras. Quando o combinado para a aula não a agradava, tomava a iniciativa de realizar diferentes movimentos sem o consentimento da professora. Durante as primeiras aulas, ainda resistia em compartilhar ou alternar o tempo e a utilização dos materiais com os demais colegas da turma. Apresentava uma personalidade forte e sabia expressar muito bem o que lhe agradava ou não, fosse por meio de palavras ou de atitudes. De início, mostrava um comportamento mais enérgico em relação aos colegas, quando a situação fugia de seu controle. Por ser muito ativa, possuía, em alguns momentos, certa dificuldade de controlar a energia

expansiva em atividades que necessitavam de maior concentração, por exemplo: os momentos de avaliação, na roda de conversa, durante a explicação da professora ou na troca de atividades, envolvendo-se em conversas paralelas e ficando chateada quando se chamava sua atenção.

Pela insistência desses comportamentos, foi necessário repensar a forma de abordagem pedagógica com ela. Aula após aula era conversado rapidamente sobre os acontecimentos do dia e eu argumentava com ela que estava perdendo momentos de brincadeiras e de aprendizagens nas aulas que não participava. Isso não estava funcionando e a Supervisora do Estágio sugeriu-me que conversasse isoladamente com a menina. Foi o que fiz.

## **5. SOBRE A CONVERSA: CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS**

Ao terminar uma das aulas de Educação Física, despedi-me da turma e chamei a menina para conversarmos em outra sala. Foram aproximadamente dez minutos de atenção exclusiva, tanto minha, quanto dela. Pedi que me contasse o porquê daquelas atitudes nas aulas, tentei compreender se percebia o quanto, por vezes, interferia nas aulas, como eram suas atitudes com as professoras, sua relação com os colegas, e, por fim, refizemos novas combinações para as aulas posteriores. Reflito que aqueles minutos de atenção, de cuidado e de carinho, foram sementes plantadas que, nas aulas seguintes, promoveram pequenas mudanças.

Entendo que o fato de retirar uma criança da aula de Educação Física para que perceba o que está acontecendo e o que pode melhorar, nem sempre ajuda. É preciso olhar para o que esta criança nos diz e procurar organizar nosso direcionamento para aquilo que ela precisa. Esta conversa que tive com ela foi meu exemplo disto. A criança que antes era desafiadora e não conseguia cumprir as combinações da aula, que tornava minhas manhãs angustiantes e imprecisas, precisava, apenas, de um pouco de atenção para mostrar o seu lado cooperativo e solidário, não somente aos colegas, mas com os professores, também. Após a conversa, foi visível uma mudança.

A protagonista de meus desafios, em aulas subsequentes, tornara-se uma ajudante no meu processo de docência. A menina com quem antes desgastava minha voz de tanto chamá-la, presentemente, fazia o mesmo pelos colegas: colocava

direções. Compartilhava. Evitava brigas. Tornou-se merecedora de – ao início e fim das aulas – ser a primeira da fila, dar a mão à professora e ser elogiada pelos colegas. Percebi e aprendi que esta experiência foi a possibilidade concreta de uma metamorfose positiva.

## 6. REFERÊNCIAS

BÍSCARO, C. R. R.. **A Construção das Identidades De Gênero Na Educação Infantil.** Disponível em: <<http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8069-a-construcao-das-identidades-de-genero-na-educacao-infantil.pdf>>. Acesso em: 6 dez. 2015.

BUSS-SIMÃO, M.. Educação Física na Educação Infantil: compartilhando olhares e construindo saberes entre a teoria e a prática. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 9-21, jan. 2011. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1204>>. Acesso em: 5 dez. 2015.

WENDHAUSEN, Adriana Maria Pereira. Conteúdos, Linguagens e Possibilidades: o relato de uma proposta da Educação Física na Educação Infantil. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 31-45, set. 2012. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1847>>. Acesso em: 5 dez. 2015.

# ESTÁGIO DE DOCÊNCIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Míriam Stock Palma<sup>26</sup>

## 1. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Os Estágios de Docência na Formação Inicial têm sido reconhecidos como espaços de fundamental importância para a formação de professores, uma vez que, através dessa experiência, os acadêmicos têm a oportunidade de articular mais efetivamente as teorias educacionais aprendidas na Universidade com as práticas produzidas e realizadas na Escola de Educação Básica.

Em se tratando do Curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEFID/UFRGS), nossos estudantes frequentam os Estágios durante três semestres, atuando nos três níveis da Escola Básica: Infantil, Fundamental e Médio. Naquele momento, retornam à instituição escolar, não mais para cumprir seu ofício de estudantes, mas para se prepararem para outro: ser professor.

Esta obra, para além de registrar a organização desta Atividade de Ensino da ESEFID/UFRGS, dá voz aos principais atores desse cenário, os próprios estagiários, e visibilidade aos sentidos, sentimentos e aprendizagens por eles construídos nesse importante período de sua formação. Seus relatos não se limitam a nos contar sobre suas intenções e ações pedagógicas e, por isso, termos como escola, docência, crianças, professor, planejamento, prática pedagógica, intercalam-se com outros, como alegria, ansiedade, imprevisibilidade, paixão, insônia, superação, evidenciando claramente sua entrega à magia da docência.

Ao receber o convite para escrever algumas palavras sobre o Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil senti-me estimulada a compartilhar alguns dos desafios vividos ao longo desses mais de 32 anos como docente da ESEFID/UFRGS. A escrita deste texto foi, assim, uma oportunidade de revisitar o caminho por mim trilhado até aqui e de reafirmar a necessidade de nós, enquanto

---

<sup>26</sup> Doutora em Estudos da Criança pelo Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho/Portugal. Docente Adjunta da ESEFID/UFRGS. Coordenadora do Grupo de Estudos em Educação Física Escolar/GEEFESC da ESEFID/UFRGS. E-mail: miriam.palma@ufrgs.br.



educadores, estarmos constantemente abertos a ensinar, mas especialmente a aprender, uma vez que todo e qualquer conhecimento é efêmero. Muitos dos saberes produzidos há três, há duas ou há uma década foram e são importantes, mas, talvez, não suficientes para a compreensão e a leitura do mundo que nos cerca hoje; as concepções de infância, de criança, de escola, de educação e de escolarização, de ensino e de aprendizagem estão em constante processo de discussão/reflexão; todo dia somos apresentados a novos, rápidos e cada vez mais sofisticados meios de acesso à informação: esses e tantos outros fatos nos remetem à necessidade da aproximação entre a Universidade e a Escola Básica, facilitando o diálogo entre os diferentes atores dessas Instituições e a produção conjunta de conhecimentos.

Houve um tempo em que professor era o que ensinava e aluno, o que aprendia. Entretanto, todos, sem exceção, ao longo de todo o ciclo de vida, temos o que ensinar e o que aprender... e, se não for assim, muito fácil e rapidamente nossas vidas perderão sentido. Não há início ou final de semestre em que eu não me pergunte: este é o melhor caminho? Como tornar esta disciplina ou atividade de ensino melhor? Do que mesmo os meus estudantes precisam para se tornarem professores exemplares, competentes, dedicados aos seus futuros alunos e, além disso, comprometidos com a profissão que escolheram?

Tenho a convicção de que a carreira docente exige um repensar cotidiano sobre o fazer pedagógico em que a empatia seja concebida como um valor central nesse processo. Ser professor – em todos os níveis de ensino, inclusive no universitário – requer colocar-se no lugar do outro, porque as possibilidades são infinitas, quando o assunto se refere à percepção da realidade pelos sujeitos. Não aprendemos todos da mesma forma, não sentimos todos de maneira semelhante, não agimos todos de modo similar.

Nessa perspectiva, o supervisor de estágio deve estar consciente de que, ao receber seus estudantes, está frente a frente com sujeitos que foram construindo conhecimentos, crenças e valores, não somente ao longo da formação universitária, como durante todo o processo de formação pessoal e que, mais do que uma exigência acadêmica, o estágio se configura uma experiência de vida em que esses mesmos conhecimentos, crenças e valores poderão ser colocados à prova. Para Souza Neto, Sarti e Benites (2016), é esperado que os estudantes de Licenciatura considerem o estágio um dispositivo de formação profissional e formulem uma nova

concepção de si, não mais como estudantes, e sim, como professores, o que, no nosso entendimento, nem sempre se constitui tarefa fácil para os acadêmicos, porque exige deles a desconstrução e a reconstrução de saberes que, por vezes, os acompanharam ao longo de muitos anos, ou décadas.

Com o objetivo de permear o processo da formação inicial com a aproximação à realidade da Escola Básica, temos proporcionado aos acadêmicos, no âmbito de algumas disciplinas que antecedem os Estágios de Docência obrigatórios, algumas visitas a instituições educacionais para conhecerem suas estruturas e funcionamentos, observações de crianças em atividades espontâneas e em aulas de Educação Física, bem como, a possibilidade de ministrarem algumas aulas de tal forma a irem se familiarizando com contextos similares aos que se farão presentes nos estágios. Concordamos com Tardif e Lessard (2005), entretanto, que as experiências mais significativas nesta preparação para a docência serão dependentes do tempo e da permanência do acadêmico na escola para que possa (re)construir conhecimentos e ressignificar os contextos em que está imerso.

É na 5ª etapa do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS que, via de regra, os acadêmicos terão a oportunidade de frequentar o primeiro dos 3 estágios obrigatórios: o Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil. Até essa altura, raros são os estudantes que tiveram alguma experiência regular de docência com crianças desse nível de ensino e, por isso, o processo de entrada nessa atividade é marcado por sentimentos bastante diversos, dentre os quais se destaca a ansiedade, por terem de lidar com o desconhecido, saber o que é adequado fazer em cada momento, ter sua autoridade reconhecida pelas crianças, resolver conflitos durante as aulas, entre outros. Souza Neto, Sarti e Benites (2016, p. 320) destacam que, “[...] sentimentos de total vulnerabilidade e desamparo na situação de ensino podem ser paralisantes para os estagiários e professores iniciantes e gerar os abandonos precoces do magistério” e, enquanto supervisores de estágio, acreditamos que, neste momento, torna-se crucial ouvi-los e acolhê-los de tal forma que possam sentir que, efetivamente, estão e continuarão sendo acompanhados durante essa caminhada.

## 2. OS PRIMEIROS ENCONTROS

Nossos primeiros encontros na Atividade de Ensino do Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, são caracterizados pela alternância entre reuniões (entre supervisora e estagiários) e visitas às instituições/observações e acompanhamento das rotinas das turmas de Maternais e Jardins de Infância para que os acadêmicos possam, desde cedo, refletir sobre as teorias educacionais e relacioná-las à realidade de seu campo profissional, a partir da leitura desses novos cenários sociais, econômicos, culturais e políticos, nos quais passam a se inserir. Se até há algum tempo era considerado um bom professor aquele que detinha muitos conhecimentos relativos à sua área de atuação, hoje, temos o entendimento de que o processo ensino-aprendizagem exige do professor uma compreensão e conhecimentos que extrapolam, em muito, a especificidade do conteúdo a ser ensinado/aprendido. Que concepções de criança e de infância têm nossos acadêmicos? Quais as similaridades e as diferenças entre os contextos de vida desses futuros professores e os das crianças com quem trabalharão? Como é constituído o Projeto Político Pedagógico da escola em que irão exercer sua docência? Como elaborar um Plano de Trabalho adequado à realidade da sua turma? Como lidar com as diferentes manifestações de afetividade das crianças? Como estabelecer comunicação com as crianças, através de diferentes linguagens?

Esses e tantos outros questionamentos surgem e são debatidos em nossas reuniões, o que não seria possível sem que os acadêmicos saíssem dos muros da Universidade e passassem a vivenciar outras realidades, como as escolas, que são, na visão de Libâneo (2006), ambientes formativos imprescindíveis para a constituição de uma docência de qualidade. E assim, pesquisando os documentos oficiais da escola, conhecendo as dinâmicas da comunidade escolar, aproximando-se e sendo reconhecidos/acolhidos pelas crianças e pelos demais atores da instituição, dialogando com os pares e com a supervisora, os estagiários elaboram um diagnóstico da realidade, o qual os subsidia a pensarem, escreverem e desenvolverem seus Planos de Trabalho.

### 3. UM LEQUE DE EXPERIÊNCIAS

Após esse período inicial, os estagiários passam a dedicar dez horas semanais (em duas tardes) às atividades diversificadas do estágio no interior da Escola Infantil. Chegou a hora não só de conhecer a cultura escolar, como de fazer parte dela e de, efetivamente, poder experimentar um sentimento de pertencimento àquele contexto. Para Neira (2008), a cultura escolar carrega consigo hábitos, valores e costumes marcados pela diversidade de etnias, classes sociais e gênero, os quais julgamos de fundamental importância serem reconhecidos pelos nossos acadêmicos. Sendo assim, a partir de uma organização conjunta entre coordenação pedagógica da escola, educadoras, supervisora e estagiários, são criadas rotinas nas quais estes últimos terão a oportunidade de ministrar suas aulas, observar as de seus pares (colegas estagiários), acompanhar as atividades de suas turmas junto às educadoras, elaborar planejamento e registros em diário de campo, além de participar de reuniões semanais com a supervisora e os pares.

No processo de formação profissional em Educação Física na Educação Infantil, compreendemos a atuação do acadêmico junto às crianças como o ponto central desta atividade de ensino; entretanto, ela poderá ser enriquecida com os elementos citados acima. A observação de aulas de Educação Física ministradas pelos colegas é uma excelente oportunidade de o estagiário poder ampliar os conhecimentos acerca de cenários semelhantes (ou não) aos da sua turma, refletir sobre outras práticas pedagógicas possíveis e, através do diálogo com os pares, dar sua contribuição para um trabalho coletivo de qualidade. Considerando que os estagiários atuam junto a crianças de Maternais e Jardins de Infância, julgamos propício que eles também possam acompanhar as rotinas de suas respectivas turmas – durante parte do turno em que estão na escola – favorecendo, assim, uma interação mais aprofundada com o contexto da Educação Infantil, uma melhor compreensão da cultura infantil, além de viabilizar o estabelecimento de um vínculo afetivo mais profundo, especialmente com as crianças, mas, também, com as educadoras.

Outro aspecto importantíssimo na rotina dos estagiários constitui-se na escrita dos diários de campo, em que são registradas as atividades que efetivamente foram realizadas, bem como elaborada uma reflexão sobre a aula ministrada, o que

inclui, por exemplo, a participação das crianças, a interação entre elas e entre elas e os estagiários, os conflitos, a escolha do método utilizado, as demonstrações de emoções, o desenvolvimento motor das crianças e tudo o mais que os acadêmicos julgarem importante. Esse registro cotidiano tem sido considerado por eles um instrumento fundamental para a constante revisão de seu planejamento e, conseqüentemente, de sua prática, bem como para a elaboração dos pareceres das crianças, ao final do estágio.

As reuniões entre a supervisora e os estagiários ocorrem com frequência semanal e são momentos de crescimento mútuo, em que as mais diferentes situações vivenciadas no contexto do estágio são verbalizadas, em que juntos, buscamos soluções para os problemas surgidos, em que avaliamos e planejamos, enfim, em que os estagiários encontram o apoio de que precisam para continuarem na busca constante de um trabalho de qualidade.

É importante mencionar que as estratégias utilizadas durante o Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil da ESEFID/UFRGS foram sendo modificadas ao longo do tempo e também dependentes das possibilidades oferecidas pelas Escolas Infantis. Nesse sentido, o estreitamento das relações entre a universidade e as referidas escolas foi decisivo para uma melhor formação dos futuros professores e para que as crianças pudessem usufruir de programas de Educação Física de qualidade no contexto escolar.

#### **4. PREPARANDO-SE PARA FINALIZAR O ESTÁGIO**

Todos sabemos da importância de um bom planejamento para nossas práticas pedagógicas, ainda que, por si só, ele não seja garantia de sucesso. Para tanto, é indispensável que, ao longo de todo o processo de implementação de programas de Educação Física na Educação Infantil, haja uma reflexão quanto aos objetivos traçados, aos conteúdos desenvolvidos, aos métodos empregados e aos critérios de avaliação concebidos. Nossos estagiários têm sido estimulados, continuamente, a repensar o seu fazer pedagógico e, conseqüentemente, têm se esforçado para, sempre que necessário, corrigir os rumos dessa caminhada de tal forma a dar conta dos desafios impostos na docência. Nessa direção, ao se aproximarem do final desta etapa são convidados a produzirem uma autoavaliação e

têm a missão de elaborarem, com orientação da supervisora e embasados nos diários de campo construídos ao longo do semestre, pareceres descritivos sobre suas turmas e sobre cada um de seus estudantes. Esses pareceres, após revisados pela supervisora e pela coordenação pedagógica das escolas, são entregues aos pais em reuniões destinadas para tal fim.

## **5. EM TOM DE CONCLUSÃO...**

Ao longo de tantos anos de docência tenho testemunhado, através das atividades integradas de ensino, de pesquisa e de extensão – especialmente na área da Educação Física na Educação Infantil – mudanças profundas quanto às concepções do que é ser um bom professor. Especialmente a supervisão do Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil da ESEFID/UFRGS tem-me permitido fazer uma leitura mais fiel da realidade de nossas crianças, de nossos professores, de nossas escolas e, de forma mais próxima, da realidade desses e dessas jovens em processo de Formação Inicial, que acreditam na profissão que escolheram, que estão ávidos por aprender e dispostos a vencer os desafios impostos na docência para levar às crianças e jovens uma educação de qualidade através da Educação Física.

A mim, é especialmente instigante acompanhar esses jovens ao longo dessa caminhada, sabendo que ensino, mas muito aprendo com cada um. É fascinante vê-los felizes por terem dado uma boa aula, ou por terem cativado alguma criança, ou ainda, por terem conseguido mediar um conflito, depois de terem tremido dos pés à cabeça no seu primeiro dia de aula. É interessante vê-los confiantes em si próprios e saber que estão dando o melhor de si para se tornarem professores competentes e comprometidos com a educação na escola.

É certo que eles precisam sentir que não estão sós nessa caminhada: a supervisão constante, o acompanhamento e o diálogo com os colegas estagiários, o acolhimento da instituição escolar e a organização do currículo na Universidade são referências importantíssimas para que continuem acreditando em seus ideais e entusiasmados para atingir seus objetivos.

Para finalizar, reitero a necessidade de a Universidade assegurar tempos e espaços suficientes de formação para seus acadêmicos e desejo que os saberes

nascidos das experiências vividas nos espaços escolares possam ser considerados e socializados, como o foram nesta obra.

## 6. REFERÊNCIAS

LIBÂNEO, J.. Diretrizes curriculares da pedagogia: imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 96, p. 843-876, 2006.

NEIRA, M.. A cultura corporal popular como conteúdo do currículo multicultural da educação física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 1, p.81-9, 2008.

SOUZA NETO, S.; SARTI, F.; BENITES, L.. Entre o ofício de aluno e o *habitus* de professor: o desafio do estágio supervisionado no processo de iniciação à docência. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 311-324, 2016.

TARDIF, M.; LESSARD, C.. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.

## **SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES**

**Alexandra D'Avila.** Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS. Bolsista do Programa de Educação Tutorial/PET – Educação Física da UFRGS, Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil. E-mail: alexandra.sdavila@gmail.com.

**Cíntia Menezes Guimarães.** Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS. Bolsista de Projeto de Extensão Musculação da UFRGS, Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil. E-mail: cintia.mguima@hotmail.com.

**Guilherme Magalhães Testa.** Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS. Bolsista do Programa de Educação Tutorial/PET – Educação Física da UFRGS, Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil. E-mail: guimtesta@hotmail.com.

**Isadora Loch Sbeghen.** Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS. Bolsista do Programa de Educação Tutorial/PET – Educação Física da UFRGS, Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil. E-mail: isbeghen@hotmail.com.

**Jaciane Ferreira Brum.** Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS. Monitora Acadêmica da Disciplina de Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil da ESEFID/UFRGS (2015/02). Bolsista de Extensão Projeto Paradesporto da UFRGS, Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil. E-mail: jacif.brum@hotmail.com.

**Jamile Mezzomo Klanovicz.** Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS, Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil. Integrante do Centro de Memória do Esporte (CEME) e do Grupo de Estudos Esporte Cultura e História (GRECCO). Bolsista do Projeto Memória do Programa Segundo Tempo. E-mail: jamilemk@hotmail.com.



**Letieli Cristina de Souza.** Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS, Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/PIBID. E-mail: letielics@gmail.com.

**Lisandra Oliveira e Silva.** Doutora em Ciências do Movimento Humano pela ESEFID/UFRGS. Docente de Graduação da ESEFID/UFRGS. Pesquisadora do Grupo de Estudos Qualitativos Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte/F3P-EFICE da ESEFID/UFRGS, Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil. E-mail: lisgba@yahoo.com.br.

**Lisiane Torres.** Doutora em Ciências do Movimento Humano pela ESEFID/UFRGS. Docente de Graduação da ESEFID/UFRGS, Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil. E-mail: lisiane.torres@ufrgs.br.

**Maicon Pereira Moraes.** Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS. Bolsista do Laboratório de Pesquisa do Exercício da ESEFID/UFRGS, Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil. E-mail: maiconmoraes93@gmail.com.

**Míriam Stock Palma.** Doutora em Estudos da Criança pelo Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho/Portugal. Docente Adjunta da ESEFID/UFRGS. Coordenadora do Grupo de Estudos em Educação Física Escolar/GEEFESC da ESEFID/UFRGS. E-mail: miriam.palma@ufrgs.br.

**Pedro Lopez da Cruz.** Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS, Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil. E-mail: lopez.pedro1291@gmail.com.

**Rafael Martinelli.** Licenciado em Educação Física pela ESEFID/UFRGS, Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil. Foi Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/PIBID por dois anos. Integrou o Projeto de Extensão Grupo de Danças Tradicionais (TCHÊ/ESEFID/UFRGS) por um ano. E-mail: rafaelmartinelli2011@gmail.com.

**Simone Santos Kuhn.** Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS, Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil. E-mail: simonesantosk@gmail.com.

**Tiago de Matos Braga.** Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS. Monitor Acadêmico (2015/1 e 2016/2) e Voluntário (2015/2 e 2016/1) da Disciplina de Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil da ESEFID/UFRGS, Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil. E-mail: matosbraga@gmail.com.

**Vicente Molina Neto:** Doutor em Filosofia e Ciências da Educação pela Universidade de Barcelona. Docente de Graduação e Pós-Graduação da ESEFID/UFRGS. Líder do Grupo de Estudos F3P-EFICE da ESEFID/UFRGS, Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil. E-mail: vicente.neto@ufrgs.br.

